UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

NÚBIA LOPES SOARES

PROCESSOS METAPLÁSTICOS NA LIBRAS

Porto Velho-RO
2017

NÚBIA LOPES SOARES

PROCESSOS METAPLÁSTICOS NA LIBRAS

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras**.** Linha de Pesquisa: Estudos descritivos e aplicados de Línguas e Linguagens. **Orientador:** Dr. Luís Eduardo Fiori - Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Porto Velho-RO 2017

Aos 11 dias do mês de dezembro de 2017, foi julgada e considerada aprovada a defesa da dissertação intitulada “Processos Metaplásticos na Libras**”** fazendo jus o seu autor Núbia Lopes Soares ao título de **MESTRE EM LETRAS** pela Universidade Federal de Rondônia.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Luís Eduardo Fiori

Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Rondônia – **UNIR**

Presidente da Banca - Orientador da Mestranda

Professora Dra. Nair Ferreira Gurgel do Amaral

Departamento de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia - **UNIR**
Membro Interno

Professora Dra. Maria Cristina Victorino de França

Departamento de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Membro Externo

Professora Dra. Marília Lima Pimentel Cotiguiba

Departamento de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia - **UNIR**
Suplente

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Manoel e Maria, pelos ensinamentos. Aos meus filhos, Rebeca, Nicole e Júlio César, para que a inspiração pelo conhecimento seja a melhor herança. Ofereço especialmente à nossa comunidade surda de Rondônia para que estes estudos constituam um dos caminhos fortalecedores de nossa língua e cultura.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a meu orientador, Dr. Luís Eduardo Fiori, por aceitar o desafio de orientação em um tema tão novo, envolvendo uma língua de modalidade visual díspar de seu universo científico. Com o espírito aberto à pesquisa, enveredou por novos horizontes, possibilitando valiosa contribuição para a linguística das línguas de sinais. Agradeço a meus filhos e família, por entenderem minha ausência. Minha eterna gratidão aos meus sobrinhos, pois nunca abandonaram a torcida. Minha gratidão especialmente às minhas irmãs: Nilza, Maria de Jesus (Dijé), Nilce (Eva), Neuma, por me reconduzirem aos trilhos da pesquisa, toda vez que descarrilei. Agradeço igualmente aos meus amigos de grupo de estudo (GET), por compartilharem a caminhada rumo ao mesmo sonho de sermos mestres. Ao projeto "Açaí Com Libras", pois juntos, encampamos várias lutas em prol da disseminação da Libras enquanto possibilidade libertadora das mentes cristalizadas, ocupadas pelo imaginário patológico/deficiente, desbancando olhares deslocados sobre o surdo, sua cultura e identidade. Estendo os meus agradecimentos, não menos importantes, a todos os colegas da turma do Mestrado em Letras 2016, pelas discussões, leituras e pesquisas partilhadas, que foram o combustível necessário para o amadurecimento e o desenrolar desta pesquisa. Agradeço ao mestrando e amigo surdo Amarildo João Espíndola e, em nome dele, agradeço a todos os acadêmicos surdos da UNIR que fizeram da nossa passagem acadêmica mais que uma especulação científica, uma experiência de causa nobre. Agradeço, ainda, a toda comunidade surda de Rondônia por prestigiar e contribuir com os estudos da linguística da Libras, na esperança de que a apropriação do conhecimento de nossa cultura seja uma das melhores armas contra processos colonizadores de qualquer esfera. E que a Libras seja fortificada como conduto principal contra as subjetivações discriminatórias, a fim de que o território surdo torne-se autônomo e os surdos protagonistas de sua própria História.

RESUMO

A presente pesquisa está sustentada à luz de teóricos como Mussalin (2012), Labov (1966), Faraco (1996) e ainda, de autores da linguística das línguas de sinais, a saber: Lidel & Jhonson (1984), Stokoe (1978), Quadros & Karnopp (2004) e Diniz (2011). Os processos metaplásticos, tais como a epêntese ou a aférese, entre outros, verificados nas línguas orais, realizam-se, em geral, devido à necessidade de se obter um maior conforto na fala, destacando-se o seu estudo na linguística diacrônica. Considerando o *status* linguístico da Libras que se dá pela Lei 10.436/2002 e o Decreto 5.626/2005, abordaremos os processos metaplásticos existentes nessa língua. Não encontramos bibliografias que abordassem especificamente as mudanças que um sinal sofre na sua estrutura sem que se torne obsoleto (obsolescência) e seja substituído por outro (neologismos). O que encontramos, enfatiza um processo mais geral: variação diacrônica. Por isso, nos aportamos inicialmente, nos teóricos não imanentistas diacronistas, foneticistas e variacionistas das línguas orais em que pudemos verificar uma superfície teórica bem definida e amadurecida sobre o que seja variação e mudança na história interna dos signos. Pudemos aclarar, teoricamente, a linha divisória separada por uma malha fina, que os diferencia dos metaplasmos. Os processos metaplásticos, presentes na Libras, são nosso objeto de estudo. O objetivo é elucidar, por meio de documentos históricos (três dicionários) e registros científicos, os processos metaplásticos presentes na Libras, bem como, contrastá-los das variações diacrônicas, objetivamos ainda, apresentar exemplos de sinais que nascem *in vivo* e *in vitro* bem como os conceitos de obsolescência e neologismos. Assim, enfatizar que os metaplasmos são mudanças que rolam na linha do tempo sem que sejam substituídos por outra forma, já as variações históricas, embora concorram ou coexistam num feixe temporal, deverão ser substituídas numa dinâmica infinita de: neologismo, obsolescência. Duas proposições resultam dessa pesquisa: metaplasmos é, pois, o estudo da volubilidade de uma mesma forma no decorrer do tempo, e a outra é que, na Libras, assim como nas demais línguas naturais, ocorrem processos metaplásticos.

Palavras Chave: Metaplasmos, Diacronia, Libras.

RESUMEN

La investigación se sostiene a la luz de teóricos como Mussalin (2012), Labov (1966), Faraco (1996) y, de autores de la lingüística de las lenguas de signos, a saber: Lidel & Jhonson (1984), Stokoe (1978) , Cuadros y Karnopp (2004) y Diniz (2011). Los procesos metaplásticos, tales como la epéntesis o la aféresis, entre otros, verificados en las lenguas orales, se realizan en general debido a la necesidad de obtener-se un mayor confort en el habla, destacándose su estudio en la lingüística diacrónica. Considerando el status lingüístico de la Libras que se da por la Ley 10.436 / 2002 y el Decreto 5.626 / 2005, plantearemos los procesos metaplásticos existentes en esa lengua. No encontramos bibliografías que planteen específicamente sobre los cambios que una señal sobre su estructura sin que se vuelva obsoleta (obsolescencia) y sea sustituida por otro (neologismos), lo que encontramos, enfatiza un proceso más general: variación diacrónica. Por eso, nos basamos inicialmente, en los teóricos no imanentistas diacronistas, foneticistas y variacionistas de las lenguas orales em que pudimos verificar una superficie teórica bien definida y madura sobre lo que sea variación y cambio en la historia interna de los signos. Hemos podido aclarar, teóricamente, y la línea divisoria separada por una malla fina, que los diferencia de los metaplasmos. Los procesos metaplásticos presentes en la Libras son nuestro objeto de estudio, el objetivo es traer a la luz, por medio de documentos históricos (tres diccionarios) que y sobre registros científicos, los procesos metaplásticos aparentes en la Libras, así como, contrastarlos con las variaciones diacrónicas. Así, enfatizar que los metaplasmos son cambios que deslisan en la línea del tiempo sin que sean sustituidos por otra forma, mientras que las variaciones históricas, aunque concurran o coexisten en un haz temporal, seguramente serán sustituidas en una dinámica infinita de: neologismo, obsolescencia. Las dos proposiciones resultan de esta investigación: metaplasmos es pues, el estudio de la volubilidad de una misma forma en el transcurso del tiempo, y la otra es que, en la Libras, así como en las demás lenguas naturales ocurren procesos metaplásticos.

Palabras clave: Metaplasmos, Diacronía, Libras.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 18

2 CONCEITO DE METAPLASMOS 23

3 METODOLOGIA DA PESQUISA 25

3.1 Corpus 25

3.1.1 Dicionário *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (1875) 26

3.1.2 Dicionário *Linguagem das Mãos* (1969) 33

3.1.3 Dicionário *Enciclopédico Ilustrado Trilíngue* (2012) 34

4 LIMITES DA PESQUISA 35

5 APORTE TEÓRICO 39

5.1 Parâmetros da Libras 51

5.1.1 Configuração de Mão (CM) 54

5.1.2 Locação ou Ponto de Articulação (PA) 59

5.1.3 Movimento (M) 60

6 AS VARIAÇÕES 62

6.1 Variação Diacrônica x Metaplasmos 69

7. HISTÓRIA DA EVOLUÇÃO DA LIBRAS 95

8. BILINGUÍSMO E REGISTRO VIA *SING WRINTING* 109

9. ANÁLISE 112

9.1 Metaplasmos na Libras 113

CONSIDERAÇÕES FINAIS 170

REFERÊNCIAS 172

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Diferença entre datilologia e sinal da Libras: SOL.....20

Fluxograma 1: Dinâmica dos processos sociais 21

Figura 2: capa do livro original: *Iconographie des signes de Pélissier*.....28

Figura 3: prancha VI do *Iconographie des signes* de Pélissier.....29

Figura 4: prancha XIII do Iconographie des sgnes de Pélissier onde ilustra os numerais....31

Figura 5 Sinais: ADORAR em contexto Religioso catalogado por Oates e Gama.....36

Figura 7 Sinais: ADORAR catalogado por Capovilla em 2012.....37

Figura 8 Parâmetros primários.....41

Figuras 9 e 10 parâmetros secundários/ par mínimo: *CHILD* e *THING*.....42

Figura 11 redução de parâmetros em ABENÇOAR.....43

Figuras 12 e 13 redução de parâmetros :LEI/transp de parâmetro EXPERIMENTAR.....44

Figuras 14 subtração de parâmetro: EVITAR.....45

Figuras 15 variação histórica: CONSERTAR.....46

Figuras 16 variação histórica: NOTÍCIA.....46

Figuras 17 variação histórica: CAFÉ.....47

Figuras 18 variação regional MAS e VERDE 49

Figuras 19: Par mínimo: SENADOR e ADVOGADO.....53

Figura 20: Par mínimo: DESCULPA e AZAR.....53

Figuras 21 tabela de configuração de mão de 1997.....55

Figuras 22 tabela de configuração de mão de 2006.....56

Figura 23 código Morse/.....57

Figura 24 sistema braile 58

Figura 25 sinal PRETO registrado por Oates.....62

Figura 26 sinal NEGRO Capovilla.....63

Figura 27 sinal PRETO Capovilla.....64

Figura 28 e 29 sinal CHINÊS em Oates e Capovilla.....65

Figuras 30 de SURDO por Gama e Capovilla.....66

Figura 31 Sinais para INDÍGENA.....67

Figura 32 subtração de parâmetro BENÇÃO.....71

Figura 33 sinais de criação *in vitro*: METAPLASMO ESTEREÓTIPO.....72

Figura 34 sinais de criação *in vitro*: SEMIÓTICA e METALINGUÍSTICA.....72

Figuras 35 sinais *in vitro*: TACACÁ.....73

Fguras 36, 37 sinais *in vitro*: CASA DE CULT. I. MARROCOS/P. TRÊS C. D'ÁGUA...74

Figuras 38 sinal da PRAÇA MARECHAL RONDON.....75

Figuras 39 sinal ESPAÇO ALTERNATIVO.....75

Figura 40 sinal ESTRADA DE FERRO MADEIRA MAMORÉ.....76

Figuras 41, sinais do PARQUE DA CODADE 76

Figura 42: UNIVERCIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA-UNIR.....77

Figura 43 e 44 sinais POLIERPORTIVO DEROCHE E PALÁRIO DAS ARTES.....78

Figura 45 e 46 sinal PALÁCIO RIO MADEIRA e PROJETO AÇAÍ.....79

Figura 47 e 48 sinal PROJETO AÇAÍ COM LIBRAS/AÇAÍ.....80

Figura 49 Sinal de VATAPÁ.....81

Figura 50 e 51 sinal obsoleto: PROVAR.....83

Figura 52 e 53 variação regional do sinal de AÇAÍ.....86

Figura 54 variação histórica do sinal LEITE.....88

Fluxograma 2: árvore genealógica da Libras.....101

Figura 55: alfabeto manual de Bonet.....104

Figura: 56 exemplo de SW.....109

Fluxograma 3.....111

Figura 57: amostra de metaplasmo no sinal BOI.....114

Figura 58: amostra de metaplasmo no sinal LEITE.....115

Figura 59: amostra de metaplasmo no sinal MULHER.....116

Figura 60: amostra de metaplasmo no sinal NOVO.....117

Figuras 61: amostra de metaplasmo no sinal COMPREENDER 118

Figuras 62: amostra de metaplasmo no sinal ACREDITAR.....119

Figuras 63: amostra de metaplasmo no sinal PENSAR.....120

Figuras 64: amostra de metaplasmo no sinal MANDAR.....121

Figuras 65: amostra de metaplasmo no sinal PODER.....122

Figura 66: amostra de metaplasmo no sinal ONTEM.....123

Figura 67: amostra de metaplasmo no sinal ENGANAR.....124

Figura 68: variação diacrônica com variação sincrônica: CARTA.....125

Figuras 69: variação diacrônica com variação sincrônica: IRMÃ(O).....126

Figuras 70: variação diacrônica com variação sincrônica: ELEFANTE.....127

Figuras 71: variação diacrônica com variação sincrônica: GATO.....128

Figuras 72: variação diacrônica com variação sincrônica: SEMANA.....129

Figuras 73 e 74: mímica: CÃO/CADEIRA.....131

Figuras 75: Espaço de sinalização.....134

Figuras 76: metaplasmo: TERÇA-FEIRA.....135

Figuras 77: metaplasmo: DOMINGO.....136

Figuras 78: metaplasmo: CONHECER.....137

Figuras 79: metaplasmo: ADMIRAR.....138

Figuras 80: metaplasmo: ALMOÇAR.....139

Figuras 81: metaplasmo: APOSTAR.....140

Figuras 82: metaplasmo: ALUGUEL.....141

Figuras 83: metaplasmo: PEDIR.....142

Figuras 84: metaplasmo: EXPERIMENTAR.....143

Figuras 85: metaplasmo: PROMETER.....144

Figuras 86: metaplasmo: COMPRAR.....145

Figuras 87: metaplasmo: SÁBADO.....146

Figuras 88: metaplasmo: QUINTA-FEIRA.....147

Figuras 89: metaplasmo: MEIO- DIA.....148

Figuras 90: metaplasmo: QUARTA-FEIRA.....149

Figuras 91: metaplasmo: SEGUNDA-FEIRA.....150

Figuras 92: metaplasmo: PEDIR.....151

Figuras 93: metaplasmo: TELEGRAFAR.....152

Figuras 94: metaplasmo: BRINCAR.....153

Figuras 95: metaplasmo: LIMÃO.....154

Figuras 96: metaplasmo: PREFEITURA.....155

Figuras 97: metaplasmo: NATAL.....156

Figuras 98: variação histórica: AZUL.....157

Figuras 99: variação histórica: BRANCO.....158

Figuras 100: variação diacrônica: SEXTA-FEIRA.....158

Figuras 101 e 102: variação histórica: PAGAR/NATAL.....159

Figuras 103 e 104: variação histórica: PERDOAR/PREFEITURA.....160

Figuras 105: variação histórica: CONSERTAR.....161

Figuras 106 e 107: permanências: AMANHÃ/APARECER.....162

Figuras 108 e 109 e 110: permanências: ACREDITAR/ASSUSTAR/ COMEÇAR 163

Figuras 111, 112 e 113: permanências: CONVERSAR/COMPRAR/APRENDER.....164

Figuras 114, 115 e 116 permanências: APAGAR(LUZ)/COMER/LARANJA.....165

Figuras 117, 118 e 119 permanências: MANGA/QUANTIDADE/CADA.....166

Figuras 120: permanências: FEIJÃO.....167

Figuras 121: análise do sinal: RONDÔNIA.....168

Figuras 122: análise do sinal de CACHORRO.....169

ABREVIATURAS

Libras - Língua Brasileira de Sinais;

ASL - *American Sign Lenguage* (Língua de Sinais Americana);

LSF - Língua de Sinais Francesa;

LGP – Língua Gestual Portuguesa

LSE – Lingua de Sinais Espanhola

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos;

CM - Cofiguração de Mão;

OM – Orientação de Mão. Sigla adotada pelo autor;

ENM – Expressões não manuais;

EFC – Expressões Faci-corporais. Sigla adotada pelo autor;

L – Locação;

SW – *Sign Wrinting;*

LGP – Língua Gestual Portuguesa;

R: movimento do tipo retilíneo;

S: movimento do tipo sinuoso;

C: movimento do tipo circular;

SC: movimento do tipo Semicircular;

H: movimento do tipo helicoidal;

A: movimento do tipo angular: A

APRESENTAÇÃO

O sentimento de pertencimento, provocado pelos patrimônios imateriais me chamam a atenção desde quando iniciei a graduação em História no ano de 1996. Tempos depois, no exercício do magistério, aceitei o desafio de aprender Libras por conta de uma demanda de discentes surdos matriculados na disciplina que eu ministrava, em 2013. A trajetória de aprendizado, dessa língua visual, conduziu-me a um envolvimento afetivo e efetivo com a comunidade surda de Porto Velho - RO, em que pude perceber as mazelas herdadas de uma História de preconceito e descaso com cidadãos surdos. Assim, o envolvimento se transformou em compromisso de contribuir com o desenvolvimento cognitivo e, principalmente, identitário dessa comunidade. Inicialmente, encorajei e ajudei a fundar a Associação de Surdos de Rondônia. Quando terminei essa missão, saí de cena para que eles se empoderassem e conduzissem a associação como protagonistas. Continuei a militância apenas na condição de intérprete. Os resultados foram positivos. Criamos um território fértil, mas vulnerável a processos colonizadores. Então, busquei o mesmo caminho proposto pelos pós colonialistas: fortalecimento da identidade pela literatura. Dessa forma, embrenhei-me em pesquisas na Linguística da Libras por acreditar que a língua é o artefato cultural mais importante de uma comunidade.

Estudar os metaplasmos estabelece dois pilares importantes no processo de formação e fortalecimento das identidades surdas. Primeiro porque possibilita os estudos culturais, depois, os que permeiam a historicidade. Esses conhecimentos, despertam o sentimento de pertencimento, levando à identificação, valoração e empoderamento cultural. O conhecimento da própria história é o primeiro e mais importante passo em direção a uma participação social e construção identitára. Não haverá acessibilidade sem a disseminação da Libras, nem a efetiva inclusão sem a promoção da sua autonomia, emancipação e empoderamento. Almejamos que os estudos dos metaplasmos ofereça essa perspectiva.

Inicialmente, submeti pesquisa ao Mestrado em Letras, estudos sobre a Variação Linguísticas presentes na Libras. Porém, ao discutir esse tema com o professor Dr. Fiori, da

cadeira de Fonética e Fonologia, percebemos que algumas variações nos sinais, as vezes, mudavam sua estrutura segmental culminando em um outro processo: os metaplasmos.

Envolvimento, compromisso e, agora, desafio, foi a receita desta pesquisa. Não encontramos aporte teórico consubstanciado sobre o tema nos escritores das línguas de sinais, porém, a máxima dos diacronistas nos inquietou: "... em todas as línguas naturais ocorrem metaplasmos..."

... Pensei, o árduo trabalho de provar o *status* linguístico das línguas sinalizadas já foi realizado por Stokoe. Temos uma lei e vários estudos que comprovam a vicissitude e vivacidade da Libras. Agora, é nossa vez de apresentar os processos mutacionais afunilando para o campo dos metaplasmos. Essa foi a centelha que iluminou a trajetória desta inédita pesquisa. Graças ao encorajamento e orientações do Dr. Fiori, somado a vontade de contribuir significativamente com a comunidade surda, este trabalho foi possível.

1 INTRODUÇÃO

> *"Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo."*
>
> *Saussure*

Os estudos variacionistas das línguas emergem em meados da década de 1960, concomitantemente às pesquisas sociolinguísticas que vinculam a movimentação e variação aos eventos e fatos sociais. Labov (2008), alinhado com Meillet (2002), ocupa-se em materializar sua Teoria de Variação e Movimento e a apresenta como vetor das relações sociais envoltas nas histórias de seus falantes coletivamente. Juntando a história à cultura para explicar a movimentação estrutural da língua, ele se consagra como um dos mais importantes diacronistas da atualidade.

Esta dissertação promove o encontro da teoria de Labov e seus seguidores com a de Stokoe (1973), de segmentação das línguas de sinais, para apresentar um novo viés na variação/mudança dos sinais na Libras: o Metaplasmo.

Muitos pesquisadores se ocuparam em apresentar as mudanças ocorridas nas línguas de sinais seguindo os parâmetros propostos por Stokoe em 1960. Os estudiosos da Libras, felizmente, apresentam bibliografias que endossam o caráter social da línguas de sinais como: Quadros, Karnopp, Gripp, Sá, Perlim, entre outros e apresentam variações diatópicas, diastráticas, diafásicas, diacrônicas, as alofonias, mas, o que propomos é um olhar para além das variações, uma atenção para o sinal que, por exemplo, não mudou no tempo, mas modificou-se sem se tornar outro referente.

É nesse feixe, entre variação diacrônica e metaplasmos, que se encontra o cerne da nossa pesquisa. Para ilustrar, apresentamos um quadro comparativo de três dicionários

produzidos em tempos diferentes para aclarar o entendimento da ocorrência de metaplasmos. Objetivamos que o leitor entenda que variação histórica não é o mesmo que metaplasmo.

Partimos do princípio de que seja próprio das línguas naturais sofrer fenômenos metaplásticos. A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, apesar de ter sido reconhecida tardiamente, no ano de 2002, pela Lei Federal 10.436, é considerada a primeira língua da comunidade surda brasileira, língua autêntica, de modalidade visual e que possui micro parâmetros que a constituem.

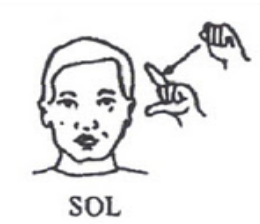
Focalizamos, nessa dissertação, estudos das alterações nos parâmetros dos sinais em Libras, influenciados por leis naturais que proporcionam mudanças plásticas na sua estrutura.

A Libras, como os demais idiomas, também incorpora léxico de outras línguas. Existem casos em que as línguas de sinais fazem o empréstimo de palavras de uma língua oral, e o fazem através da soletração manual. Em exemplos como A-Z-U-L[1], N-U-N-C-A, O-I, V-A-I. Nesses casos, os empréstimos já foram incorporados ao léxico da Libras, assumindo uma forma peculiar das línguas sinalizadas, como no exemplo a palavra S-O-L que na datilologia[2] é produzida no espaço linearmente: da esquerda para direita como o português escrito, pois é essa a proposta do alfabeto manual: levar para o espaço visual, o gráfico do português. Ocorre que ao ser incorporada na Libras, a datilologia linear perde a importância e transforma-se em um signo mudando o movimento, que agora passa a ser uma diagonal, de cima para baixo, imitando a direção dos raios solares e a vogal "o" é suprimida. Então vejamos:

[1] Palavras cujos grafemas venham separados por hífen e em: "caixa alta", como S-O-L indicam que, em Libras, são representadas não por um único sinal, mas por letras de nosso alfabeto, em Português.

[2] Datilologia não é língua de sinais, embora seja usada para levar para o espaço visual termos da língua oral quando não há sinais equivalentes ou de proximidade semântica nos processos tradutórios. Portanto, datilologia é uma mera colagem ou digitação manual de grafemas nas línguas orais.

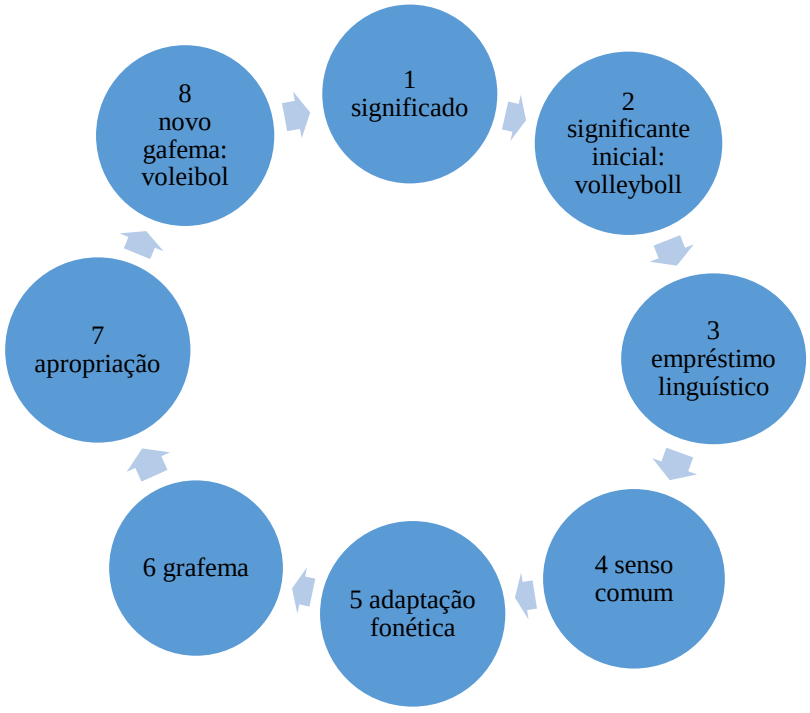
Figura 1

Datilologia	**Libras**
	

(STROBEL, FERNANDES, 1996, p 54)

Nesse caso, a palavra SOL incorpora outro movimento na diagonal, de cima para baixo, adaptando-se ao modo visual próprio das línguas sinalizadas. Exemplo: empréstimos entre duas línguas orais na palavra “voleibol” vinda do inglês (VOLLEYBALL), chega ao Brasil e adapta-se aos fonemas usuais do português brasileiro. Posteriormente, sua escrita é influenciada pelas regras gramaticais próprias e a palavra entra em circulação no uso comum e é incorporada ao léxico do português no Brasil com a escrita “voleibol”, caracterizando um processo metaplástico, que sugere o seguinte esquema dentro de um dinâmica dialógica:

Fluxograma 1



Elaborado pela autora

O Fluxograma ilustra a dinâmica que liga os processos sociais até que atinja os grafemas. Contudo, a ordem é apenas uma sugestão esquemática para possibilitar os comentários, não significa que está rigidamente encadeada dessa forma. Então vejamos:

1 Jogo coletivo, cujo objetivo é fazer a bola tocar no chão da quadra do adversário;

2 Palavra do léxico da língua inglesa;

3 Empréstimo linguístico;

4 Difusão e aceitação da palavra emprestada;

5 Uso do novo termo emprestado moldado da fala com idiossincrasia do emprestante, adaptação fonética volleyball [volibɔw] para [voleibɔw]

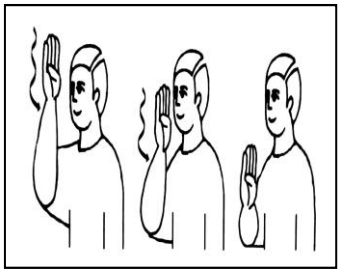
6 Incorporação ao léxico do emprestante;

7 Criação de um novo termo para designar o mesmo referente**.**

A língua que toma emprestada admite o signo e o adapta à fala, reinventando uma forma de falar, que depois é refletida na escrita da comunidade que tomou emprestado. A palavra "menu" por exemplo, não a pronunciamos no Brasil como se pronuncia na França, língua de origem, e mesmo que a pronúncia seja diferente, a grafia e o referente continuam sendo os mesmos. Nesse caso não houve processo metaplástico como houve na palavra [*voleibol*] que é o aportuguesamento de [volleyball]. Por outro lado, algumas palavras vêm emprestadas com a escrita e toda carga semântica idêntica como, por exemplo, a expressão *coffee breack*, e a palavra *notebook* entre outras, até serem dicionarizadas na forma aportuguesada.

A "alofonia"[3], na Libras, é apresentada na variante gestual, expressões corporal, facial e movimentos próprios da modalidade peculiar da língua. Já nas línguas de modalidade oral-auditiva, essas variantes são apresentadas nas alterações de ritmo da fala, entonação da voz ou ênfase em fonemas.

[3] Nas línguas orais, alofone constitui a variante de um fonema, ou seja, as várias formas de realização de um mesmo fonema. A palavra tio, por exemplo: é pronunciada [' ʧiu] ou ['tiu]. Na libras ocorre o mesmo fenômeno como no sinal de BRASIL em que é executado no espaço neutro à frente do rosto (Capovilla, 2012) ou mais à direita (glossário Brasil de Libras). Ambos os exemplos não mudam o significado da palavra ou sinal.



2 CONCEITO DE METAPLASMOS

Segundo Coutinho (1974, p 13), metaplasmos, em sua etimologia, significa: mudança de forma. A palavra tem origem no grego e significa transformação. Os foneticistas fazem uso do termo para explicar as mudanças fonéticas a que palavras de um léxico passam ao longo do tempo. Embora façam menção à transformação, os estudos metaplásticos devem primar pela origem do signo. As alterações sofridas no corpo de sua estrutura não geram outro significado, por exemplo: 'Vossa Mercede' deu origem ao termo que conhecemos hoje como 'você'. Ou seja, Vossa Mercede e Você são a mesma palavra em tempos diferentes. Por outro lado, 'vossa mercede' nunca será 'tu' embora tenham o mesmo referente. O mercede embora seja de terceira pessoa, se refere à segunda do indicativo.

> É que cada geração altera inconscientemente, segundo as suas tendências, as palavras da língua, alterações essas que se tornam perfeitamente sensíveis, só depois de decorrido muito tempo" (COUTINHO, 1974, p. 143).

Os fones constituem o material sonoro das línguas orais que estão sujeitos a três leis fonéticas cuja a principal é a lei do menor esforço. As línguas de sinais, obviamente, não possuem sonoridade, mas, são igualmente decompostas em parâmetros que constituem o material visual que compõe os sinais. Os parâmetros da Libras, assim como os fonemas da língua portuguesa não estão presos definitivamente uns aos outros e, de acordo com as tendências de fala ou fatores sociais, adaptam-se pela permuta, acréscimo ou supressão de suas partículas.

As línguas são compostas por sentenças que se universalizam dentro das comunidades falantes para dar significado aos referentes. No entanto, esses signos modificam-se progressivamente por fenômenos sociais diversos, desde processos emancipatórios até contato com outras línguas, passando por influências de acontecimentos históricos importantes. Enfim, a língua nunca está só, nem cristalizada. Ela acompanha os processos culturais da humanidade, formando um amálgama de construção e reconstrução lexical permanente. São essas alterações e evoluções sofridas nas sentenças das línguas, que chamamos de processos metaplásticos.

Os metaplasmos apresentam-se nas línguas orais de quatro formas: por adição, supressão, transposição e transformação, e classificam-se, resumidamente, em:

Prótese – acréscimo de um fonema no início da sílaba. Encontramos a prótese em: *voar => avoar, lembrar => alembrar,* entre outros. Na escrita temos aglutinações do tipo: *de repente => derrepente, a cerca de, acerca de.*

Epêntese – acréscimo no meio da sílaba e encontramos em: *asterístico* no lugar de *asterisco*, *beneficiência* no lugar de *beneficência, prazeirosamente => prazerosamente.* Algumas epênteses já são variantes dicionarizadas.

Aférese – eliminação de fonemas no início da palavra, em casos como: *está =>tá, cê => você, ainda =>inda.*

Síncope – eliminação de fonemas no meio das palavras: *padinho => padrinho, nego => negro, memo => mesmo, coscas => cócegas.*

Na Libras ainda não há uma categorização para classificar os metaplasmos, mas nesta pesquisa, constatamos a ocorrência do fenômeno do tipo: supressão e transformação. Todavia, não se descarta a existência de metaplasmo na forma de adição e transposição, porém, há se apurar estudos e aprofundar coleta na comunidade, os registros contidos nos dicionários não retratam a inteireza da dinâmica de sinais existentes e praticados na realidade da comunidade sinalizante. Por isso, almejamos, para próxima etapa, uma pesquisa mais aprofundada, que transponha os limites dos três dicionários, da pesquisa bibliográfica.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A escolha da pesquisa bibliográfica se deveu a inexistência de referências sobre metaplasmos nas línguas de sinais. Então, necessitamos, fazer uma remissão histórica para substanciar estudos sobre a árvore genealógica da Libras apoiada nas teorias das línguas orais, além de examinar sinais antigos. Entendemos que esse caminho seria árido demais se optássemos por outros modelos metodológicos, até porque, precisaríamos de *corpus* para comparação do objeto pretendido. Outro fator que nos conduziu à escolha da pesquisa bibliográfica foi justamente o fato de não termos, em Rondônia, registros de sinais antigos usados pela comunidade surda local, ao passo que, utilizamos os três dicionários, já citados, e aproveitamos para registrar alguns sinais locais.

Segundo Cervo, Bervian e da Silva (2007, p. 61), a pesquisa bibliográfica "constitui o procedimento básico para os estudos monográficos pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema." De acordo com a afirmativa e considerando o número reduzido de bibliografia disponível, principalmente com o tema proposto, neste trabalho, buscamos elaborar uma pesquisa bibliográfica tendo como principal *corpus* os três dicionários: *Linguagem das mãos, Iconographia dos signaes dos surdos-mudos e Diet Trilíngue.*

Gil (1991, p 43), aponta que a pesquisa bibliográfica muito se assemelha à pesquisa documental, porém, a diferença entre elas é a natureza das fontes. Na pesquisa documental, utiliza-se materiais que ainda não sofreram um tratamento analítico ou que ainda podem ser redimensionados dependendo do objeto de pesquisa. Neste trabalho, a busca de fontes primárias foi algo bastante valorizado e necessário para a elucidação de fatos históricos justamente por se caracterizar uma pesquisa bibliográfica e documental.

3.1 Corpus

Propomos um estudo a respeito de metaplasmos ocorridos na Libras tomando como referência *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (de 1873), do estudante surdo do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, um dicionário claramente copiado do

dicionário francês (com o mesmo nome), elaborado pelo professor e poeta surdo Pierre Pélissier do Instituto de Jovens Surdos-Mudos de Paris (CAMPELLO, 2008, p. 43). Propomos ainda, um paralelo com mais dois dicionários para realçar melhor as mudanças plásticas nos sinais que são: o dicionário *Linguagem das Mãos* do padre americano Eugênio Oates, ouvinte, membro da Congregação Redentorista de 1969 (DINIZ, 2011, 37), bem como o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue*, de Fernando César Cappovilla, de 2012.

O fato de iniciar a investigação pelo dicionário *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* não significa que não consideremos o léxico nativo antes desse registro no Brasil, mas queremos destacar a grande influência que esse impresso teve na Libras, visto que o INES, que já era referência no Brasil, na educação de surdos, desde sua fundação em 1856, o utilizou como instrumento pedagógico dos seus alunos, influenciando drasticamente a Libras por meio da LSF. Some-se a isso o fato de o professor fundador do Instituto ser francês e usuário da LSF.

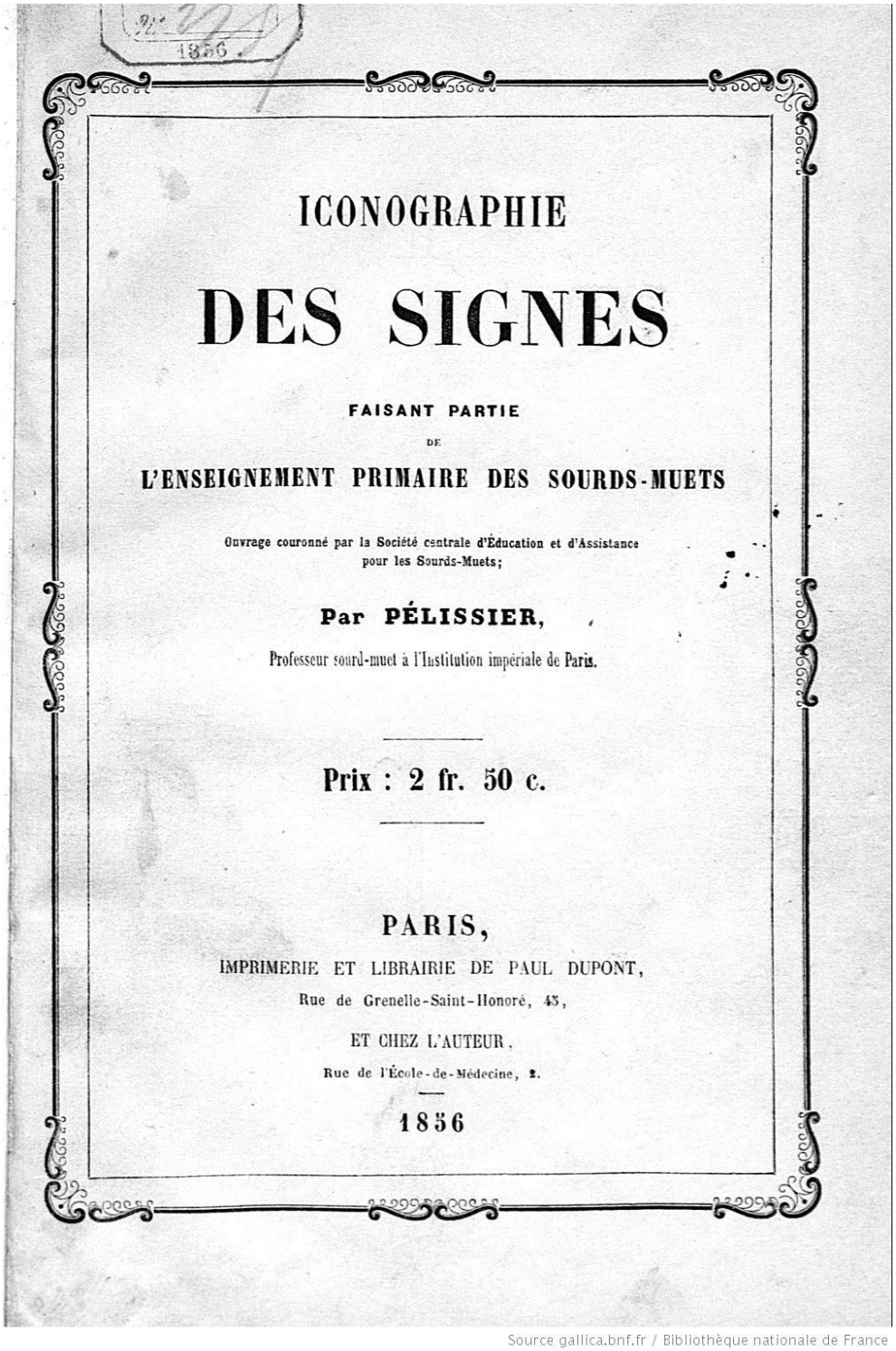
O hibridismo linguístico merece destaque, visto que os Metaplasmos também podem ocorrer na adaptação pelo contato com línguas diferentes. Nesse caso, devemos considerar o vernáculo da Libras antes de 1873, embora nesse período os estudos linguísticos das línguas de sinais eram exíguos e não havia cultura de impressão nem registros de sinais, o que dificultou uma investigação mais sofisticada. Assim, o meu *corpus* consistirá dos três dicionários.

3.1.1 Dicionário *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (1875)

Fac-símile de *Iconographia dos sinais dos surdos-mudos*, com 55 páginas, dividido em 21 estampas: dactylologia dos sinais; alimentos, objetos de mesa; bebidas e objectos de mesa; objectos para escrever; objectos da aula; individualidades e profissões; aminaes; pássaros, peixes e insectos, adjectivos; (qualidades moraes); pronomes, e os três tempos absolutos do indicativo; verbos; verbos; verbos; advérbios; preposição; preposições e conjunções; interjeições e interrogações.

Existe uma discussão em torno da autoria desse dicionário, pois os sinais catalogados e ilustrados nele são exatamente iguais aos sinais constantes no dicionário do poeta francês Pierre Pélissier. O autor da versão brasileira é surdo e se chama Flausino José da Gama. No período da produção do dicionário, era estudante do INES e com uma vocação incomum para os desenhos, (Campello, 2008). Pélissier também era surdo e estudou no Instituto de Surdos-Mudos de Paris, em meados do século XVIII, quando lançou um dos primeiros dicionários de sinais da França *Iconographie des signes*, o qual inspirou Flausino. Ocorre que, em contato com o dicionário elaborado por Gama (1875), estamos em contato direto com o dicionário de Pélissier (1856), ou seja, em contato com a língua de sinais praticada na França do século XVIII e XIX, pois o dicionário que Flausino assina a autoria não apresenta nada de novo. Até o personagem criado para figurar o sinal da Libras, parece ser o mesmo, vejamos as imagens do dicionário francês original:

Figura 2



ICONOGRAPHIE

DES SIGNES

FAISANT PARTIE

DE

L'ENSEIGNEMENT PRIMAIRE DES SOURDS-MUETS

Ouvrage couronné par la Société centrale d'Éducation et d'Assistance pour les Sourds-Muets;

Par PÉLISSIER,

Professeur sourd-muet à l'Institution impériale de Paris.

Prix : 2 fr. 50 c.

PARIS,

IMPRIMERIE ET LIBRAIRIE DE PAUL DUPONT,

Rue de Grenelle-Saint-Honoré, 45,

ET CHEZ L'AUTEUR,

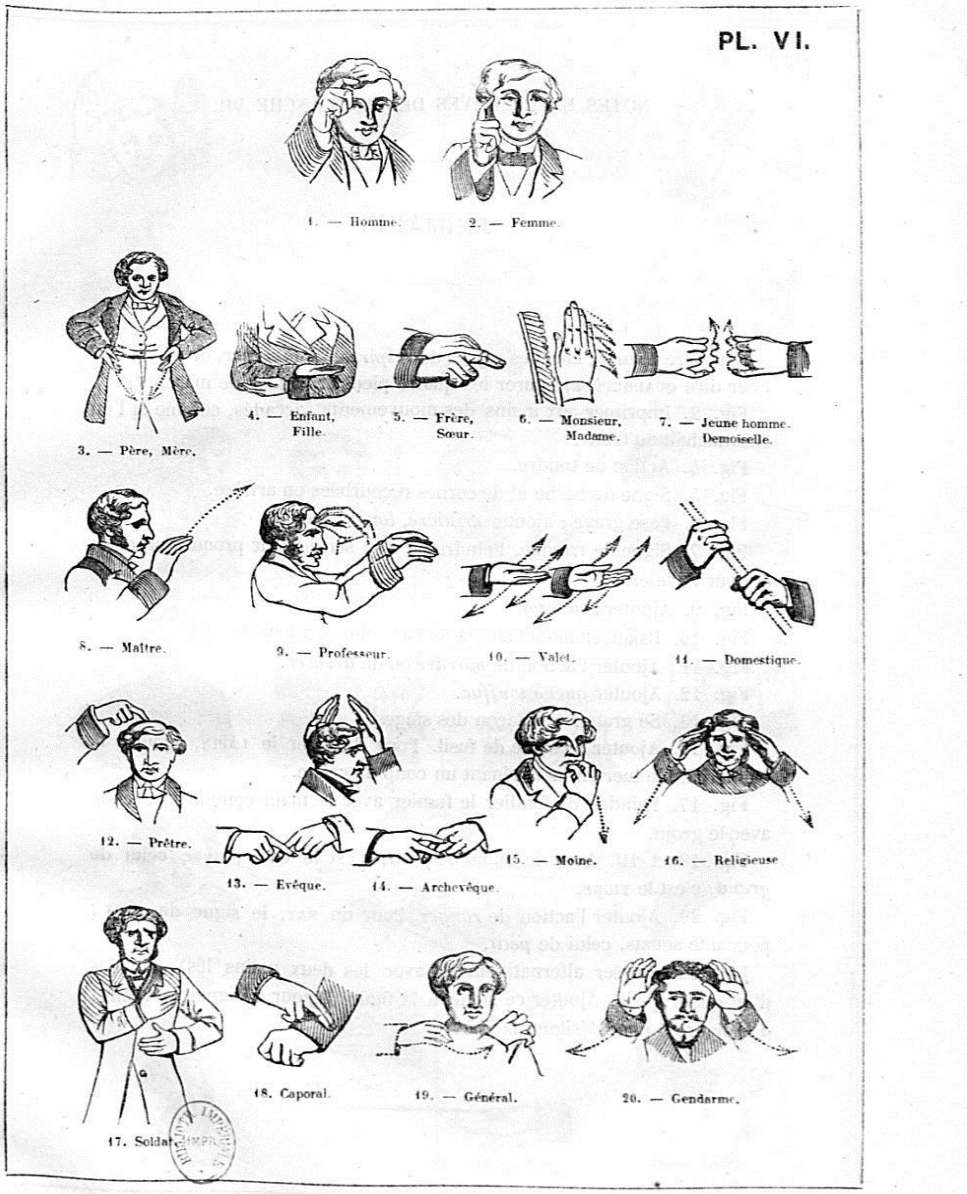
Rue de l'École-de-Médecine, 2.

1856

Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Pélissier, capa de rosto

Figura 3



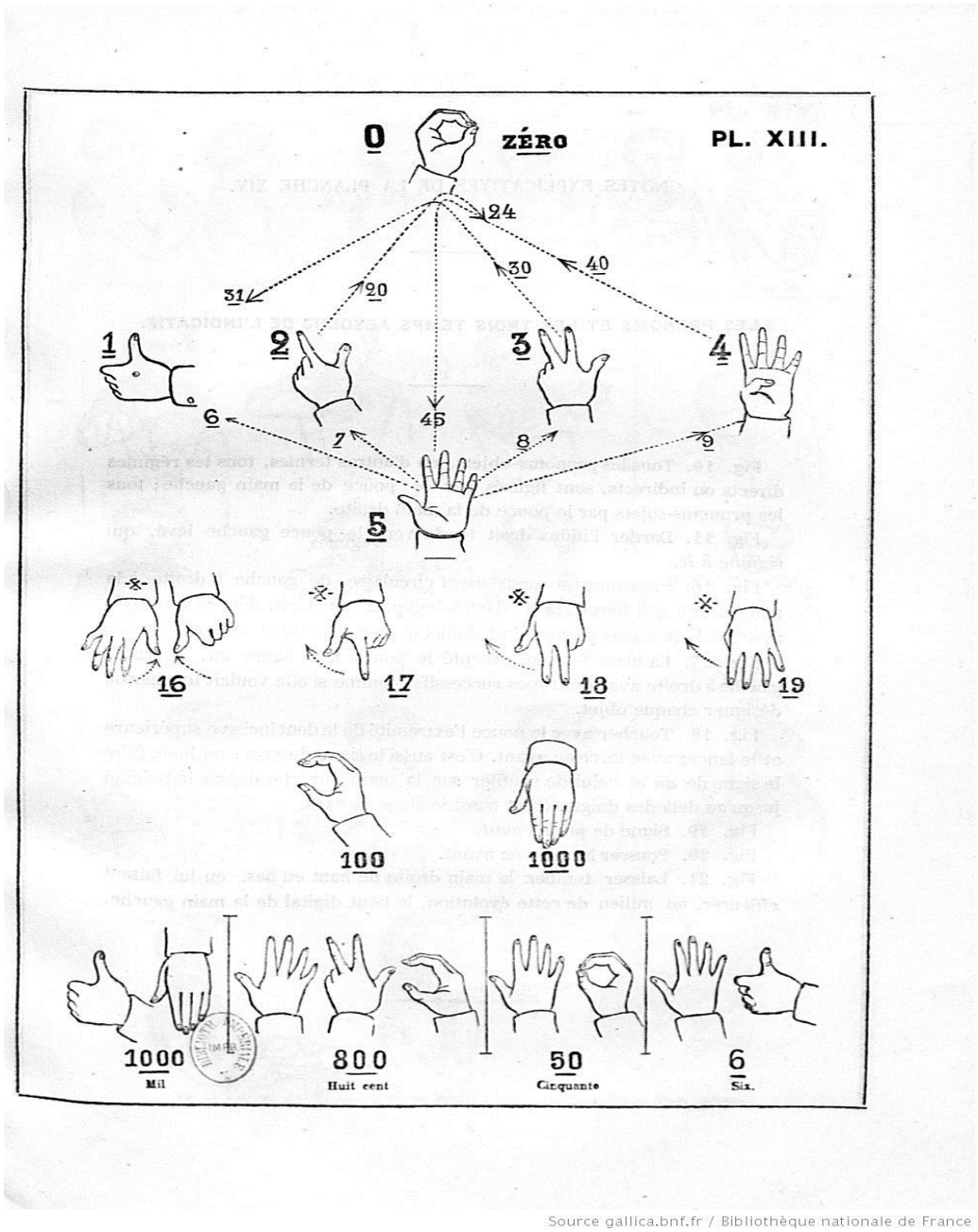
Pélissier, prancha VI

O dicionário elaborado por Pélissier foi editado no mesmo ano da fundação do INES e não sabemos quem o trouxe para o Brasil pois o francês Ernert Huet[4] já estava no Rio de Janeiro, envolvido com as atividades do recém fundado Imperial Instituto de Surdos-Mudos do Brasil e é, justamente nesse Instituto que, duas décadas depois, na gestão do diretor Tobias Leite, Flausino acessou a obra original de sua inspiração. Nesse período, Flausino era estudante e repetidor. Os dicionários se tornaram uma influência referencial para as comunidades sinalizantes, tanto da França quanto do Brasil, visto que, alguns sinais, mais de trinta, continuam em uso nos dois países, sem contar com os que ainda estão presentes com uma nova configuração (mudança), os que sofreram processos metaplásticos, objeto do nosso estudo.

Voltando a falar da força balizadora do dicionário de Flausino, os registros dele podem não ter se apresentado com conteúdo inédito, mas, indiscutivelmente foram propulsores de sinais franceses na comunidade de surdos estudantes do Rio de Janeiro e, posteriormente, difundido para grande parte do Brasil, visto que as famílias que podiam, enviavam seus filhos surdos para estudarem no INES. Esses estudantes aprendiam os sinais praticados no Rio de Janeiro e, ao voltarem para casa, ensinavam os sinais aprendidos. Assim, a língua de sinais com a marca francesa foi facilmente disseminada nas mais diversas regiões do Brasil.

[4] Preceptor de surdos francês, Ernest Huet, veio ao Brasil em 1857 a convite de D. Pedro II, com o objetivo de fundar a primeira escola para meninos surdos, a Imperial Instituto de Surdos-Mudos, atualmente, Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro. Huet se instalou residência no Rio de Janeiro onde morou e contribuiu significativamente para a educação de surdos do Instituto que ajudou a fundar.

Figura 4



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Pélissier, prancha XIII

Ao aprofundarmos estudos comparativos entre os dois dicionários, percebemos que Flausino pulou (não registrou) a prancha relativa aos números, não se sabe o motivo. Presumimos que por isso os números na Libras seguiram outra lógica de organização e configuração, ou seja, os números que não foram reproduzidos, não entraram em uso. Pelo menos, não do mesmo jeito, seguindo a lógica dos números franceses. Observemos que na prancha 13, o número cinco é representado com a mão aberta e dedos estendidos, diferente do número cinco praticado no Brasil, registrado por Oates em 1969, que é um sinal icônico.

Embora se questione o plágio de Flausino, não entraremos no mérito da discussão. A importância desse dicionário é justamente o fato de mostrar que a Libras sofre drástica influência da LSF por conta da adoção dessa produção como material norteador da educação de surdos no INES. Dessa forma, não caberá aqui discutir a autoria da obra, até porque seria necessário outras investigações paralelas abrangendo questões de autorização para produção da obra, conceito e leis de plágio circundantes no período, tecnologias de produção e outros que não são o nosso foco. Mesmo assim, supomos que Tobias Leite[5] desejasse para o Brasil, um surdo igualmente famoso como o surdo francês Pélissier, que também era poeta e promoveu um cenário altamente favorável para a publicação da versão brasileira do dicionário.

Segundo levantamento histórico, a empresa que editou o dicionário pegou fogo. Não sobrou fonte histórica para pesquisas. No entanto, o fogo consumiu as fontes históricas e não as perguntas que continuarão pairando em nossas mentes a respeito desse episódio. E para concluir, apresento mais uma resposta? Não, mais uma pergunta: Além da apresentação de Tobias Leite no dicionário, qual outra fonte nos leva a afirmar que Flausino teria sozinho, desenhado (copiado), traduzido do francês para o Português e feito toda a produção do dicionário *Iconographia*? Não que duvidamos da capacidade do surdo brasileiro, longe de nós, mas porque como pesquisadores, nos soa estranho saber que uma obra foi copiada e publicada como se fosse original.

---

[5] Dr. Tobias Rabello Leite foi diretor administrativa do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES de 1868 até 1896. Foi figura importante para a elaboração do dicionário *Iconographia dos sinais*, pois incentivou e apoiou o estudante surdo, Flausino José da Gama, nos trabalhos de produção da obra.

Os sinais apresentados, na obra de Gama, são os mesmos encontrados no dicionário do surdo francês Pierre Pélissier, portanto, não são uma mistura da língua francesa com o vernáculo que circulava na época, mas, sinais da língua francesa de sinais, puramente copiados. Como no Brasil não existia nenhum dicionário de língua de sinais ou outro material similar, Flausino propôs, por meio do material que elaborou, empregando sinais franceses como se fossem brasileiros, a criação de uma língua de sinais originalmente brasileira, causando um conflito entre o que seria Libras e o que seria LSF.

A importância do dicionário reproduzido por Flausino deu-se por causa da possibilidade de se registrar em maior escala e disponibilizar os sinais para serem vistos, já que o sentido visual é o mais importante para os surdos. Acreditamos também ter sido de grande valia como material pedagógico para uso dos professores do INES. Nessa proporção é que atribuímos importância ao dicionário de Gama, pois a partir dele começa a tradição de elaborações de dicionários no Brasil.

O trabalho de Flausino inspirou muitos outros ao longo da história da educação dos surdos no Brasil, embora um longo período de tempo tenha ficado sem publicação entre a primeira e a segunda edição. Essas publicações incentivaram o uso das línguas de sinais em todos dos âmbitos e lugares, até a proibição decidida no Congresso de Milão.

3.1.2 Dicionário *Linguagem das Mãos* (1969)

Composto de 325 páginas organizadas em blocos: verbos, substantivos, adjetivos, advérbios, pronomes, preposições e conjunções, cores, homem e família, alimentos e bebidas, animais, o mundo e a natureza, religião, tempo, regiões do mundo, alguns países e nacionalidades, vestuário e acessório, esportes e jogos recreativos, antônimos, números cardinais e ordinais, estados brasileiros, territórios federais e capitais. O autor usa foto em preto e branco de sua própria imagem para ilustrar os sinais da Libras, cada foto numerada de 1 a 1.258, com exceção dos números cardinais e ordinais. Editado, em 1969, no Rio de Janeiro, palco da educação de surdos, no período.

Os instrutores surdos eram os principais multiplicadores da Libras no Brasil e, durante décadas, utilizaram esses dois livros como material didático para o ensino de sua língua. É nesse enfoque que se dá a importância de estudá-los no âmbito da linguística entrecruzados como fonte histórica.

O autor e organizador de *Linguagem das Mãos* foi o padre redentorista americano Eugênio Oates. Ele viajou em missão religiosa voltada para surdos, por várias regiões do Brasil. Conheceu surdos de norte a sul do país, surdos fluentes e ensinou os que ainda não sabiam falar por sinais.

3.1.3 Dicionário *Enciclopédico Ilustrado Trilíngue* (2012)

Dividido em dois volumes, todo disposto em ordem alfabética, com 2.759 páginas. Apresenta o significado das palavras em português e inglês. Especifica as palavras em datilologia, SW e uma imagem representando o significado contextual. A amostra da Libras é feita por desenho vazado de uma figura masculina, com setas indicativas do movimento e direção. Contempla os regionalismos e verbetes e ainda explica detalhadamente toda execução do sinal, sua ultima edição foi em 2012.

O dicionário Trilíngue é um dos mais atualizados e modernos em sua configuração. Diferente dos demais clássicos que adotaram fotos para ilustrar a Libras, Fernando Capovilla opta por desenhos vazados permitindo maior clareza dimensional e ainda conta com setas indicando o movimento e uma descrição esmiuçada dos parâmetros.

4 LIMITES DA PESQUISA

O maior fator de limitação da presente pesquisa é, sem dúvida, o fato de as línguas de sinais não terem sido consideradas como línguas durante muito tempo. Assim, não demandavam registros e nem estudos, por isso, muitas informações importantes se perderam. Além do mais, outro implicador de limitação, seria o fato de não haver bibliografias que se dedicassem aos estudos dos metaplasmos em línguas de sinais. Para atenuar essa dificuldade buscamos refúgio referencial nos estudos das línguas orais e traçamos analogia inicial embasadora.

Mais dois outros fatores limitantes, que merecem ser citados, são o lapso temporal e a tipologia da Libras. O primeiro se dá em consequência do número exíguo de publicações científicas em línguas de sinais fazendo com que muitas informações tenham se perdido no tempo. A outra versa sobre quase inexistência de estudos científicos que proponham a árvore genealógica das línguas de sinais surgidas na Europa até chegar no Brasil.

Mesmo com poucos registros ou pesquisas, as línguas sinalizadas cumpriram sua dinâmica de organismo vivo, aumentando seu léxico, variando no tempo e espaço, conforme Felipe:

> Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta a mudanças culturais e tecnológicas. (FELIPE, 1990, p. 81).

É claro que um estudo de movimentação de sinais no tempo necessitaria a busca de fonte nascedoura desses sinais, a origem seria a Língua de Sinais Espanhola do século XVI, iniciado e disseminado por Pedro Ponce de Leon. Como, ele não se ocupou em registrar os sinais praticados nesse período, limitou-se na publicação da datilologia da língua oral, o que não é considerado língua de sinais.

Muitas informações se perderam no tempo devido à falta de cultura de registros, outras foram privilegiadas por terem sido guiadas pelos interesses da Igreja, o de catequizar, fazer falar os surdos. Assim, não havia a menor pretensão em elaborar um estudo mais amplo sobre a educação de surdos ou de catalogar em grande escala os sinais usados por eles. O objetivo principal era o de oralizá-los, catequizá-los e treiná-los a escrever. A língua de

sinais, pelo que nos consta, era apenas um suporte para se alcançar as metas pretendidas pela Igreja.

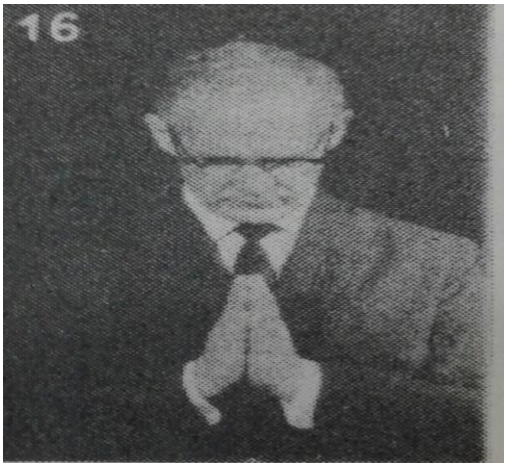
Assim, verificamos, nos registros do padre Oates, que os sinais colhidos mantêm seu repertório linguístico voltado para o âmbito religioso, o que faz parecer que o padre dá preferência aos registros de sinais usados por um grupo (religioso).

Figuras 5

Adorar 1

Gama, p 38

Adorar 2

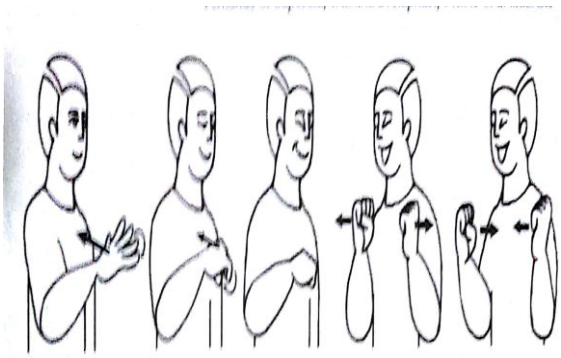


Oates, p 20

Ao compararmos os sinais correspondentes à palavra ADORAR, registrados por Gama, Oates e Capovilla, verifica-se nitidamente a influência religiosa no primeiro sinal em que se curva as mãos e o tronco do corpo finalizando com os dedos, simulando alguém se ajoelhando. Ora, uma pessoa que adora pêssego, por exemplo, não diria o "adorar pêssego" ajoelhando-se a ele. Igualmente o sinal registrado por Oates no segundo exemplo, nos faz lembrar de alguém em reverência e oração. É um pouco burlesco dizer "adoro pêssego" juntando as duas mãos e curvando a cabeça para a fruta. Os dois primeiros sinais estão dentro de um contexto estritamente religioso.

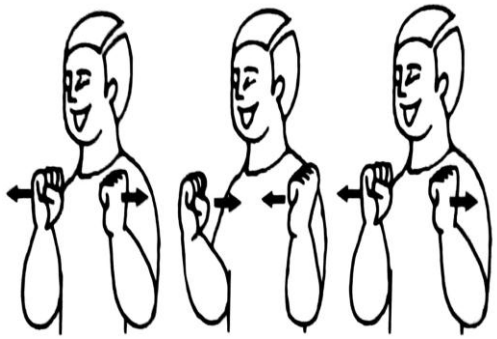
Figuras 7

Adorar 3



Capovilla, p 289

Adorar 4



Capovilla, p 289

Veja, o primeiro une os sinais de AMOR+ADORAR. Caberia numa contextualização que transcende o âmbito religioso. Com os sinais cadastrados por Capovilla, poderíamos elaborar uma frase como "adorar pêssego, pessoa, dançar, um objeto qualquer e até Deus ou outra entidade religiosa. Por isso, não podemos tomar o *Linguagem das mãos* como um dicionário que retratou o léxico usual no Brasil, mas como ajuda no aprendizado e difusão da Libras e para nós, uma fonte histórica sem precedentes. O próprio Oates, revela seus objetivos, sem pretensões de cientificidade.

> "O objetivo principal deste manual é, simplesmente, o de ajudar os surdos-mudos brasileiros a terem um melhor entrosamento na sociedade..." (OATES, 1.969, p 11).

Oates se mostra adepto da visão estruturalista na sua escolha, uma posição naturalmente admissível, pois os estudos sociolinguísticos, que dão vazão à face variacionista das línguas, eram um embrião no período da sua pesquisa. Considerando todos esses fatores ideológicos sobre a Libras, não sabemos precisar se os estudos do padre tinham como objetivo registrar os signos em uso ou registrar como deveria ser dito. Até porque, o padre veio para o Brasil numa missão de ajuda e não como pesquisador.

> O Padre Eugênio Oates, pertencente à congregação Redentorista, está no Brasil desde 1946 como Missionário, vindo dos Estados Unidos da América, para prestar serviços aos mais necessitados. (OATES, 1969, p 6).

Obviamente, um dicionário voltado para ajuda dos mais necessitados não vislumbra cientistas e eruditos mas sim, a comunidade surda de pouca escolaridade justamente por causa das limitações comunicacionais.

> Levando em conta, contudo, que muitos surdos nunca tiveram ocasião de frequentar escolas, torna-se necessário um meio qualquer de comunicação para que se façam entender. (OATES, 1969, p 6).

Não podemos reduzir o trabalho do Redentorista a um manual, mas, certamente tinha um cunho pedagógico sugerido pelo próprio Oates justificado no fato de haver sinais fora de uso no Brasil como afirma o Chanceler da Arquidiocese de Juiz de Fora – MG, Padre Vicente Burnier: "Alguns gestos não existentes no Brasil e presentes neste livro, visaram a completar e dar exata expressão do pensamento (OATES, 1969, p 7)".

Embora tenhamos ciência das limitações impostas a esta investigação, não podemos considerá-las percalços impeditivos de aprofundamento na teoria dos movimentos plásticos dos sinais. Devemos sim, sustentar nossas proposições em duas considerações importantes. 1. A Libras é uma língua natural, 2. Sobre toda língua natural incidem leis exteriores a ela que as fazem variar no tempo e no espaço. Aportados nesses pressupostos, pressupomos que não só a Libras, mas todas as línguas vivas, independentemente de sua natureza, sofrem metaplasmos.

Iniciar estudos, com as limitações elencadas, não configuraria pretensão de elaborar uma pesquisa em si, mas fixar um ponto para aprofundamentos e apoio a pesquisas posteriores. Nesse sentido, buscamos sustentar ao máximo nossa pesquisa na historiografia da Libras, já que não temos conhecimento, até agora, de pesquisa da árvore genealógica das línguas de sinais, suporte valiosos para os estudos dos metaplasmos. Nosso objetivo não é dissecar o conhecimento sobre o tema, mas de promover a pesquisa na área propondo um ponto de partida a quem pretende avançar no assunto, ou ponto de chegada aos estudiosos que dominam os fenômenos das transformações fonéticas. Mesmo que fragmentício ou complementar, o importante é que dê suporte aos pesquisadores que virão.

5 APORTE TEÓRICO

A Libras, assim como as línguas em geral, nasce naturalmente no seio de sua comunidade específica devido à necessidade inata do ser humano de se comunicar, independentemente de suas limitações. A impossibilidade de as pessoas surdas de reconhecer fonemas fez nascer um idioma de modalidade visu-espacial. Devido a seu reconhecimento tardio, existem poucas pesquisas na área, todavia, após a implementação da Lei Federal 10.436 no ano de 2.002 no Brasil, os estudos têm-se intensificado na direção de assegurar sua legitimidade de língua. Por ser uma língua natural de grupos minoritários, considerados ao longo da história da humanidade como deficientes, nos dias atuais ainda podemos verificar algumas condutas hostis em relação ao tema, como efeito de herança de períodos anteriores. Como exemplo, temos o uso do recurso do avatar e legendas em transmissões televisivas de programas de acessibilidade obrigados por lei. Há uma certa resistência na adesão pelos intérpretes de Libras por desconfiarem da credibilidade na eficácia da transliteração via sinais.

Chomsky (2006, p. 87) afirma que os seres humanos “normais” apresentam capacidade comunicativa com habilidades de produzir um número infinito de orações a partir de um conjunto de regras. Essa é uma potencialidade inata comum aos seres humanos e é potencializada em sua genética em associação com a interação social, seria uma gramática universal. Contemporâneo de Chomsky, Joseph H. Greenberg (1963, p 92) publica a teoria dos universais linguísticos e os conceitua como sendo uma base comum a todas as línguas que constituem característica fundamental para sua autenticidade, quais sejam, fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática. Em remissão a Chomsky, temos que as propriedades comuns das línguas humanas se apresentam em geral nas línguas naturais, aqui, enfatizei os universais no âmbito fonológico tão necessário para os estudos dos movimentos da plástica dos sinais.

Outro linguista, que nos ajuda a entender o assunto, é o americano William Stokoe que volta suas pesquisas para as línguas de sinais. Ele publicou trabalhos importantes na área das línguas de sinais americanas - ASL como, *Sign language structure* e foi co-autor de *Dictionary of American Sign Language on Linguistic Principles*. Um Dicionário de Língua Gestual Americana sobre Princípios Linguísticos (1965), enquanto trabalhava na

Universidade de Gallaudet em Washington, nos EUA. Essas publicações foram de suma importância para a afirmação do status linguístico da ASL e influenciaram os estudiosos da Libras no Brasil que adotam Stokoe como o pai da linguística das línguas de sinais.

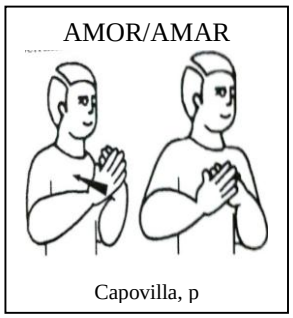
Na década de 1960, ele apresenta um estudo que decompõe os sinais ASL em partes menores e em três parâmetros sem significados. Essas partículas são chamadas inicialmente de quiremas, para designar a área de estudos das línguas de sinais em partes menores. “Quiremas” é palavra derivada do grego que significa segmento mínimo sinalizado. Já seu estudo mais amplo que envolve toda camada exterior aos segmentos dos sinais, foi classificado por Stokoe de quirologia.

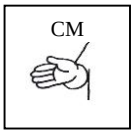
Entretanto, vários outros autores que se debruçaram nos estudos dos menores segmentos teorizadas por Stokoe, seguem aprofundando as pesquisas utilizando outros termos e ao invés de “quirema e quirologia”, preferem “fonema e fonologia (Battison, 1978; Klima & Bellugi, p 240-241). A justificativa para a adesão aos mesmos termos utilizados pelas línguas orais seria destacar semelhança entre elas. Além do mais, assevera Battison (1978, p 196) que, os termos “fonema” e “fonologia” se referem, na teoria linguística, a entidades abstratas, independentes de seu canal de manifestação, mesmo que os termos sejam formados pela raiz grega “phone” com o significado de som. Bem, a questão gira em torno do conceito de “fonema” e aplicá-lo ou não para o estudo dos parâmetros das línguas de sinais necessitaríamos de estudo mais aprofundado, contudo essa não é a máxima de nossa pesquisa, portanto, usaremos o termo “quirema” e “quirologia” conforme Stokoe.

Embora nesse estudo nos alicerçamos nas pesquisas dos teóricos acima, não nos aprofundaremos especificamente na significação e aplicação dos termos: quirema, quirologia, fonema, fonologia. O que mais importa para o viés dos metaplasmos é que Stokoe e seus seguidores teóricos conseguiram propor que as línguas de sinais tais, quais as línguas orais, possuem o universal linguístico (quirologia/fonologia) e, portanto, classificam-se como línguas naturais. A partir dessa afirmação, focalizaremos os estudos dos fenômenos metaplásticos na Libras.

Os três primeiros parâmetros apresentados nos estudos de Stokoe foram: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA) ou Locação (L) e movimento (M). Exemplo:

Figuras 8

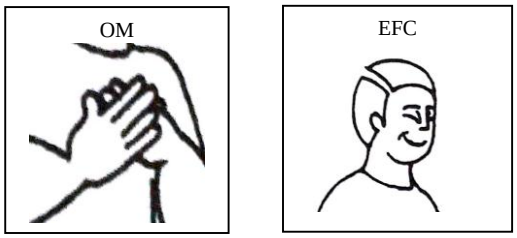




- CM, forma que as mãos assumem para realização do sinal;
- PA ou L, ponto onde a (as) mão (ãos) configuradas tocam o corpo para sinalizar;
- M, movimento que a mão faz no momento da execução do sinal.

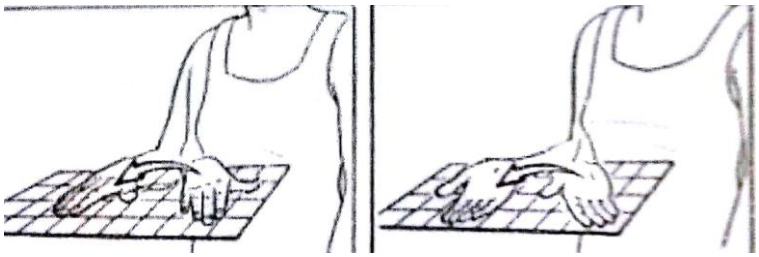
Esses três parâmetros foram base fundamental para os estudos de Battison (2000) que a eles adicionou mais duas segmentações: a orientação da palma da mão (OM), que aqui chamaremos de (OM) e Expressões não Manuais (ENM) que chamaremos de Expressões faci-corporais (EFC).

Figuras 9



No exemplo a seguir, nos sinais correspondentes ao léxico da ASL: *child*, *thing* podemos perceber que o único segmento diferenciador é a orientação da mão (OM). Enquanto em *child* a mão é voltada para baixo, em *thing* a mão é voltada para cima.

Figura 10



(KLIMA & BELLUGI 1979, p 48)

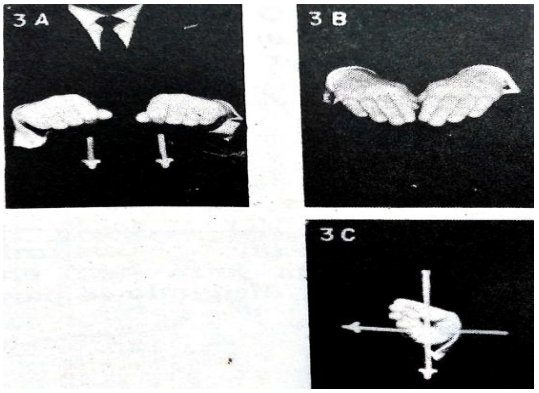
Como vimos, cada um dos parâmetros apresentados têm importante função da formação do sinal. A mudança em qualquer dos parâmetros, na execução do sinal, pode fazer mudar completamente sua estrutura levando ao interlocutor o entendimento equivocado de outro sinal. No caso do sinal *child*, se não se atentar para a (OM), configurar-se-á outros sinal: *thing*. Embora saibamos da importância dos cinco parâmetros teorizados por Stokoe e Battison e que são indispensáveis para a inteligibilidade do sinal, para identificarmos grau de parentesco ou se se trata de um processo metaplástico consideraremos apenas os parâmetros primários.

Metaplasmos são as mudanças que uma palavra/sinal sofre em sua estrutura interna. Estas alterações ocorrem de forma gradual e inconsciente. Na Libras, podemos citar como motivos dos efeitos metaplásticos: necessidade de mais conforto na comunicação e necessidade de agilidade. Vejamos:

1 O conforto na fala;

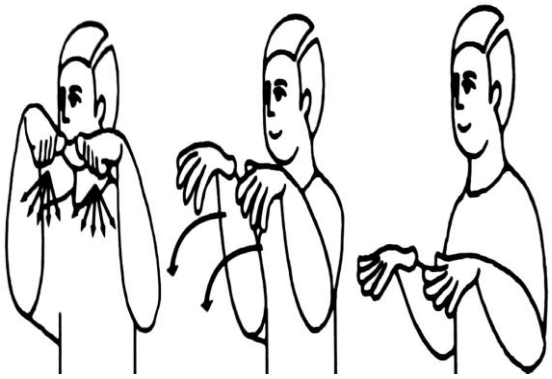
Figuras 11

Abençoar



Oates, p 17

Abençoar



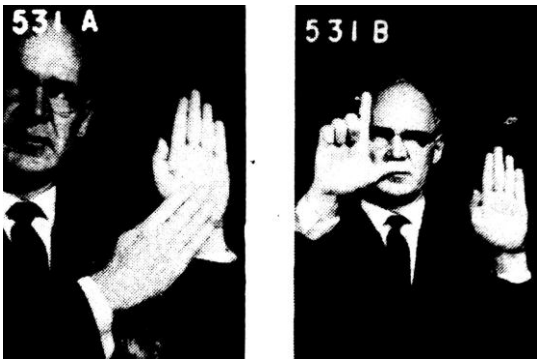
Capovilla, p 246

Nesse exemplo, verificamos a contração de vários parâmetros. No sinal que corresponde à BENÇÃO, na Libras, que foi registrado pelo americano Eugênio Oates em 1969, o sinal é composto: BENÇÃO + CRUZ. Em 2012, Capovilla registra o mesmo sinal no formato contraído que circula ainda hoje. Embora, do sinal, tenha sido suprimido todo um conjunto de parâmetros com significado: CRUZ, o sinal de BENÇÃO não perdeu nada na carga semântica. Nesse caso, não consideraremos o subtraído (CRUZ) como inerentemente constituído da totalidade, embora tenha significação independente, pois nunca significará, sozinho BENÇÃO. Assim, nos estudos metaplásticos considera-se os movimentos plásticos sem choque semântico. BENÇÃO continuará significando BENÇÃO sem o conjunto de parâmetros que formava (CRUZ). Já CRUZ, desconectado de BENÇÃO, admitirá outro significado, mas nunca será o de BENÇÃO. Então, o sinal CRUZ será considerado um conjunto de parâmetros em relação ao sinal BENÇÃO.

2 Agilidade na fala;

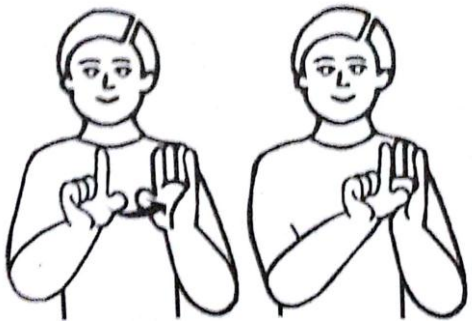
Figuras 12

Lei



Oates, p 126

Lei

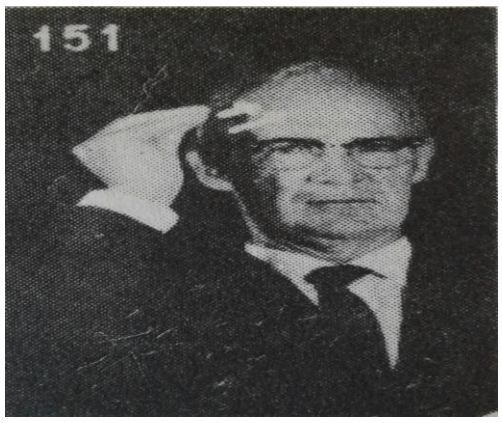


Capovilla, 1555

O sinal de LEI em Oates é composto por dois sinais: PROPOSTA+LEI. Em Capovilla, verifica-se a supressão do conjunto de parâmetros correspondentes ao sinal PROPOSTA. Esse exemplo é similar ao de BENÇÃO, contudo, podemos encontrar sinais que contraíram somente um ou dois de seus parâmetros sem significação alguma.

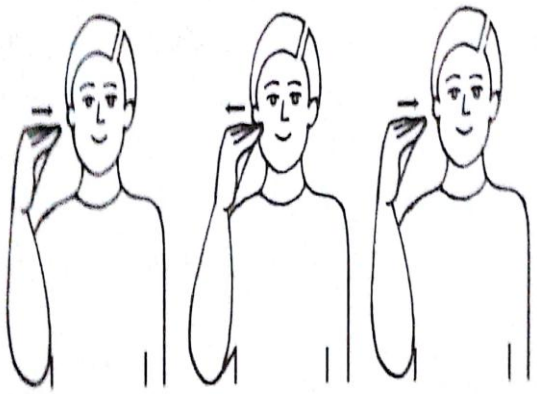
Figuras 13

Experimentar



Oates, 48

Experimentar



Capovilla, 1.197

No sinal EXPERIMENTAR, foi suprimido notadamente um parâmetro, um Movimento (M), a Locação sofreu apenas uma mudança mas não foi contraída, ou seja, em Oates o toque é na fronte enquanto em Capovilla o toque é na bochecha. Se fôssemos classificar o tipo de metaplasmos dessa amostra, seria um metaplasmo de transposição, pois não houve subtração nem adição de parâmetro, apenas uma mudança na locação.

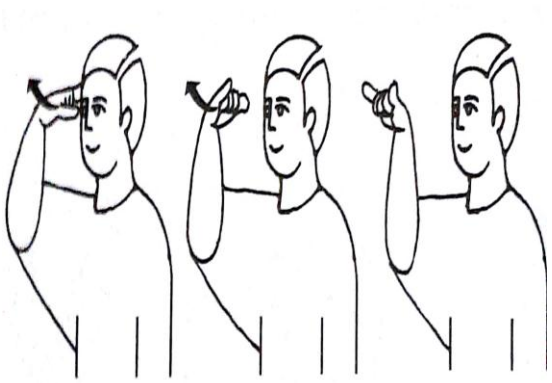
No sinal EVITAR também é o caso de subtração de (M) embora permaneça no mesmo (L).

Figura 14

Evitar

Oates, 47

Evitar



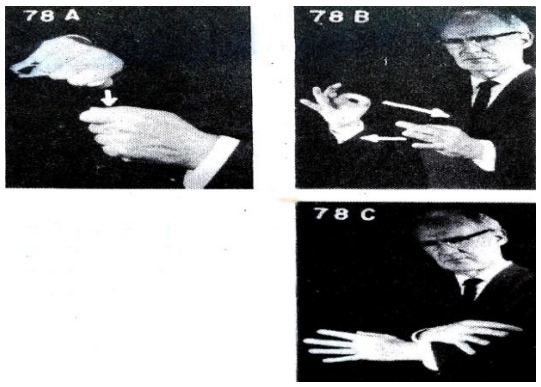
Capovilla, 1.185

Alguns autores tratam esses movimentos plásticos na Libras como de variação diacrônica; no entanto, os sinais apresentados no dicionário *Linguagem das Mãos* não sofreram obsolescência. Eles estão em uso com outra configuração estrutural, assim não podemos afirmar ser outro sinal. Nesse caso, poderiam ser classificados como variação diatópica ou diastrática em plano sincrônico, mas, na linguística, principalmente com enfoque variacionista, devemos fazer remissão temporal considerando fatores históricos para as transmutações fonéticas.

Para caracterizar uma variação histórica entre dois sinais de mesmo significado é necessária a observância de uma cisão entre um e outro no tempo, impossibilitando a ligação de parentesco entre os sinais envolvidos na análise. Vejamos os exemplo:

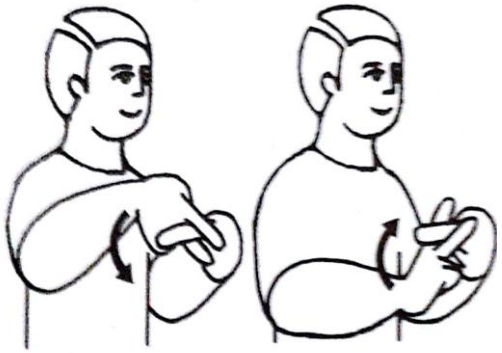
Figuras 15

Consertar



Oates, p 33

Consertar

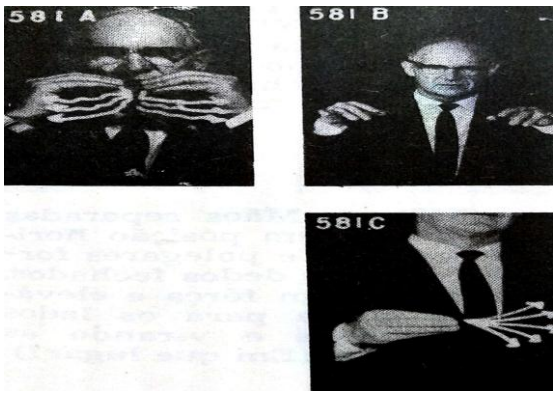


Capovill a, p 807

Notadamente, o conjunto de parâmetros que compõe o sinal de CONSERTAR registrado por Oates e por Capovilla é totalmente diferente, caracterizado como uma variação diacrônica. Na decomposição dos sinais de NOTÍCIA, não foi constatada nenhuma linha de parentesco, portanto constituindo uma amostra de variação diacrônica.

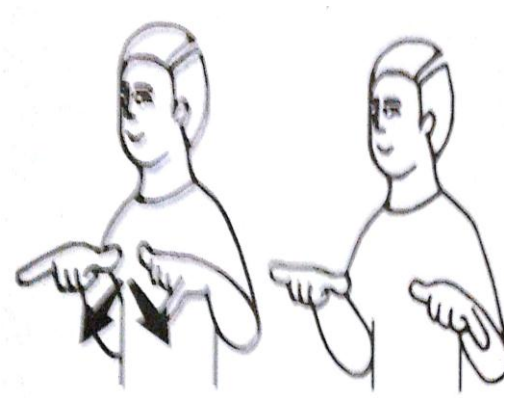
Figuras 16

Notícia



Oates, p 135

Notícia



Capovilla, p 1799

Labov classificou as variações em concorrentes e coocorrentes. O primeiro tipo são variações que subsistem em disputa, o segundo são variações que, simplesmente, subsistem sem que o uso de uma afete a existência da outra. No entanto, dada classificação pode ser

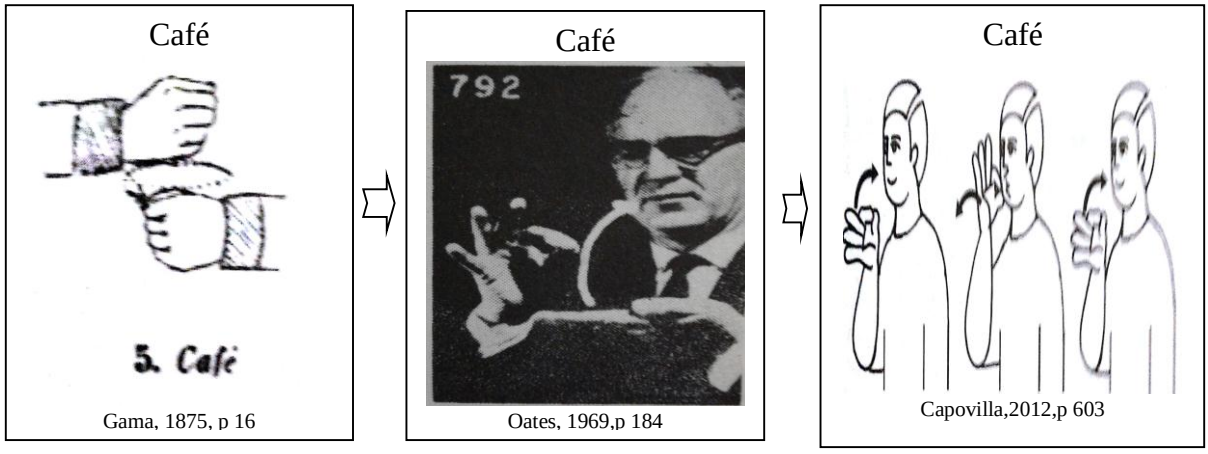
alterada, visto ser a língua, imprevisivelmente mutável, sua classificação também flutua. As línguas vivas repousam sobre solo fértil de transformações, em que nascem e renascem, se formam e se transformam a todo momento.

As variações diacrônicas concorrentes estão em uso concomitantemente e podem até ser classificadas como variações diatópicas ou diastráticas. Já as variações coocorrentes ocorrem quando um termo se sobrepõe a outro e possivelmente acontecerá um metaplasmo.

As variações concorrentes são confundíveis com os metaplasmos. Assim, devemos destacar que as variações, como o nome sugere, são palavras/sinais variados (diferentes) coexistindo sobre força de disputa em direção ao seu referido. Dizendo de outro modo, uma variação segue duas vias paralelas na mesma direção em que cada referente ocupa uma linha em disputa. Já os metaplasmos admitem apenas uma forma referente, ocupando uma via em disputa, consigo mesma, com seu formato anterior, num metamorfosear-se contínuo a partir de sua configuração precedente. Um metaplasmo em processo pode ser classificado como alofonia até que uma das formas se sobrepunha definitivamente a outra. Caso não haja, sobreposição, continuará como alofonia, mas nunca variação.

Para ilustrar, apresento o registro de três referentes em tempo histórico diferente, para o mesmo referido:

Figuras 17



Nos três registros percebemos se tratar de sinal da classe dos icônicos. O primeiro, de Gama, representa o movimento do moedor do café, sinal em sintonia com a tecnologia e costume da sociedade naquele período histórico, já que era rotina moer café nas residências europeias do século XIX. Em Oates, o sinal imita o ato de tomar café, mão passiva como se apoiasse uma xícara e a mão ativa segurando delicadamente a asa da xícara.

Com a expansão da Segunda Revolução Industrial, o mundo se rende ao consumo de produtos industrializados. Assim, tanto o café como os demais grãos chegam aos lares modernos beneficiados, no caso do café, torrado e moído. Como as mudanças nas línguas são constantes, o sinal de CAFÉ adequou-se sensivelmente aos hábitos e significados envoltos no ato de tomar a bebida e perde a mão passiva para que se torne mais ágil e confortável em sua execução.

Segundo o método comparativo de Faraco (2005, p 91 – 127), se analisarmos os parâmetros envoltos nos três sinais, observamos que o sinal registrado por Capovilla é parente do sinal registrado por Oates, pois verifica-se em Capovilla somente a supressão de fonemas/quiremas configurados na mão passiva. Assim, pode-se afirmar que os sinais de Oates e de Capovilla são os mesmos, apenas sofreram alteração na sua plástica, portanto, trata-se de um metaplasmo. Todavia, o sinal registrado por Gama não tem nenhuma similitude em seu conjunto quirológico comparado aos demais. Embora signifique CAFÉ, trata-se de outro signo. Concluímos que entre o sinal de Gama e Oates há uma variação diacrônica e entre o sinal de Oates e Capovilla um metaplasmo.

Nas línguas orais, casos de sentenças que sofreram processos metaplásticos nas línguas faladas, geralmente são resultantes de variações históricas e as transformações sofridas servem para dinamizar, agilizar e facilitar a fala ou, ainda, por processos analógicos. Esse processo de evolução gramatical quase sempre resulta em redução da estrutura, em economicidade, em decorrência da também, pretensão de se reduzir as formalidades. Vejamos o exemplo na LP:

Vossa mercede
Vossa mercê
Vossemecê
Vosmecê
Você
vc

A primeira forma (vossa mercede), demandaria mais tempo e esforço para ser falada o que impulsionou um processo de redução até chegar na forma (você), influenciado pela lei fonética do menor esforço, a forma (vc) está em fase embrionária de mutação mas já constamos o uso constantes desse grafema, principalmente em redes virtuais.

Voltando para a Libras, é importante frisar que, esses casos são díspares das variações regionais cuja dinâmica é outra: signos diferentes designam o mesmo referente e continuam concomitantemente em circulação, em regiões diferentes, como nos exemplos:

Figuras 18

Palavra em Português	**Variação Rio de Janeiro**	**Variação São Paulo**	**Variação Curitiba**
Mas			

Verde			

(STROBEL e FERNANDES, 1996, p 27)

Os processos metaplásticos também se diferenciam dos casos de polissemia, pois nesse fenômeno linguístico novos significados nascem para o mesmo significante e sua carga semântica vai variar de acordo com o contexto, tipos de texto, a cultura do leitor ou de quem escreve. Exemplo:

a) Acertei na **mosca**;

b) Encontrei uma **mosca** na sopa;

a) A prova estava uma **sopa**;

b) A **sopa** está quente.

O que flutua, no caso, é a carga significativa envolta na contextualização da palavra e não sua estrutura, ou seja, há alteração semântica e não fonética.

Dessa forma, em nada lembra os processos metaplásticos tratados aqui, pois neles, há mudança na plástica e não na semântica. Assim, termos e conceitos caminham na mesma direção em vias diferentes e para substanciar essa dinâmica das línguas podemos citar Faustich que afirma:

> Termos são signos que encontram sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, de acordo com a dinâmica das línguas; são entidades variantes porque fazem parte das situações comunicativas distintas: são itens do léxico especializado, que passa por evoluções, por isso devem ser analisados no plano sincrônico e no plano diacrônico das línguas.” (1.998, p 93).

Os processos metaplásticos precisam ser analisados no plano diacrônico e sincrônico, pois, as palavras caminham no tempo, como se estivessem num invólucro junto com seus significados e os fenômenos sociais não interferem na essência semântica, mas, no corpo do signo.

No plano sincrônico, há que se considerar as dinâmicas culturais e os fenômenos resultantes de seus contatos, bem como, os sistemas próprio das línguas como manifestações intrínsecas das estruturas internas. Por isso, os movimentos internos das estruturas sígnias, suscitaram uma pesquisa mais abrangente, pois a fala não é uma ação que cumpre o papel da fisiologia do aparelho fonador independentemente, mas uma parte de um complexo processo que envolve etapas fisiológicas, biológicas, linguísticas e cognitivas, como é o caso das imagens acústicas que são uma experiência individual para cada pessoa de acordo com suas leituras de mundo e conhecimentos prévios.

5.1 Parâmetros da Libras

Saussure (1998, p 80) afirma que o significante não é a matéria fônica, é a impressão psíquica desse som, é aquilo que evoca o significado. Falar não é uma ação que envolve somente a boca. Os atos de fala, envolve um processo cognitivo que finaliza na boca pelos falantes de línguas orais, e nas mãos para os sinalizantes.

> O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente poema (SAUSSURE, 1998, p. 80).

Se significante não é um som e sim uma imagem acústica, então, o significado é o evocado pela impressão psíquica desse som. Podemos, por adaptação, concluir que o significado pode ser projetado no psíquico do sujeito surdo por um código visual, pois para ele, o som não é percebido. Por isso, o visual é aguçado proporcionando mais conforto nas leituras de mundo, de acordo com o que preconiza Stokoe.

A Libras é dotada de uma gramática constituída por sinais, um conjunto de códigos convencionados e estruturados a partir de mecanismos: fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos apresentando especificidades de uma modalidade gestual, todavia, segue princípios básicos obedecendo às leis quirológicas, como toda língua natural. Daí o fato de mover-se no tempo. Os constitutivos pragmáticos permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. Esses princípios regem também o uso adequado das estruturas linguísticas, isso é, permitem aos sinalizantes, usar estruturas metafóricas nos diferentes contextos correspondentes às diversas funções linguísticas que emergem na interação cotidiana.

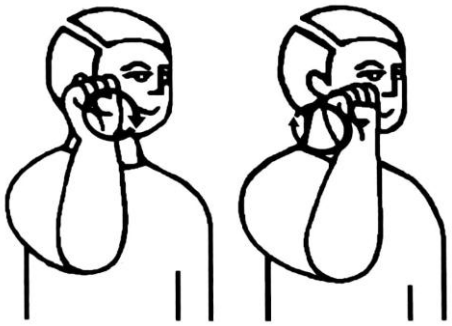
Hoje, uma das maiores preocupações da linguística não é com os estudos descritivos das línguas naturais, mas com as suas histórias externas, ou seja, a exterioridade da língua. Essa tendência se estende às línguas sinalizadas e no ano de 1960, a partir das teorias de Stokoe, as línguas de sinais começam a ser aceitas como línguas naturais. No Brasil, os primeiros pesquisadores a publicar estudos da fonologia da Libras, embasando seus escritos nas teorias de Stokoe, foram Quadros e Karnopp (2004, p. 92), Ferreira, Brito (1990, p. 87).

Ferreira e Brito (1990, p. 92) catalogou os parâmetros primários da Libras, enfatizando a estrutura da fonologia e traços distintivos dos sinais. “As mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinados locais nesse espaço, são os articuladores primários dessas línguas”

Segundo Quadros e Karnopp (2.004, p. 85), para o pesquisador de uma língua de sinais identificar seus traços distintivos, é necessário decompor seus parâmetros, identificar as configurações de mão (CM), as locações (L) e os movimentos (M) e depois encontrar os traços que as diferenciam. Isso é feito por meio de estudos comparativos de pares de sinais que se contrastam minimamente: pares mínimos. Se pelo menos um parâmetro se diferenciar, então teremos um outro significado para o sinal. Os sinais a seguir são exemplos de parâmetros que se diferenciam minimamente. Entre SENADOR e ADVOGADO temos o mesmo (M), mesmo (L) e o que diferencia é a (CM).

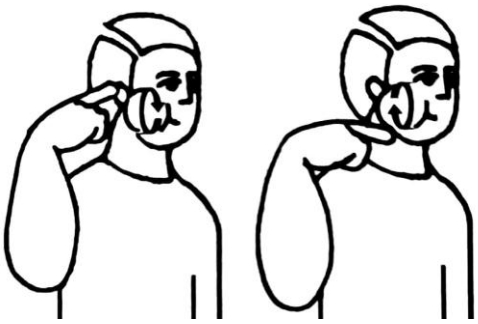
Figuras 19

Senador



Capovila, p 2.252

Advogado



Capovilla, p 294

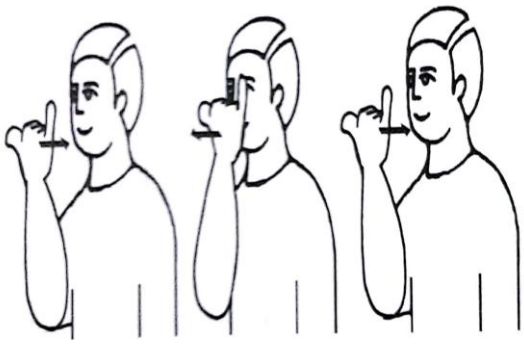
Já entre os sinais de DESCULPA e AZAR, o único traço distintivo é a (L), caracterizando caso de par mínimo entre os sinais.

Figuras 20

Desculpa

Capovilla, p 945

Azar



Capovilla, p 464

Segundo os estudos desses linguistas, tanto a Libras como a Língua Portuguesa possuem “fonemas”, sendo que na Libras, são apresentados no espaço, captados visualmente e falados pelas mãos. As mais diversas formas que as mãos, corpo e rosto tomam também podem ser considerados partículas que, orquestradas, compõem o signo.

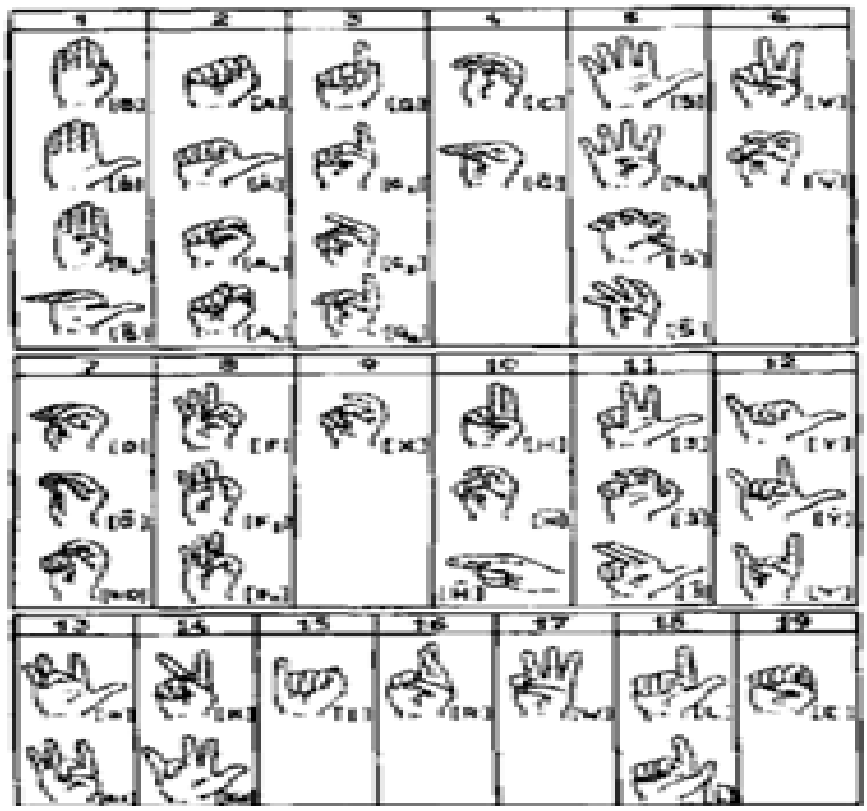
Os estudos de Stokoe foram importantes para mostrar a diferença essencial entre as línguas orais e de sinais. A primeira é linear, a segunda é simultânea na produção dos enunciados.

Os parâmetros primários e secundários foram minuciosamente estudados e subdivididos. Explanaremos, aqui, para ampliar a abordagem, mas, as subdivisões dos primeiros parâmetros não influenciam nos estudos metaplásticos ora propostos, visto que os subseguimentos de CM, L, M, OM e EFC não fazem ligação direta entre si. Dito de outro modo, as partes maiores literalmente dividem-se e subdividem-se sem que se toquem. Assim, os tipos de movimentos, por exemplo: a frequência, a maneira ou a direcionalidade, que são subdivisões de um parâmetro primário, não interferem em outro parâmetro, nem primário, nem secundário. Desta forma, torna-se desnecessário a decomposição em níveis, digamos, terciários das submodalidades, para caracterizar ou não um processo metaplástico ou de parentesco linguístico.

5.1.1 Configuração de Mão (CM)

Seguindo as ideias de Stokoe e Battison sobre a segmentação das línguas de sinais, Brito, uma das primeiras pesquisadoras brasileiras a estudar os parâmetros da Libras, apresenta um quadro de CM, publicado em 1997, no Livro *Língua Brasileira de Sinais*. Os parâmetros, catalogados por ela, estariam postos com 46 tipos de configurações de mãos, assim:

Figura 21



(BRITO, 1997, p 33)

Importante lembrar que assim como os grupos de fonemas das línguas orais não são os mesmos para todas as línguas do mundo, o parâmetro CM também não é universalmente encontrado em todas as línguas de sinais. Algumas CM podem coincidir com as utilizadas na Libras, mas não em sua totalidade. Nelson Pimenta avança estudos sobre esse parâmetro e atualiza o quadro de CM da Libras, apresentando 62 CM.

Por muito tempo a tabela de configuração de mãos oficialmente aceita foi a de Nelson Pimenta. Porém, com o avanço dos estudos da Libras, o número de configurações foi aumentando, até porque, o léxico também aumentou. As pessoas passaram a comunicarem-se mais pela Libras apropriando-se de um vasto vocabulário que veio enriquecer e aprimorar cada vez mais as interações via Libras impactando significativamente no aumento do repertório vocabular dos falantes de Libras.

Figura 22

(PIMENTA e QUADROS 2006, p 73)

A datilologia, embora componha alguns formatos do quadro de CM, não pode ser tratada como tal, pois, ainda que seja um recurso muito utilizado nos processos de interpretação de línguas orais para línguas de sinais, não são seus componentes gramaticais, são apenas substituições de letras por sinais formados na (s) mão (aos). São colagens aleatórias, cada um pode criar a sua própria forma de colagem, por exemplo, na frase: “Amo Libras”. Se num determinado código de colagem a letra ‘A’ equivaler a ♥, a letra ‘M’ a ♣, a ‘O’ a ♠, a ‘L’ ♪, a letra ‘I’ por ‘!’, a letra ‘B’ por §, a letra ‘R’ por ☼, a letra ‘S’ por*. Teremos a mesma frase escrita por colagem assim: ♥♣♠ ♪!§☼♥*. Então:

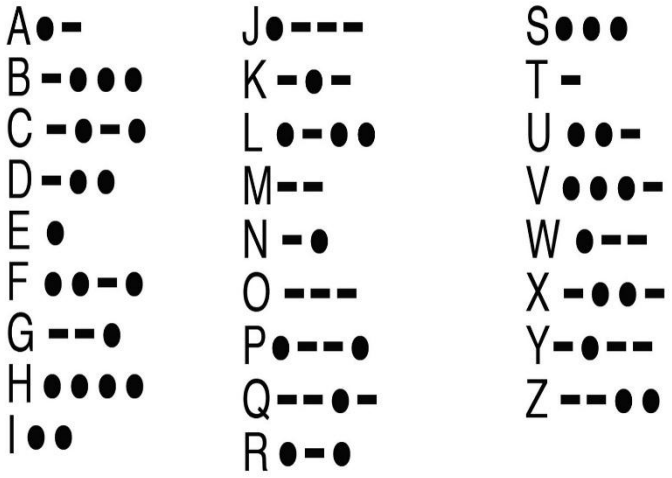
A	M	O	L	I	B	R	A	S
♥	♣	♠	♪	!	§	☼	♥	*

Amo Libras/♥♣♠ ♪!§☼♥*

No exemplo acima, foi adaptado para representar a frase, mas nem por isso será uma língua, apenas uma colagem. A datilologia é a mesma coisa, não é e nunca será língua, pelo contrário, está condicionada à estrutura da língua que pretende colar/adaptar/legendar. Assim, foi criado o código Morse, o Braile, o código binário e a língua do 'P' com que as crianças tanto gostam de brincar. Observemos a estrutura de dependência dos sistemas:

Figura 23

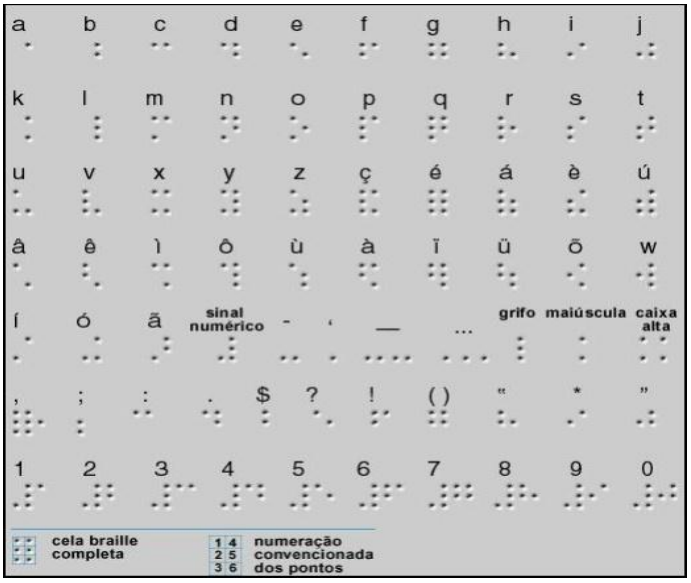
Código Morse



http://www.infoescola.com/comunicacao/codigo-morse/

Figura 24

Sistema Braile



http://www.infoescola.com/portugues/braile/

Um ponto que merece destaque nos estudos metaplásticos é a questão dos morfemas. Se analisarmos do ponto de vista morfológico, às vezes, as configurações de mãos constituem um morfema, mas aqui focalizaremos a decomposição dos parâmetros diretamente ligados em carga semântica, ou seja, nosso estudo girará em torno da fonologia, do resultado do agrupamento vocabular, primando pelos movimentos fonéticos em mesma direção semântica. Assim:

CAVALO + LISTRA = ZEBRA

Num estudo semântico, se removermos o primeiro sinal, sobrará LISTRA, mas esta LISTRA só faz sentido para ZEBRA se vier acompanhado do sinal CAVALO. Se substituirmos CAVALO por CAMISA, a LISTRA corresponderá a outro sentido: “camisa listrada”. Então, no caso de um olhar voltado para os estudos fonéticos, LISTRA não passará de um conjunto de parâmetros em relação a CAVALO ou à CAMISA, ou seja, terá função morfemática.

5.1.2 Locação ou Ponto de Articulação (PA)

O parâmetro locação é representado pela letra L e é nomeado por alguns autores de ponto de articulação (PA), ambos traduzem o local onde a não configurada toca para executar o sinal. Nesse trabalho escolhemos a terminologia locação (L), por entender que nem todos os sinais articulam-se em um ponto. Alguns sinais, simplesmente, não têm o parâmetro movimento.

Esses locais podem ser:

(C) CABEÇA: topo, testa, rosto, parte superior do rosto, parte inferior do rosto, orelha, olhos, nariz, boca, bochechas, zona abaixo do queixo;

(T) TRONCO: pescoço, ombro, busto, estômago, cintura;

(B) BRAÇOS: braço, antebraço, cotovelo e pulso;

(M) MÃO: palma, costa da mão, lado do indicador, lado do dedo mínimo, dedos, ponta dos dedos, nós dos dedos (junção entre os dedos e a mão), nós dos dedos (primeira junta dos dedos), dedo mínimo, anular, dedo médio, indicador, polegar, interstícios entre os dedos, interstício entre o polegar e o indicador, interstício entre os dedos indicador e médio, interstício entre os dedos médio e anular, interstício entre os dedos anular e mínimo;

(P) PERNA

(EN) ESPAÇO NEUTRO

5.1.3 Movimento (M)

O movimento é a ação que as mão(s) executam no ato da sinalização. Os movimentos são, basicamente, classificados em:

Movimentos Retilíneos: são os sinais que são feitos de forma reta, tipo: INTELIGENTE, PORQUE, ENCONTRAR.

Movimento Helicoidal: são os sinais em formas de aspirais, tipo: IMPORTANTE, AZEITE, MACARRÃO.

Movimento Circular: são aqueles que formam círculos, mas não em movimentação. São exemplos: BRINCAR, IDIOTA, BICICLETA.

Movimento Semicircular: não completam o círculo: LUA, MEIA-HORA, CORAGEM.

Movimento Sinuoso: são os que assumem o formato de curva para direita e esquerda, exemplo: BRASIL, RIO, BARCO.

Movimento Angular: assume um trajeto do tipo zigue-zague como nos sinais: SEMPRE, PAZ, FELIZ.

A direcionalidade desses movimentos, subdivide-se em três. Se o movimento é executado com uma mão, duas ou quando não tem direção estabelecida.

a) Direcionais - unidirecionais: Como no sinal de VIAJAR, IR, ANDAR etc.

b) Direcionais - Bidirecionais: Como no sinal de ORGANIZAR, PLANEJAR, TRABALHAR;

c) Não direcionais, seria qualquer movimento que não tem uma direção. Por exemplo: SOLTEIRO, NAMORAR etc. Aqueles que são feitos geralmente parados e que não têm uma regra exata para a sua movimentação.

Cada movimento é executado de um determinado jeito, que na Libras, chamamos de maneira. A maneira diz respeito à qualidade e a tensão do movimento, ou seja, à velocidade ou à demora com que o sinal é feito. Por exemplo, o sinal de EXCELENTE. Geralmente,

fazemos mais devagar para dar tempo de o receptor notar a expressão facial que vai intensificar mais ou menos o sinal.

Para facilitar a exibição dos movimentos da Libras, na nossa análise, adotaremos o seguinte esquema de abreviatura para cada movimento principal:

Retilíneo: R

Sinuoso: S

Circular: C

Semicircular: SC

Helicoidal: H

Angular: A

6 AS VARIAÇÕES

Segundo Labov (2008, p 193), há dois tipos de variações, as concorrentes e as coocorrentes. As primeiras se referem a termos que coexistiram durante algum tempo e por alguma força, geralmente fatores sociais, uma se sobrepõe à outra tornando-se mais aceitável e garantindo sua existência em uso, enquanto a outra, entra em desuso.

Em análise sincrônica, se seguirmos a mesma linha de Labov, perceberemos que nos sinais de PRETO, os metaplasmos ocorrerão como consequência da classe de sinais concorrentes, pois sempre ocorrerá a dominância de uso de uma forma que, gradativamente, fará a outra sumir.

Alguns sinais entram em uso pelo fato de o sinal existente não abranger semanticamente a carga de significação pretendida. Esses sinais, segundo Labov (2008, p. 39), podem ter sido do grupo dos coocorrentes, depois passaram para os concorrentes até se transformar em uma variação histórica, se for substituído por outra forma, ou um caso de metaplasmo, se apenas modificou a plástica da forma já existente. São casos:

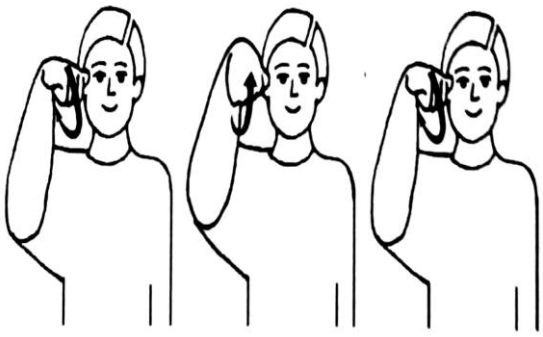
Figura 25

Preto

Oates, p 166

Figura 26

Negro



Capovilla, p 1785

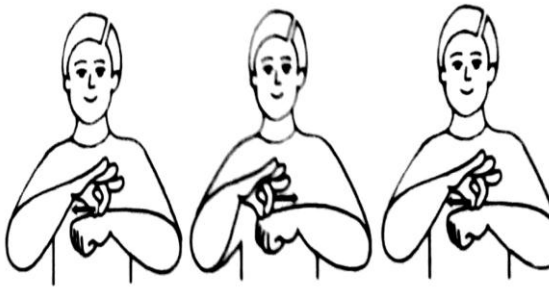
Antes da conscientização e avanço nos estudos culturais, a comunidade surda usava o mesmo sinal PRETO para se referir à cor e raça (NEGRO). Conforme consta no dicionário *Linguagem das Mãos* ao detalhar a descrição do sinal:

> PRÊTO – (728) – Mão esquerda em "S", palma para baixo. Colocar a ponta do médio da mão direita em "P" no dorso da mão esquerda e mover a mão direita para frente e para dentro duas vezes. (NEGRO). (OATES, p 166).

Oates (1969, p 166), ao especificar a palavra NEGRO, entre parênteses, objetiva indicar que o sinal explicado possui dois significados para se referir à cor e raça.

Figura 27

Preto



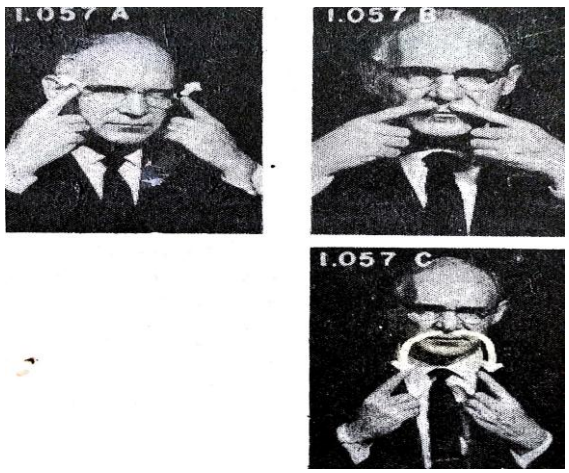
Capovilla, p 2043

Já o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue*, embora registre a palavra PRETO, se refere à raça e não à cor, conforme explicação: [... Pertencente à raça negra ou, melhor dizendo, a pessoa cujos ascendentes são de origem africana...] (Capovilla, p. 2012).

As mudanças e maior adesão ao sinal NEGRO objetivam fortalecer a carga semântica de RAÇA fomentando maior articulação discursiva dos usuários em debates sobre temas de diversidades, cultura, preconceito, discriminação, inclusão, alteridade e áreas afins. Haveria uma preocupação em não reduzir os NEGROS a adjetivos expressos somente pela cor, evitando subjetivações de discursos coloniais. Para o mesmo caso e linha de raciocínio, apresenta-se o sinal correspondente a CHINÊS.

Figura 28

Chinês

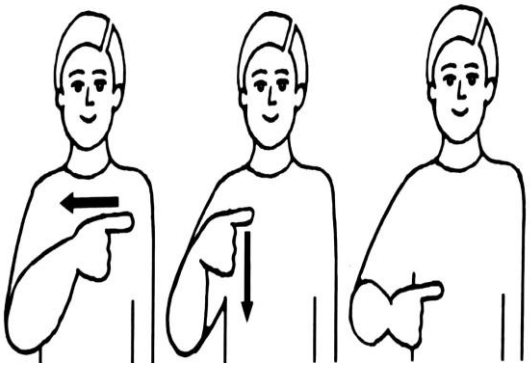


Oates, p. 252

Que antes era utilizado de forma a adjetivar esses orientais pelas características dos olhos. Uma corrente de educadores de surdos e linguistas da Libras indicam o uso da segunda variação, pois, assim, não reduziriam a identidade de um povo a uma característica física.

Figura 29

Chinês



Capovilla, p. 723

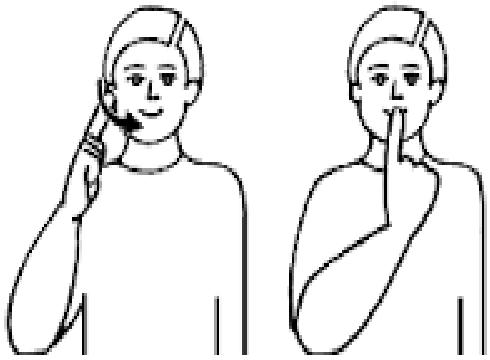
Por outro lado e do mesmo modo, temos a palavra “surdo-mudo” que por questões sociais e conceituais subtraiu o seu formato para “surdo”, no entanto, esse fenômeno ocorreu somente na LP. Na Libras o sinal designado para SURDO permanece com seu formato desde os registros de Gama até hoje, porém, o valor semântico acompanhou o novo conceito social de surdez e mudez.

Figuras 30

Surdo-mudo

Gama, p. 28

Surdo



Capovilla, p. 2316

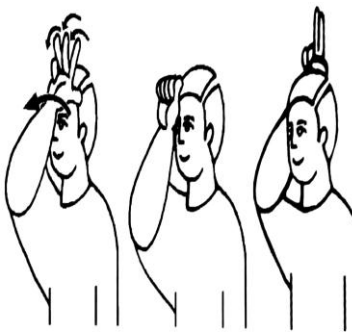
Analisando sincronicamente, temos o mesmo sinal para conceitos diferentes. Antes, acreditava-se que todo surdo estava fadado à mudez, com o avanço nos estudos da surdez, essa visão mudou: ser surdo, não implica necessariamente ser mudo.

A maioria dos surdos opta pela língua de sinais, simplesmente, por serem visuais e não por não poderem falar com a boca, e muitos possuem as duas habilidades: sinalizam e oralizam.

Citamos ainda, o exemplo do sinal para designar os ameríndios e seus descendentes conhecidos como, povos pré-colombianos, presentes nas Américas. Na LP, houve uma movimentação no termo (índio) para (indígena) para aproximar-se de sua história.

Figuras 31

Indígena 1



Capovilla, p. 1450

Indígena 2

Glossário de Brasil de Libras

Indígena 3

Glossário de Brasil de Libras

Nesses termos, podemos sugerir duas hipóteses. A primeira é que com o advento e participação da comunidade surda nos estudos científicos multiculturais, o primeiro termo não conseguiu abarcar mais toda carga semântica para designar os povos referidos.

No primeiro termo/sinal, usado na LP como variante da palavra ÍNDIO, em uma tradução literal para a Libras, ocorreria uma distorção no significado, vez que este se refere a pessoas naturais do país Índia e não aos ameríndios.

Numa leitura dimensional, entre os termos, pudemos elaborar uma terceira suposição. Embora as variantes 2 e 3 estejam em uso, percebemos uma maior utilização do sinal 2, portanto, na teoria laboviana seria variação concorrente. Então presumimos que os processos metaplásticos são o consequente efeito de variações do tipo concorrentes, ou seja, o processo final das variações de formas diferentes que concorrem entre si e culminará numa variação histórica. Já o processo final da mutação na forma de um mesmo sinal, gerará um metaplasmo. Dito de outro modo, variação é a substituição de formas no tempo que durante um período coexistem e depois concorrem entre si, o metaplasmo é a volubilidade de uma

mesma forma. Todo metaplasmo constitui uma variação, mas nem toda variação se classificará como um metaplasmo, essa é a máxima dessa pesquisa.

Voltando ao caso do termo indígena, na Libras parece claro que o termo ÍNDIO/INDÍGENA se referia aos ameríndios e sua etnia, pois, de forma imagética, o sinal representativo nos remete aos traços que marcam os rituais dos ameríndios, conforme o exemplo (1): mão na boca (tocando) simulando a forma como dançam, e a outra mão aberta por trás da cabeça, representando os cocares da maioria das etnias amazônidas.

Com o avanço dos estudos etnográficos, o sinal 1 não conseguia mais alcançar semanticamente a rede complexa da cultura e história desses nativos. Assim, em torno do ano 2010 entra em circulação outro sinal/termo na comunidade surda brasileira, mais preocupada com os estudos culturais, um sinal mais enxuto e curto, que desloca as mãos do corpo para um espaço neutro à frente do corpo.

No período mercantilista, as grandes navegações portuguesas contornaram o Cabo das Tormentas rumo às Índias pelo Atlântico. Por um desvio de rota, ou propositalmente, acabaram por aportar na costa brasileira, nomeando os "negros da terra" de índios, pois pensavam que tinham alcançado a Índia, via Atlântico. Essa nomeclatura: ÍNDIO para designar os nativos brasileiros, perdura por séculos. Já o sinal de ÍNDIO (pessoa nascida na Índia) permanece exatamente igual.

Em síntese, na LP há uma transmutação de SURDO-MUDO>SURDO, ÍNDIO>INDÍGENA. Na Libras, há mudança nos sinais/termos correspondentes a CHINÊS e INDÍGENA, mas mantêm o formato de SURDO embora a semântica mude. O surdo de hoje é considerado uma pessoa culturalmente diferente, principalmente por causa da língua. Antes era sinônimo de pessoa doente incapaz de ouvir e falar.

Importante destacar que os metaplasmos não anulam as variações ou alofonias idiossincráticas, nem qualquer outro elemento que garanta a vivacidade das línguas naturais. Pelo contrário, todo metaplasmo é classificado como um *status quo*, pois também é um eterno *continum.* Diante do levantamento, é importante destacar que o estudo dos metaplasmos é estudo de mudança na plástica de um sinal em direção ao mesmo significado.

Já as variações do tipo coocorrentes se mostram com tendências para coexistirem como variação diatópica ou diastrática. Os metaplasmos são imprevisíveis e instáveis, nunca sabemos quando ocorrerão ou se ocorrerão em determinado sinal, nem quanto tempo uma forma se manterá, só podemos afirmar que poderá ocorrer, pois é um processo natural das línguas.

6.1 Variação Diacrônica x Metaplasmos

O desejo de homogeneizar as línguas remonta ao século XVIII, quando houve um controle enfático sobre as línguas, proibindo ou reprimindo o falar do outro. Como ilustração, temos Marquês de Pombal que proíbe o uso das línguas indígenas no Brasil Colônia, a criação do Esperanto em 1887, pelo polonês Ludwik Lejzer Zamenhof, da mesma forma, o Gestuno (Língua Gestual Internacional) nas línguas de sinais.

Nesse prisma de homogeneização e cristalização das línguas, temos a repressão dentro e fora das escolas, ao falar próprio dos camponeses, ribeirinhos, surdos, não escolarizados em geral. No entanto, toda repressão não deu nem dará conta de controlar a capacidade de adaptação das línguas, justamente por ser uma característica, se não, uma condição para sua existência: o metamorfosear-se. A língua adapta-se ao homem, e ele, a ela formando uma simbiose constante. O homem modifica a língua e, ao usá-la, é tocado por ela, criando sua identidade coletiva. Pela língua, imortaliza os saberes passando às gerações sucessivas, saberes, recebidos de seus antepassados, também pela língua. O homem só é social porque a língua é social, ou seria o contrário?

A língua criou o homem ou o homem criou a língua? Sugerimos que a resposta seja: as duas possibilidades ao mesmo tempo. De hominídio a ser social, o homem teve e evoluir junto com sua língua e por ela.

Elas continuam a seguir seu curso existencial como um rio que nas curvas lasca os barrancos trazendo para seu leito um pedaço de cada margem que toca. Esses movimentos são tão graduais que chegam a ser sutis e inconscientes. Sobre isso assevera Labov *apud* Mussalim:

> ...as leis de mudança de som não são tão poderosos quanto preconizadas pelos neogramáticos, e que há inúmeros casos em que elas ocorrem lenta e gradualmente, obedecendo à história de cada palavra, de acordo com os preceitos da teoria da difusão lexical. (2012, p 88).

Todas essas questões instigaram a curiosidade de estudiosos e contribuíram sobremaneira com o nascimento e progresso da disciplina Linguística Histórica que observa o quão lenta e gradual ocorrem as mudanças e que elas acontecem em qualquer parte de sua estrutura: semântica, fonética, morfológica e sintático, de forma inconsciente a seus falantes.

> Toda língua falada no mundo está em constante processo de mudança. As mudanças que ocorrem, no entanto, não são imediatamente sentidas pelos falantes, nem estes falantes estão necessariamente conscientes de tais mudanças. (MUSSALIM, 2012, p. 89)

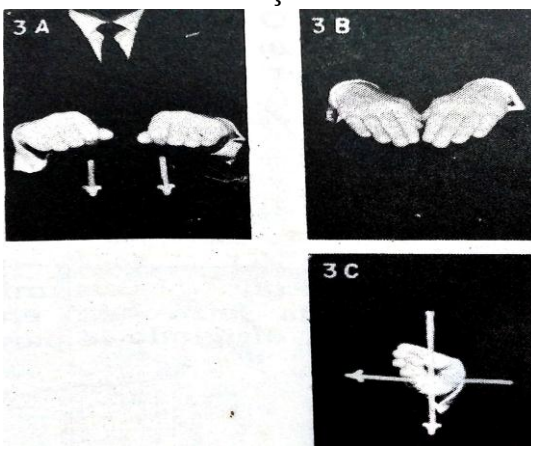
Ainda, segundo Mussalim, a maior parte das mudanças em uma língua se dá em função do princípio fonético da economicidade. As mudanças ocorrem sem previsibilidade quanto ao tempo de subsistência das variantes, qual das formas concorrentes será suprimida, nem em que momento ocorrerá. O que é possível e passivo de estudos é o tipo de mudanças que se dão por assimilação, dissimilação, prolongamento e metátese.

Os processos de perda ou adição de som são os tipos mais frequentes de mudança. Já na Libras, o tipo mais encontrado foi o da supressão. A hipótese para essa incidência é de que, por ser uma língua de modalidade gesto-visual, o princípio da economicidade impere. Quanto menor for o parâmetro, seja no movimento, ponto de articulação ou configuração de mão, mais rápido e confortável tornar-se-á sua execução, esses tipos de mudanças constituem o processo estudado aqui, os metaplasmos.

Em uma análise morfológica, vejamos o exemplo do sinal BENÇÃO. É resultante de dois outros sinais: IMPOSIÇÃO DE MÃOS+CRUZ. Dessa forma, o sinal de CRUZ foi eliminado para sutilizar sua execução. Assim:

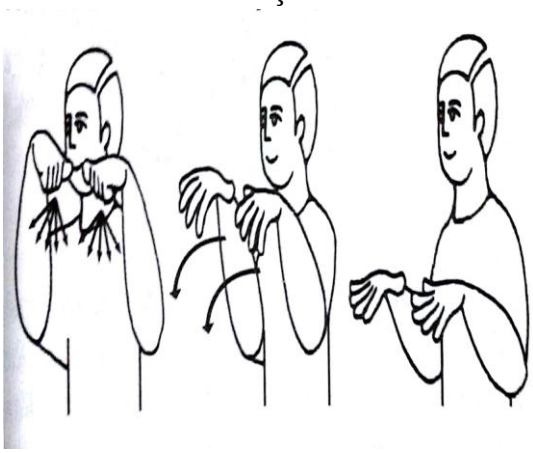
Figuras 32

Benção



Oates, p 17

Benção



Capovilla, p 246

Nem todas as mudanças se explicam pelos parâmetros fonéticos, algumas mudanças ocorrem na estrutura semântica. Porém, os metaplasmos mudam sua forma sem alterar o valor semântico. De acordo com Mussalim (2012, p. 98), existem três motivos para mudanças: neologismos, obsolescência e contato semântico. O primeiro tipo, acontece quando há o aparecimento de um novo termo, seja pela necessidade de nomear novas descobertas ou tendências ligadas a um nome próprio (narcisismo, getulismo) etc. Contudo, ressaltamos que os neologismos não são classificados como metaplasmos, pois, aproveitam a estrutura de um lexema para se referir a outro significado que por vezes, pode ter alguma ligação com o termo aproveitado, mas, impõem outra carga de significação.

O aparecimento de novos termos na Libras vem sendo uma prática necessária devido à inserção de surdos em meio acadêmico. Os termos técnicos/científicos já existentes na LP estão sendo largamente estudados e adaptados para sinais por profissionais da área da linguística da Libras, como é o caso do Laboratório de Libras - LABLIBRAS da Universidade Federal de Brasília – UNB. Já a disseminação, a convenção dos sinais criados nesses ambientes mais formais se faz em eventos científicos da área de Libras, mas, principalmente, por grupos criados em ambientes virtuais com a mesma finalidade: como exemplo, o grupo Glossário Brasil de Libras, criado por um grupo de professores e intérpretes de Libras com regras específicas a que os participantes estão sujeitos.

Essas criações são feitas, geralmente, por grupos de estudos compostos por pesquisadores da área e sempre contando com a participação de surdos que vão elaborar o sinal após estudo minucioso do conceito e etiologia da palavra ou termo. Para ilustrá-las de forma impessoal e nítida por meio de desenhos dimensionais e vazados, contamos coma a colaboração do desenhista Erich Romão. São exemplos.

Figuras 33

Metaplasmo

Glossário Nacional de Libras

Estereótipo

Glossário Nacional de Libras

Figuras 34

Semiótica

Glossário Nacional de Libras

Metalinguística

Glossário Nacional de Libras

Em Rondônia também foi criado um grupo virtual via aplicativo (whatsApp) no mesmo modelo do grupo Glossário Nacional de Libras a fim de discutir e disseminar sinais regionais, administrado por pesquisadores da região, ligados à Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

Figura 35

Tacacá

Glossário de RO

Prato muito apreciado pelos portovelhenses à base de tucupi, goma de macaxeira, folha de jambu e camarão, servido em cuias;

Figura 36

Casa de Cultura Ivan Marrocos

Espaço onde são feitos as exposições de artes locais;

Figura 37

Praça das Três Caixas d'Água

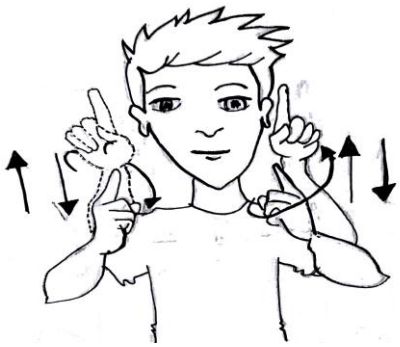
Glossário de Libras RO

As três Caixas d'Água é o símbolo da cidade Porto Velho- RO que está estampado na bandeira da Capital de Rondônia devido a sua importância histórica. Foram instaladas entre

1910 e 1923 para proporcionar o abastecimento de água aos trabalhadores da secular Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Figura 38

Praça Marechal Rondon

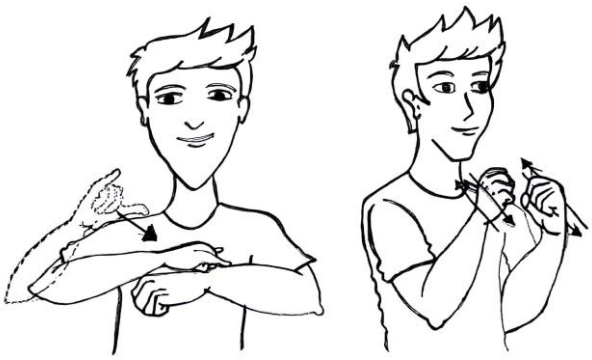


Glossário de Libras RO

Praça Marechal Rondon foi uma das primeiras praças fundadas em Porto Velho, mais conhecida como praça do Baú em referência a uma loja com o nome de Baú Barateiro, situada na praça. O local é muito frequentado pela comunidade surda de Porto Velho.

Figura 39

Espaço Alternativo



Glossário de Libras RO

Avenida que dá acesso ao aeroporto. Devido à frequência significativa de atletas para o corridas e caminhadas foi adaptada para um espaço de lazer e prática de esporte;

Figura 40

Estrada de Ferro Madeira-Mamoré

Glossário de Libras RO

O pátio da lendária ferrovia que foi fundada por ocasião de um acordo firmado entre Brasil e Bolívia para escoar os produtos bolivianos, principalmente a borracha, pelo Atlântico, foi construída entre 1907 e 1912 e culminou na criação da cidade de Porto Velho.

Figura 41

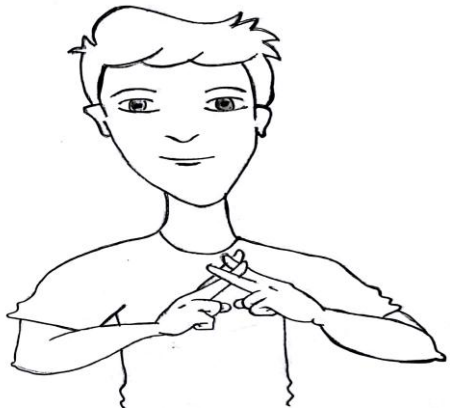
Parque da Cidade

Glossário de Libras RO

Inaugurado, em 2008, parque com pista para caminhada e lago;

Figura 42

Universidade Federal de Rondônia - UNIR

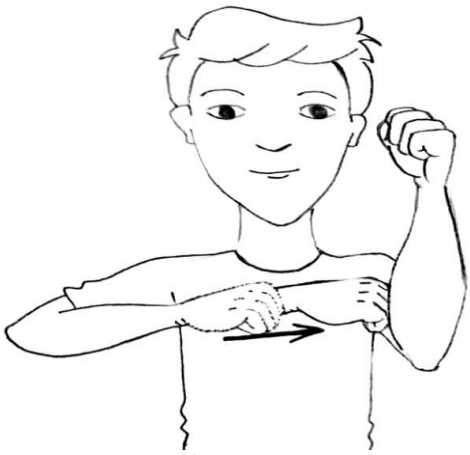


Glossário de Libras RO

Foram inauguradas, em 1982, no então Território Federal de Rondônia, as instalações da UNIR. Hoje, conta com um corpo de quatro professores surdos e mais de 20 discentes surdos em vários cursos de graduação. Sua reitoria está instalada num histórico prédio, tombado como patrimônio do Estado de Rondônia, localizado no centro da cidade, cujas escadarias são palco de vários eventos cultuais.

Figura 43

Poliesportivo Deroche

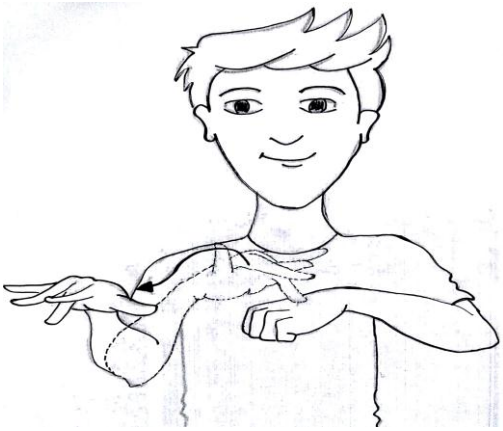


Glossário de Libras RO

Complexo poliesportivo localizado no centro da cidade reinaugurado em 2013, hoje muito frequentado pela comunidade surda de Porto Velho para prática de esporte.

Figura 44

Teatro Palácio das Artes Rondônia



Glossário de RO

Suntuosa e moderna arquitetura, o Palácio das Artes de Rondônia sedia os mais importantes eventos culturais da região. Foi inaugurado em outubro de 2014;

Figura 45

Palácio Rio Madeira

Glossário de RO

Prédio referência da administração pública de Rondônia, onde está localizado as sedes secretarias estaduais;

Figura 46

Projeto açaí com Libras

Glossário de Libras RO

Projeto muito conhecido na região e em todo Brasil que tem como objetivo divulgar a Língua de Sinais Brasileira e reduzir o preconceito contra o surdo e promover a inclusão social desses cidadãos.

Figura 47

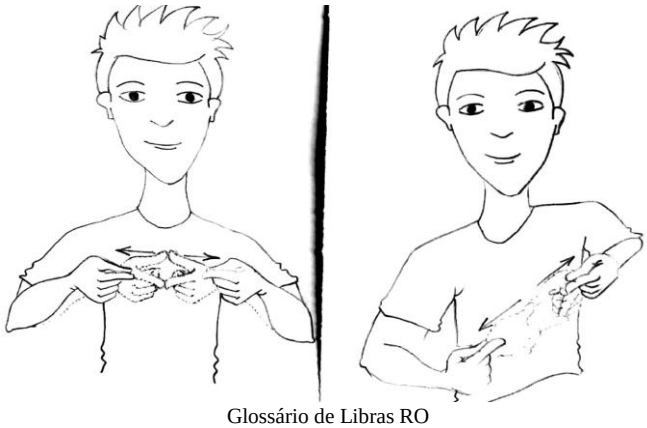
Açaí

Glossário de Libras RO

Fruta regional muito apreciada na culinária local. É servida em tigelas como um sumo consistente, algumas pessoas adicionam frutas, cremes, granolas. Mas, tradicionalmente é acompanhada de farinha de tapioca;

Figura 48

Forte Príncipe da Beira

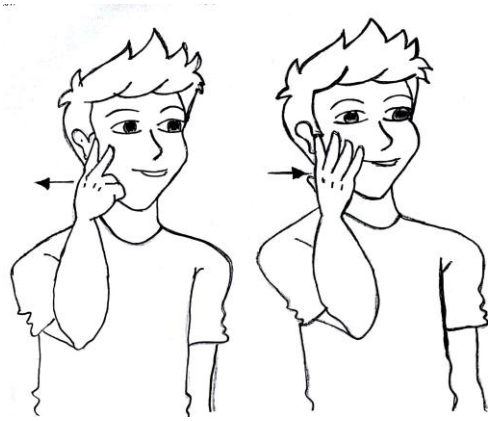


Glossário de Libras RO

Uma das mais importantes edificações da coroa portuguesa do século XVIII. Sua construção foi iniciada em abril de 1775 como parte da política pombalina de proteção fronteiriça. Edificada em local estratégico, segundo o Tratado de Tordesilhas, para combater possíveis invasões espanholas;

Figura 49

Vatapá



Glossário de Libras RO

Prato muito apreciado na culinária local. Uma papa feita de pão e leite, incrementada com azeite de dendê, leite de coco, pimenta de cheiro, condimentos da região e camarão. É costume servir em festas tradicionais. Pelo que se sabe e segundo narrativas, o sinal foi criado espontaneamente, como uma brincadeira entre os professores de Libras Elielza Reis e Kleber Uchôa. Quando esse perguntou qual era o sinal dessa iguaria, a professora, ludicamente respondeu, com um sinal datilológico em "v" em referência à inicial da palavra: vatapá, seguido de um tapa no rosto para significar a segunda sílaba e terceira sílaba: "tapá" como um tapinha no rosto. O resultado desta brincadeira foi a criação de um sinal para um prato regional.

As palavras/sinais criadas em laboratório são do tipo *in vitro* como classifica Calvet (2002, p 52) mas, os sinais em Libras podem ser criados e recriados na comunidade surda que segundo Calvet (2002, 41) são as do tipo *in vivo*.

As palavras/sinais nascem e também morrem, mas não obedecem a um ciclo vital regular. Umas atravessam gerações, são naturalmente mantidas, enquanto outras não perduram nem por um século.

> A Obsolescência é o processo exatamente oposto ao de aparecimento. No caso de línguas ágrafas não é possível identificar termos desta categoria, mas na LP podemos encontrar vários registros de palavras obsoletas como: alugatário (inquilino, locatário), tassalho (fatia grande). (2012, p. 99)

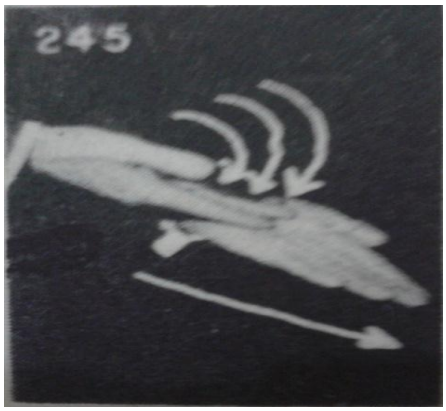
É importante enfatizar que a Libras viveu grande parte de sua existência sem registros, não que fosse ágrafa, mas por vários motivos, sendo que os mais importantes são o fato de não ter sido considerada como língua natural por muito tempo, justamente porque seus falantes eram considerados deficientes e, consequentemente, exclusos da sociedade. Sem estudos e, portanto, sem registros, muito da obsolescência, será primeiro pela falta de registros, não será possível ser esboçado aqui, segundo lugar, porque os surdos mais velhos não se lembram dos sinais ou já faleceram.

Em 1960, com os estudos de Willian Stokoe, as línguas de sinais começam a trilhar o caminho rumo ao reconhecimento do *statu*s linguístico, saindo do patamar de linguagem. Somado a isso, as políticas de inclusão de pessoas deficientes impulsionam os surdos a ocupar espaços na sociedade. Logo após, no ano de 2005, temos o reconhecimento da profissão do tradutor/intérprete de Libras. Todos esses fatores contribuíram para o avanço dos estudos linguísticos da Libras bem como registros cada vez mais sofisticados em dicionários impressos ou virtuais.

No dicionário do americano Oates, encontramos vários sinais obsoletos que já foram substituídos, como:

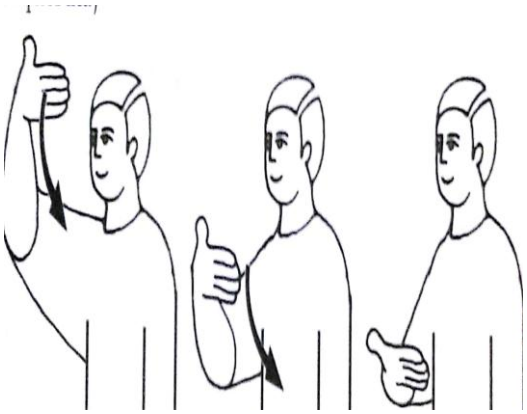
Figuras 50

Provar



Oates, p. 66

Provar

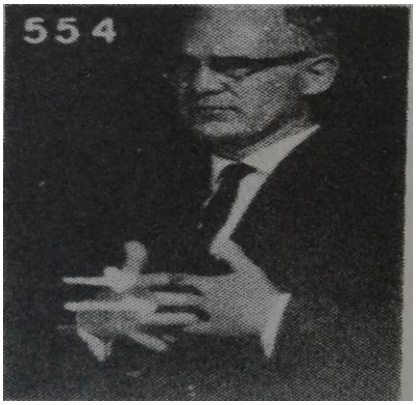


Capovilla, p. 2063

Os sinais mostrados não têm ligação de parentesco. Constituindo-se em exemplo de variação diacrônica. Outro exemplo:

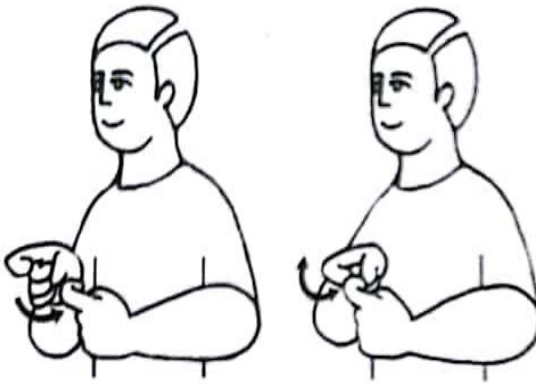
Figuras 51

Médico



Oates, p. 130

Médico

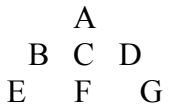


Capovilla, p. 1673

Os estudos diacrônicos da Linguística Histórica nascem com o objetivo de classificar uma língua de acordo com seu grau de parentesco com outras línguas, segundo Mussalim (2012, p. 102), “classificação genética é o processo pelo qual línguas distintas são agrupadas

em uma dada classe, seguindo critérios que podem ser tipológicos.” No caso da LP, supõe-se que sua origem deu-se no século XII a XVII, quando da invasão dos povos bárbaros ao Império Romano em que vigia o Latim, dessa mescla surge o Português.

O modelo de representação tipológica das línguas é proposto pelo alemão August Schleicher, no século XIX. Como exemplo de um diagrama em árvore:



Os estudos científicos não fazem menção segura sobre a origem dos estudos tipológicos da Libras, mas podemos afirmar a grande influência da Língua de Sinais Francesa – LSF sobre a Libras, por ocasião da fundação do Instituto de Educação e Integração de Surdos – INES, em 1956, e a toda sua importância na formação dos surdos do Brasil, até porque seu fundador, Ernest Huet (francês) veio ao Brasil a pedido do Imperador D. Pedro II e com ele, trouxe influência linguística que, em contado com o vernáculo praticado no Brasil, fez surgir a Libras que conhecemos hoje. Sabe-se também que a LSF influenciou a Língua de Sinais Americana – ASL. Agora, os estudos que antecedem a formação da LSF precisam ser mais apurados para esmiuçarmos um estudo tipológico da Libras.

Após identificado o parentesco entre duas ou mais línguas, a próxima regra é o resgate da língua mãe para mostrar a descrição mais detalhada, encontrando as mudanças que se sucederam e que resultaram nos seus descendentes (MUSSALIM, 2012, p. 98).

Para reconstruir uma língua-mãe a partir de seus descendentes, o método utilizado é o comparativo, que envolve o estabelecimento de correspondências de elementos fonéticos e fonológicos entre palavras cognatas nas línguas envolvidas, e a projeção desses elementos no passado, propondo um ancestral, cujo o desenvolvimento pode ser demonstrado como fonte do que existe no presente.

Todas as línguas sofrem mudanças e variações, esse dado é ponto pacífico entre os linguistas; no entanto, Faraco observa (2006, p. 132) que a primeira reação dos falantes de grupos socioeconômicos mais altos, que normalmente não são iniciadores de processos de

mudança, é afirmar que as formas inovadoras são negativas, erradas, incorretas, feias. Consideram as variações um processo de degradação das línguas.

Na Libras, ocorre o mesmo sentimento em relação a variantes consideradas não prestigiosas. Os falantes de Libras mais canônicos também manifestam resistência em relação a novos sinais ou sinais que sofreram mudanças quirológicas. Afirmam que tais alterações podem desvirtuar a língua. Assim, o grupo social de menos prestígio é que promove maior movimentação na língua que fala por ser desprovido de purismo linguístico.

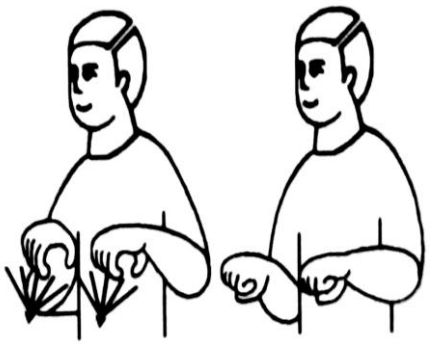
É claro que toda mudança na língua, seja em qualquer estrutura, depende das experiências socioeconômicas e culturais vividas pelo grupo que a fala. Nesse sentido, Mikhail Bakhitin assevera:

> Todas as línguas [variedades] do plurilinguísmo, qualquer que seja o princípio subjacente a elas e que torna cada uma única, são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de conceitualizar o mundo em palavras, visões específicas do mundo, cada uma caracterizada por seus próprios objetos, significados e valores. Como tais, todas elas podem ser justapostas umas às outras, se suplementar mutuamente, se contradizer mutuamente e se inter-relacionar dialogicamente. Como tais elas encontram umas às outras e coexistem na consciência das pessoas concretas (…) Como tais, essas línguas [variedades] vivem uma vida concreta, se embatem se evoluem num ambiente de plurilinguísmo social (1981, p. 291-292).

Um país como o Brasil, de enorme extensão territorial, que viveu vários processos de colonização e, portanto, com entradas e ocupações em regiões diversas, desenhou-se culturalmente híbrido. Devemos considerar a dinâmica dos contatos entre línguas vernáculas, europeias e africanas e, portanto, as várias peculiaridades que fazem do português brasileiro uma língua com variações intensas no espaço e no tempo. A Libras também sofre influência social pelo contato com vários experienciamentos culturais de cada canto do Brasil e por isso se apresenta, da mesma forma, com um arsenal de variações em seu léxico. Vejamos os sinais de AÇAÍ, no Sul do Brasil, leva em consideração a forma artesanal de extrair a polpa do fruto, com as mãos:

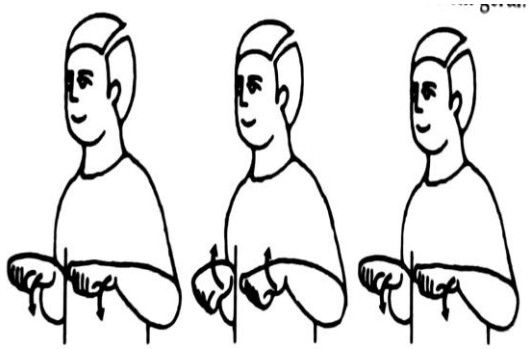
Figuras 52

Açaí 1



Capovilla, p 261

Açaí 2

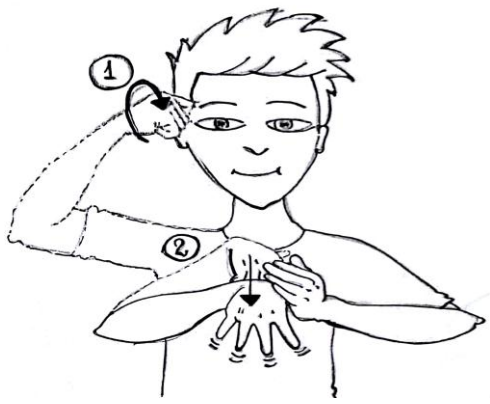


Capovilla, p 261

Já na Região Norte, o sinal de AÇAÍ, leva em consideração a forma como a máquina tira a polpa, conforme a figura 3. Outra variação é a utilizada no Estado do Acre, figura 4, que não pode ser explicada a partir das formas de beneficiamento da fruta, ou seja, não é um sinal icônico e sim abstrato.

Figura 53

Açaí 3



Glossário de Libras RO

Açaí 4

Glossário de Libras RO

Como vimos, o repertório linguístico muda, sob influências ocorridas no próprio dialogismo de seus falantes. Em todas as línguas, de qualquer modalidade sempre haverá

variações e mudanças na sua plástica, visto que os signos são criados e recriados no seio da comunidade que os utilizam e assim, convencionados por si. Faraco propõe:

> A primeira característica é que a mudança se dá em todas as línguas. É próprio de todas elas como, aliás, de qualquer outra realidade humana e até mesmo da natureza em geral, como nos mostram geólogos e biólogos - passar por transformações no correr do tempo, mutabilidade que se dá de forma contínua, ininterrupta (2006, p. 44).

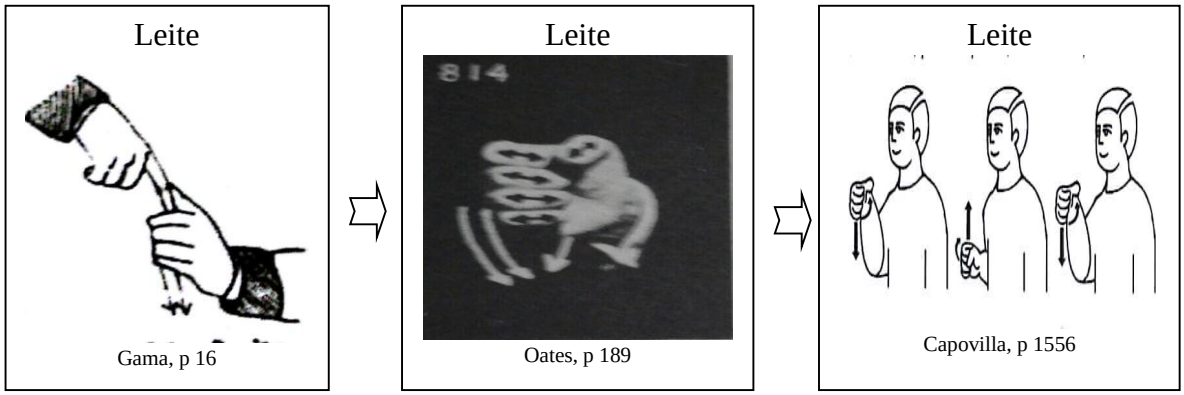
Então, cada mudança verificada na língua será o resultado de um longo e ininterrupto processo histórico. Algumas das muitas variações diacrônicas nunca serão conhecidas por seus falantes, como é o caso das línguas ágrafas ou línguas que passaram por longo período sem serem registradas.

No latim, ao contrário do que se pensa, esse processo histórico não se interrompeu, visto que essa língua continua sendo falada, de alguma forma, pelas línguas que deu origem, como é o caso do português, espanhol, francês e outras. Da mesma forma, a LSF que teve contato com as línguas de sinais usadas no Brasil do século XVIII, deu origem à Libras. Em suma, toda língua está sofrendo processos mutacionais. Dessa maneira, se o português ou a Libras do século XIII era diferente do português e Libras de hoje, o português e Libras do futuro serão diferentes dos de hoje.

> Em linguística histórica, que mudança não é discreta, ou seja, X não é trocado diretamente e de imediato por Y; ao contrário, há sempre, no processo histórico, períodos de coexistência e concorrência das formas em variação até a vitória de uma sobre a outra. (Faraco, 2002, p. 46)

Nunca encontraremos um momento exato da ruptura, em que uma forma foi substituída, ou um divisor de águas em que uma forma sofreu um metaplasmo. Essas mudanças não são abruptas e são paulatinas de forma que seus falantes, geralmente, não sentem esse processo. Então, um sinal LEITE sinalizado com as duas mãos, certamente coexistiu com a forma mais contraída que conhecemos hoje. Da mesma forma, pode-se dizer que essas mudanças não são globais, ou seja, a Língua de sinais usada no Brasil antes da chegada de Huet, em meados do século XVIII não foi substituída pela LSF rapidamente.

Figuras 54



As mudanças não acontecem a esmo, segundo Faraco (2006), elas embora não atingem ao mesmo tempo todas variantes, não mantêm uma forma em todo o espaço geográfico e cultural, mas ocorrem com regularidades observadas pelos novos linguistas. Essas mudanças são impulsionadas por leis fonéticas e reguladas por eventos que fogem a forças apenas estruturais, como por exemplo a resistência dos falantes à nova forma, a penetração de diferentes linhas evolutivas (empréstimos, movimentos populacionais), são esses fatores que podem retardar, acelerar, reverter ou até impedir o processo de mutação.

> Como se vê, a evolução é singularmente complexa. A história de uma língua não é um esquema rigorosamente preestabelecido, não é um problema algébrico. Não se pode partir do latim e chegar diretamente aos dias de hoje, saltando por vários séculos de palpite de vida.
>
> A evolução, repetimos, é complexa e melindrosa, relacionada com mil e um acidentes, cruzada, recruzada e entrecruzada _ porque não representa a evolução de uma coisa feita e acabada, mas as vicissitudes de uma atividade em perpétuo movimento (Faraco, 2002, p 56-57 *apud* Neto, 1979, p. 52).

Com essas palavras Faraco nos faz concluir que tais mudanças não estão condicionadas somente a fatores linguísticos, ou seja, a fatores estritamente internos, mas, estão submersas num mar de fatores históricos, sociais e culturais, muito embora, as questões internas não deixem de ser consideradas.

Faraco (2006, p. 58) apresenta o encaixamento estrutural para estudar tudo o que envolve tanto a descrição do contexto linguístico que favorece as mudanças, quanto possíveis reações em cadeia, isso é, uma mudança puxando outra. Como Labov (2008, p. 63) mostrou com as vogais do inglês de New York, em uma de suas importantes pesquisas, cada um dos

fenômenos discutidos estava relacionado com a idade, a classe socioeconômica, o sexo, a origem étnica.

Fatores sociais têm influência direta ou indireta nos processos de mudança das línguas, nesse sentido, as línguas não são realidades autônomas, afastadas da história de seus falantes.

Contudo, alguns estudiosos persistem, seguidores de Saussure (1857 – 1913), tomando como orientação a frase que ficou consagrada no *Curso de Linguística Geral* : " A linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma" (p. 271). Embora essa afirmação tenha sido mais tarde refutada pelo seu mais expressivo discípulo, Antoine Meillet, elas atravessam gerações de seguidores causando uma inquietação nos estudos variacionistas e aumentando a responsabilidade dos diacronistas e foneticistas.

> Isso não significa, vale repetir, entender a mudança como mecanicamente determinada por mudanças sociais; mas, sim, que as mudanças sociais _ ao alterar as relações interacionais _ podem, por isso, desencadear processos de mudança na língua. Significa, em outras palavras, assumir que as condições da mudança estão dadas no social (mais especificamente na heterogeneidade da realidade linguística e na complexa dinâmica das relações interacionais) e envolvem múltiplos fatores ainda não claramente explicitados pela linguística histórica, em grande parte porque têm prevalecido nela orientações teóricas imanentistas. (Faraco, 2006, p. 72).

A história é de suma importância para a investigação das mudanças em uma determinada língua, assim, Faraco (2006, p. 64) afirma que os mais expressivos diacronistas consideram que os estudos tipológicos ou os estudos dos movimentos das línguas no tempo, dependem de uma correlação com as pesquisas sincrônicas visto que nenhum falante, de qualquer língua que seja, está imune às interferências sociais ocorridas em seu tempo, muito menos, às questões culturais e históricas que impregnam sua identidade e ideologia. Portanto, afirmam Weinreic, Labov e Herzog, já em 1968 e, posteriormente, Labov reafirma em 1982, que todo ser falante é social, cultural e histórico e, portanto, estudar a língua de um povo em qualquer aspecto, é estudar a história e a cultura desse povo.

O diacronista Meillet corrobora as afirmações de Labov a respeito do caráter social da língua:

> A língua é uma instituição com uma autonomia que lhe própria; deve-se, portanto, determinar as condições gerais da mudança de um ponto de vista puramente linguístico (…). Contudo, como a língua é uma instituição social, segue daí que a linguística é uma ciência sócia, e o único elemento variável ao qual se pode apelar para dar conta de uma mudança linguística é a mudança social, da qual as variações linguísticas não passam de consequências _ algumas vezes imediatas e diretas, mais frequentemente mediatas e indiretas (1926, p. 17)

Com essa proposição, Meillet refuta a interdependência das línguas, condicionando seus movimentos à combinação dos fatos sociais, como se estivessem numa engrenagem: uma modifica a outra e vice versa.

Seguindo a mesma perspectiva, Voloshivóv (2017, p. 145) faz uma crítica ferrenha aos estruturalistas e imanentistas. Ele vai muito além das afirmações dos novos sociolinguistas do grupo de Labov. Ele afirma que as mudanças nas estruturas internas das línguas seguem uma regra que se inicia de fora para dentro, ou seja, as inovações tecnológicas, modismos, desastres, pandemias, enfim, a movimentação social e o desdobrar delas, provocará mudanças no modo de falar. Por exemplo: até pouco tempo, antes do ano de 2004, grande parte do mundo ocidental não conhecia e, portanto, não usava a palavra “tsunami”. Após o incrível fenômeno da natureza ocorrido na Indonésia e outros países, as pessoas passaram a inserir em seu vocabulário o termo que específica o evento justamente por ter sido trágico e ocupado a mídia em larga escala. Optou-se pela palavra “tsunami” para referir-se à tragédia ocorrida em 2004, mas o termo tem tradução em quase todas as línguas e no português é “onda marinha gigante”.

Voloshinov também nos ajuda a refletir sobre as mudanças linguísticas afirmando que elas começam no social para depois alcançar a estrutura interna, assim, do externo para o interno. Vejamos:

> É nessa mesma ordem (isto é, do social para o linguístico) que se dá o processo real da mudança linguística: as relações sociais mudam; a comunicação e a interação verbais mudam no quadro dessas relações sociais; as formas dos atos de fala mudam em consequência das mudanças na integração. Finalmente, esse processo de mudanças se reflete na alteração das formas da língua (1979, p. 110).

Falar da autonomia da língua é válido se considerarmos seu desenvolvimento dentro da sociedade. Dessa forma, nenhuma língua viverá sem os seus falantes e um povo sem língua não o será, visto que é por meio da língua que se forma e agrega um povo.

Uma pergunta sempre paira sobre os estudiosos das línguas: por que as línguas mudam? ou por que as línguas de sinais não são iguais em todo mundo? A resposta é simples, porque as línguas são manifestações culturais. É pela língua que um povo constrói, reconstrói sua identidade, pela língua também se imortaliza algumas tradições, pois é por meio dela que se transmite o aprendizado a gerações posteriores. Então, a língua muda, porque a cultura muda, porque as identidades mudam, porque o metamorfosear-se é inerente ao ser social. A língua não se separa dos seus falantes e se faz e refaz na medida em que eles também se constroem e reconstroem.

Ao contrário do que muitos pensam, as mudanças e os movimento na língua não significam necessariamente simplificação. Mudança significa que a língua está em perfeita conexão com os seus falantes. Uma língua que muda, acompanha as mudanças de seu povo. Para ilustrar, imaginemos um jovem estudante da década de 1920 falando com o repertório de fala de um jovem estudante da década de 2010, seria desconexo. Imaginemos agora, um jovem sertanejo falando como um surfista carioca. Esses dois casos, causaria estranheza aos seus interlocutores. É claro que não emerge um muro intransponível entre os jovens falantes e suas línguas que não permita que se entendam, afinal, a língua é a mesma, com idiossincrasias de seu tempo e espaço.

A respeito das mudanças nas línguas, Faraco (2002, p. 76-77) afirma que o senso comum acredita e aceita as variações, mas crê, erroneamente que é uma forma de simplificação, ou seja, as línguas mudam em direção de um falar mais fácil. Outros ainda, acreditam que a mudança corrompe a autenticidade da língua. Nessa perspectiva, o linguista alemão August Schleicher (1821-1868) criou uma teoria de que a língua seria um organismo vivo, estudo que inclinava para sua formação na área de biologia. Sendo a língua organismo vivo, teria existência própria e independente de seus falantes, teria o ciclo de desenvolvimento, maturidade e declínio. Schleicher entendia a história das línguas como um processo que após atingir seu ápice estaria fadado ao declínio. Com os estudos metaplásticos

observamos que nem todas as formas estão em obsolescência, mas que perduram com outra configuração e estão em constante mudança.

Corroborando com essa proposta, no final do século XIX, o linguista dinamarquês Otto Jespersen, publica uma tese totalmente oposta a de Schleicher, afirmando em seu livro *Progress in Language* (1894) que "na história das línguas não há decadência, degradação, degeneração; o que há é progresso, um caminho de mudanças na direção de formas mais aperfeiçoadas" (p 77). As línguas naturais sofrem variação conforme a teoria de Jespersen, podemos supor que quanto mais a língua muda, se movimenta, mais prática, confortável ela será. As línguas mudam em direção do refinamento sintonizado com as experiências socioculturais.

Os linguistas atuais não compactuam mais com a teoria de Schleicher, nem com a teoria de Jespersen, pois elas reforçam a tese de interdependência da língua, e com a ideia retrógrada de que a língua seja um sistema que conhece somente sua própria ordem. Além disso, nesses dois aspectos, as mudanças nas línguas pressupõem apenas um processo gradual e coerente. Não se trata de evolução nem involução, as línguas se movimentam para afeiçoarem-se à cultura de seus falantes.

Os estudos sociolinguísticos inauguram sua fase inicial com a teoria variacionista de Labov bem como com o relativismo cultural de Franz Boas que vem influenciando, significativamente, os estudos dos novos linguístas já que Boas criou uma tese em que as culturas vivem um sistema integrado e com uma realidade relativa a cada grupo humano e daí, deriva o nome da sua proposta (Relativismo Cultural), que o faz conhecido como o pai da antropologia. Dessa forma, opõem as teorias afiliadas ao evolucionismo, pensando o movimento das línguas como se pensava a sociedade do século XVIII, como um aperfeiçoamento contínuo. O movimento das línguas não culmina numa evolução nem involução, elas se movimentam para se afeiçoar aos eventos sociais e à cultura de seus falantes.

Em síntese, a mudança só pode ser vista como um "remodelar contínuo da língua: as noções de progresso ou degeneração não fazem mais sentido" (Faraco 2012 p. 80). É o que Câmara Jr. traduziu por "deriva", que impulsiona as línguas numa determinada geração a um

eterno *devir*. Para ele, as mudanças são algo inerente e intrínseco à própria língua, e é justamente essa dinâmica que a faz um organismo vivo, embora ela (a língua) esteja emaranhada nos eventos sociais de seus falantes, mas não dependentes deles.

> [… as línguas estão envolvidas num complexo fluxo temporal de mutações e substituições, de aparecimento e desaparecimentos, de conservações e inovação. Vale dizer, as línguas têm história, constituem uma realidade em constante transformação no tempo.] (Faraco, 2012, p. 91).

Os estudos sincrônicos se posicionam em relação ao estado da língua, enquanto os estudos diacrônicos dão conta das mudanças ocorridas na língua ao longo do tempo e que para isso, necessitam estabelecer correlações entre si. Existe um emaranhamento, uma ligação entre sincronia e diacronia para elucidação e historicização de uma língua, assim os estudos linguísticos servem-se da cultura e história de seus falantes para explicar as variações sofridas em sua estrutura.

Corseriu foi um dos primeiros críticos de Saussure e ia contra a visão estática da língua apresentada por ele. Em 1973, Corseriu sugere que a visão sobre a língua seja como um olhar sobre um sistema em constante movimento e acrescenta que descrição e história (sincronia e diacronia) são sistemas integrados. Isso porque uma mudança na língua nunca ocorre de forma abrupta, haverá sempre uma concorrência ou uma coocorrência de formas que merecem um aprofundamento nos estudos sincrônicos para então, se historicizar os movimentos estruturais internos.

Importante lembrar que nunca se saberá a data da cisão, ou seja, em que momento exato houve mudança em alguma estrutura da língua. Os movimentos ocorrem concomitantemente às vivências, à rotina, ao dia a dia. A fissura no tempo entre a forma anterior e a nova forma sempre se dará em meio aos movimentos sociais, evolução tecnológica, contatos entre culturas, entre outros fenômenos que acontecem espontaneamente no seio da comunidade. É como o movimento de rotação e translação da Terra, ocorrem sem que sintamos e só sabemos que existem por meio de estudos científicos.

Faraco (2012, p. 103) chama a atenção para duas distinções conceituais de linguagem: uma ligada a mudanças estruturais que a considera como um objeto autônomo; outra, a

considera intrinsecamente ligada à realidade social, histórica e cultural de seus falantes. Essas duas vertentes são ponto importante para teorizar as mudanças nas línguas, Faraco diz:

> [… as mudanças emergem da realidade linguística heterogênea que está ligada à heterogeneidade social, histórica, cultural de seus falantes…], […Para a primeira, trata-se de observar a mudança e determinar seus condicionantes linguísticos; para a segunda é básico acompanhar a história social e cultura dos falantes, correlacionando-a com a história da língua, procurando sempre realizar o encaixamento estrutural e social dos fenômenos da mudança.] (p. 103).

Assim, conclui Faraco, que não se deve estudar as variações nas línguas de forma separada do conjunto de estruturas e, muito menos, separados da estrutura sociolinguística da comunidade de falantes que se deseja pesquisar, é o que se nomeia de encaixamento estrutural e social, respectivamente.

Falar de estrutura interna e estrutura externa é falar de encaixamento, pois a primeira se preocupa com as mudanças ocorridas na organização estrutural da língua, já a segunda leva em consideração a história da língua, o contexto histórico, social, político, econômico e cultural da sociedade que a fala.

Faraco mostra sua preocupação em relação aos linguístas que só se voltam para questões estruturais da língua. Para tanto, incentiva os pesquisadores que busquem trabalhar de forma conjunta entre história interna e história externa, ou seja, entre encaixamento estrutural e encaixamento social.

7. HISTÓRIA DA EVOLUÇÃO DA LIBRAS

Estudar a Língua de um povo é estudar a História desse povo. À medida que aprofundamos estudos na Libras elaboramos uma ponte de resgate histórico e a conectamos aos estudos sincrônicos. Assim, simpatizo com as proposições de Calvet, a respeito do caráter social da língua, que afirma não convir um estudo de linguística que descarte a exterioridade inerente às línguas (2002, p. 24).

Por esse motivo, as línguas de sinais não são universais, elas nascem no seio da comunidade surda, configurando-se de acordo com os traços e necessidades culturais. Logo, a língua de sinais americana - ASL é diferente, da língua de sinais francesa – LSF que por sua vez, difere da Libras e assim por diante. Embora sejam diferentes, nada impede que sofram os fenômenos naturais ocorridos no contato entre línguas. Justamente por esse motivo, temos no léxico da Libras elementos do léxico da ASL que, por seu turno, tem elementos do léxico da LSF.

Não existem estudos substanciais a respeito da origem das Línguas de Sinais, porém, os estudiosos destacam como marco temporal do início de seu uso o ano de 1760 em Paris onde o abade L'Épée fundou a primeira escola para surdos. Perlin (2002, p. 43) salienta que após a fundação dessa escola iniciou-se a multiplicação de profissionais que se espalharam pela Europa e América, em sua maioria ouvintes, contudo, os surdos também se destacaram na repercussão das línguas de sinais.

Foram criadas várias outras escolas que adotaram a LSF como ferramenta de estudos e pesquisas para a educação, inclusão e desenvolvimento dos surdos. Dá-se o início das abordagens metalinguísticas das línguas de sinais na Europa, mais especificamente no século XVIII que tem como principal precursor L'ÉPée. Antes desse período, os registros eram rasos e insuficientes para afirmar que existiu uma língua de sinais que deu origem à LSF.

Os registros de Bonet apontam para os métodos educacionais praticados décadas antes pelo abade beneditino Pedro Ponce de Leon da França. Não há registros bibliográficos

de sinais que circulavam entre os surdos, embora saibamos que havia comunicação entre eles, mesmo de forma restrita.

Um dos motivos de impedimento da prática dos sinais era justificado por vários pretextos acientíficos, o principal deles era a crendice de que os sinais não passavam de gestos e o seu uso prejudicaria o aprendizado efetivo pela fala oral.

Leon, Bonet, L'Épée e outros precursores da educação de surdos estavam motivados pelo mercado promissor que se tornou esse ramo de trabalho, patrocinado pelas famílias nobres que tinham surdos, contudo, esses preceptores não consideraram, inicialmente, a vivência, a história e a comunicação já praticada via sinais. Assim, a professora Nídia de Sá comenta:

> (...) na verdade, por trás de uma história na qual se glorifica o abade l'Épée e seus sucessores está o início das práticas de agrupamento de surdos em instituições, primeiramente chamadas asilos e, depois, escolas. A história da perspectiva dos benfeitores destaca pessoas e feitos, mas esconde a prática social de colocar à margem os diferentes e asilá-los."(SÁ, 2006, p.70)

A investida mercenária na missão de fazer o surdo falar, não considerou o seu potencial, a sua língua, a sua cultura. Pelo contrário, sempre partia do princípio da deficiência e a meta era a mesma: alcançar a fala (via aparelho fonador).

> Em diversos discursos pode-se observar a negação da diferença pela colonização dos ouvintes sobre os surdos, negando a estes, simultaneamente, seus significados, seus saberes e seus poderes. (SÁ, 2006, p. 35)

Assim, a história da educação de surdo é selada com o protagonismo de ouvintes para os ouvintes, os que encomendavam os preceptores para fazer os surdos, membros de família nobre, a falar e escrever. Ele geralmente não era visto ou educado para ser um surdo alfabetizado mas para ser um ouvinte adestrado. Um termo que, a nosso ver, define esta relação entre educadores de surdos e surdos educandos foi definida por Bhabha (2005, p. 213) em *O Local da Cultura*, como: mímica. O surdo (colonizado) não passaria de uma mímica do colonizador (ouvinte). Embora surdo conseguisse oralizar, o que acontecia na minoria dos casos, e ainda que conseguisse escrever, nunca seria um ouvinte acabado, pleno, se muito, uma cópia de um ouvinte. Nesse sentido assevera Sklier:

> Um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se e narrar-se que acontecem as percepções do ser "deficiente", do "não ser ouvinte"; percepções que legitimam as práticas terapeutas habituais (SKLIAR, 2013, p.15)

Mercenários ou não, a verdade é que os europeus, pioneiros da educação de surdos movimentaram algo que engatilhou uma revolução nos estudos linguísticos e culturais das línguas de sinais, pois, as primeiras tentativas de educar surdos já de grande significado para um grupo que era, na melhor das hipóteses, marginalizado.

> Nesse processo, esses autores desconstruíram mitos, saberes e pensares. Vários deles passaram a olhar o outro surdo noutra dimensão, a partir da diferença, tendo a própria pesquisa como provocadora das desconstruções e construções de outros saberes. (QUADROS, 2006, p.10)

Os primeiros educadores de surdos, na busca pelo aprimoramento de seu fazer pedagógico, prestaram um incrível feito para a história da humanidade. Querendo que os surdos pensassem e falassem como ouvintes, os tiraram da invisibilidade social, o que desengatilhou uma sequencia de benefícios jamais imaginados.

O reconhecimento linguístico e cultural dos surdos contemporâneos não nasce na contemporaneidade, se inicia nas primeiras aplicações metódicas de fazer o surdo falar e escrever, mesmo que ainda não fossem respeitadas suas condições sociolinguísticas peculiares, *a priori*.

Entendemos que para uma língua ser considerada autêntica e natural se faz necessário esteja em circulação com um repertório fortalecido. Assim, já que a população tem a necessidade inata de comunicação, como preconizaram os imanentistas, os percalços sofridos ao longo da história apresentaram vários motivos impeditivos para a aceitação e disseminação das línguas de sinais. A principal delas é o fato de a surdez ser desconhecida no meio médico, no passado, assim, as sociedades tratavam os surdos de acordo com o imaginário de seu período histórico. Para o surdo da Antiguidade, Idade Média, Modernidade e Contemporaneidade o tratamento foi diferente. As condutas refletiam diretamente as crendices e supertições dos respectivos períodos.

A face social da língua a faz pertencente a todo um conjunto dialógico entre pessoas falantes, unidas por sua história e cultura, agindo uma sobre as outras, numa dinâmica centrífuga, de forma que nenhum elemento componente deste grupo caminhe sem ser afetado ou afetar a outra parte.

Mesmo o caráter histórico não caminha como numa linha cronológica. A ideia de um passado pronto, acabado, cristalizado, fixo e irrefutável e que ocupava um lugar intocável se tornou descabida após as postulações de micro-história de Labov. Combinado com o relativismo cultural de Boas, o passado se tornou tão móvel quanto o presente. O que existe, é uma rede de significações e resignificações que fazem da história algo tangível e mutável pelos contatos interacionais linguísticos. A historiografia canônica, vista na linearidade cronológica do tempo, rumando em direção ao futuro, partindo do presente, não permitia a tangibilidade no passado.

O diacronista Labov, corroborando as ideias de relativização cultural de Boaz, fez emergir as micro-histórias: história do cotidiano, da vida privada, dos não heróis, como fator fundamental dentro do complexo esquema língua, história, cultura. Para eles, sempre será possível uma nova representação histórica, partindo de um novo ponto de vista e um desdobramento de ressignificações.

A memória coletiva sempre será tangível pela língua: a língua formata, recorta, significa, subjetiva, ressignifica, naturaliza e universaliza conceitos e pré-conceitos. A língua move a história, ao passo que é movida pela cultura para criar as histórias. Os metaplasmos constituem a interface: história, língua e cultura. Essa ligação história-língua foi observada por Meillet da seguinte forma:

> [...] nunca são os fatos históricos em si que determinam diretamente as mudanças linguísticas, e são somente as mudanças de estrutura da sociedade que podem modificar as condições de existência da linguagem. Será necessário determinar a qual estrutura social corresponde uma dada estrutura linguística e como, de maneira geral,

> as mudanças da estrutura social se traduzem em mudanças da estrutura linguística (MEILLET, 1906, p. 17-18).

Por força justamente do caráter social da língua é que as línguas de sinais não estando socializadas, pelo fato de seus falantes naturais se encontrarem em um paradoxo social de conceitos ora guiados pelos mitos, ora pela religião, ora pela ciência, é que a consolidação e difusão dessas línguas se deram no embalo da história de seus falantes: tardia e retardatária.

Na Antiguidade, de imaginário fértil, guiado pelos mitos, os surdos e a sua língua pouco se desenvolveram, pois, pairava um discurso ambivalente sobre a surdez dificultando o protagonismo social. O primeiro discurso fazia o surdo assemelhar-se a uma criança, outro dizia que a surdez era uma maldição:

> Ao mesmo tempo em que a surdez e outras "anormalidades" eram recebidas com gestos caridosos – sob as leis hebraicas, por exemplo, os "surdos-mudos" eram cuidados e protegidos como crianças (BRADDOCK; PARISH, 2001, p. 97).

Assim, as práticas de abandono e sacrifícios eram constantes, por considerarem esse "outro" surdo inadestrável, intratável.

No caso de surdez genética, havia concentração de surdos numa mesma família, ameaçando perda de bens, pois os surdos iletrados não eram considerados herdeiros, só os letrados tinham direito à herança. Nesse sentido, a Igreja Católica fez investidas para resolver essa demanda. Começou a propor métodos educativos, objetivando fazer com que os "degenerados" ricos conseguissem pelo menos falar os sacramentos e confessarem-se para garantir o patamar de herdeiros.

Ainda no período medieval, havia entre os monges o ritual do Voto do Silêncio. Os beneditinos viviam enclausurados, por isso acabaram desenvolvendo uma linguagem gestual para não ficarem totalmente incomunicáveis. Nesse período, a Igreja convida os monges sinalizantes para serem preceptores dos surdos. Por isso, na história da educação de surdos é comum que haja um membro da Igreja Católica como personalidade importante, o abade Michel de L'Épée na França, e no Brasil, o americano Eugênio Oates, autor de um dos dicionários que analisamos.

O mundo moderno apresentava novas perspectivas para os deficientes, em geral, impulsionados pelos avanços tecnológicos e os ideais do Iluminismo. O pensamento cristão dominante na Idade Média começa a perder espaço para a Filosofia, Arte, Literatura e Medicina. A surdez, antes vista como uma punição de Deus, passa a desafiar os precursores da educação de surdos, que surgiram da própria Igreja Católica com, exceção do matemático, médico e astrólogo Gerolamo Cardano (1.501 – 1.576) que, após pesquisar a escrita, chega à conclusão de que ela representa os sons da fala. Então, afirma que a surdez não impedia os surdos de terem educação, apenas, haveria outro canal de entrada ao pensamento que seria a visão. Essas proposições fortaleceram-se após observar e pesquisar o próprio filho que era surdo.

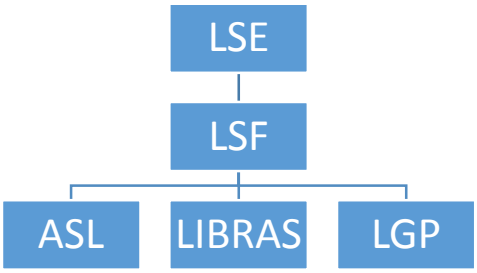
O século XVI revelou outros grandes nomes para a educação de surdos como Pedro Ponce de Leon (1510 -1584), monge beneditino que viveu em um monastério na Espanha. Em 1570, Leon usava uma linguagem gesticulada em virtude do Voto do Silêncio. Dois membros de uma família nobre da Espanha foram enviados a conviver no monastério junto a Leon com o objetivo de serem educados para garantirem o direito à herança. Segundo Strnadová (2002, p. 76), na interação dentro do mosteiro com os surdos, Leon começa a convencionar sinais, estruturando uma língua, possivelmente, substituindo o sistema rudimentar de gestos e mímicas utilizados por ele ou adaptando-os ao formato natural de comunicação de seus alunos surdos. Seria o embrião das línguas de sinais que conhecemos hoje.

A partir do contato entre gestos e sinais, Leon sagrou-se como um dos mais importantes precursores das línguas de sinais. Com a LSF tutoreou muitos surdos e pôde provar a capacidade comunicativa das pessoas surdas.

Diante dos registros deixados por Bonet, a respeito dos métodos praticados por Leon, podemos, por analogia, supor que, se a mãe da LP é o Latim, devido às invasões das legiões romanas na Península Ibérica, então, a mãe da Língua de Sinais Brasileira é a espanhola, como é de todas as outras, pelo menos no mundo ocidental.

É a partir de Ponce de Leon que se difundem as Línguas de Sinais na Europa e depois nas Américas. Sugerindo um esquema tipológico:

Fluxograma 2



Focalizamos na busca por fontes históricas que pudessem fornecer pista registrada de sinais praticados na comunicação entre surdos na Europa dos séculos XVIII e XIX. O objetivo é traçar o percurso dos metaplasmos o mais remissivamente possível, e/ou fortalecer a hipótese de uma tipologia das línguas de sinais que teria tido origem na LSE.

Contudo, seguindo a trilha de resgate histórico, o que mais conseguimos verificar foi uma história que enclausura ou expõe os grupos minoritários, que cria discursos fantasiosos, para enquadrar explicações sobre a diferença apresentada pelo "outro", seja ele "deficiente" de qualquer sorte, na pele, nos membros do corpo, nos sentidos, no intelecto ou nas escolhas. Não importava qual fosse seu desvio do padrão, a classe geralmente machista, patriarcal ou inquisitória, criaria um folclore discursivo para atender a sua própria demanda e interesses hegemônicos.

A enquadramento em algum tipo de "verdade" se fazia necessário, se não fosse para o controle, dominação, seria para aliviar a ansiedade de coisas inexplicáveis pela lógica tradicional. Os mitos explicavam a origem de tudo, era o princípio da genealogia. Depois, com os filósofos, a "verdade científica" se tornou o refúgio para a explicação de muitos fenômenos durante a Antiguidade greco-romana. Nesse contexto, a surdez é sinônimo de aberração, castigo, deficiência, tudo vai depender da necessidade explicativa de cada período.

Na Europa, as potencialidades das pessoas surdas começam a interessar a Igreja somente no século XVI, devido a interesses financeiros dos monges beneditinos que se tornaram mercenários e passaram a se ocupar com a educação de surdos da nobreza. Essa dedicação não estava voltada para uma educação de surdos, propriamente dita, que respeitava suas potencialidades linguísticas e o seu desenvolvimento social. Estava tão somente preocupada em fazer o surdo falar e escrever para garantir o direito de sua herança. Daí, todas as propostas metodológicas compreendidas entre os séculos XVI a XIX baseiam-se em métodos orais para oralização e alfabetização dos surdos, sem a preocupação com o letramento.

Os registros mais antigos de que temos conhecimento também seguem, à risca, as regras da língua majoritária. Presumimos que, embora houvesse uma comunicação efetiva entre os surdos com sinais convencionados, em cada comunidade europeia, nenhum sinal foi registrado, pela simples explicação de que somente a língua oral e seus grafemas tinham prestígio social. O descaso com as línguas sinalizadas era tão presente que, embora alguns educadores tenham usado os sinais para alcançar a comunicação com seus preceptores, não os registraram. Um dos registros mais antigos de que se tem conhecimento é do Espanhol Juan Pablo Bonet, *Reduction de las letras y arte para enseñar a ablar los mudos (1619).* Nessa obra Bonet descreve um roteiro de como ensinar o "mudo" a falar, trouxemos um excerto.

> [... aquele fonema que faz 'tcha', como muchacho, e a forma da língua do mudo perto do palato, todo o terço posterior dela, da parte inferior, e usando ela um pouco o palato para frente. E abrindo a boca para finalizar a pronunciação, para que a respiração esteja apta para formar as seis regras que há de se saber o mudo antes de começar a ler. (tradução nossa), (BONET, 1619, p. 145)
>
> Ca, co, cu/ca, ce, ci, co, cu/ga, go, gu, la, ge, gi, ló, lu/Cha, Che, chi, Cho, Chu/Ña, ñe, ñi, ño, ñu...] (Bonet, 1962, p 145) (tradução nossa), (BONET, 1619, p. 145)

O método de Bonet, em quase nada diferenciava o método de alfabetização de uma criança ouvinte, sempre primando pelas letras, fonemas, sílabas. Presumo que esse modelo de educação deveria ter tido uma pequena porcentagem de sucesso, principalmente quando aplicado a surdos com resíduos auditivos. No mais, se igualava a adestramentos que cognitivamente não alavancavam o surdo socialmente, ao contrário, mais visavam aos seus educadores.

> [... Para juntar estas silabas o mudo, tem que mostrar com as mãos ou por escrito a letra e acenar que pronuncia equivale...] (tradução nossa), (BONET, 1619, p. 145).

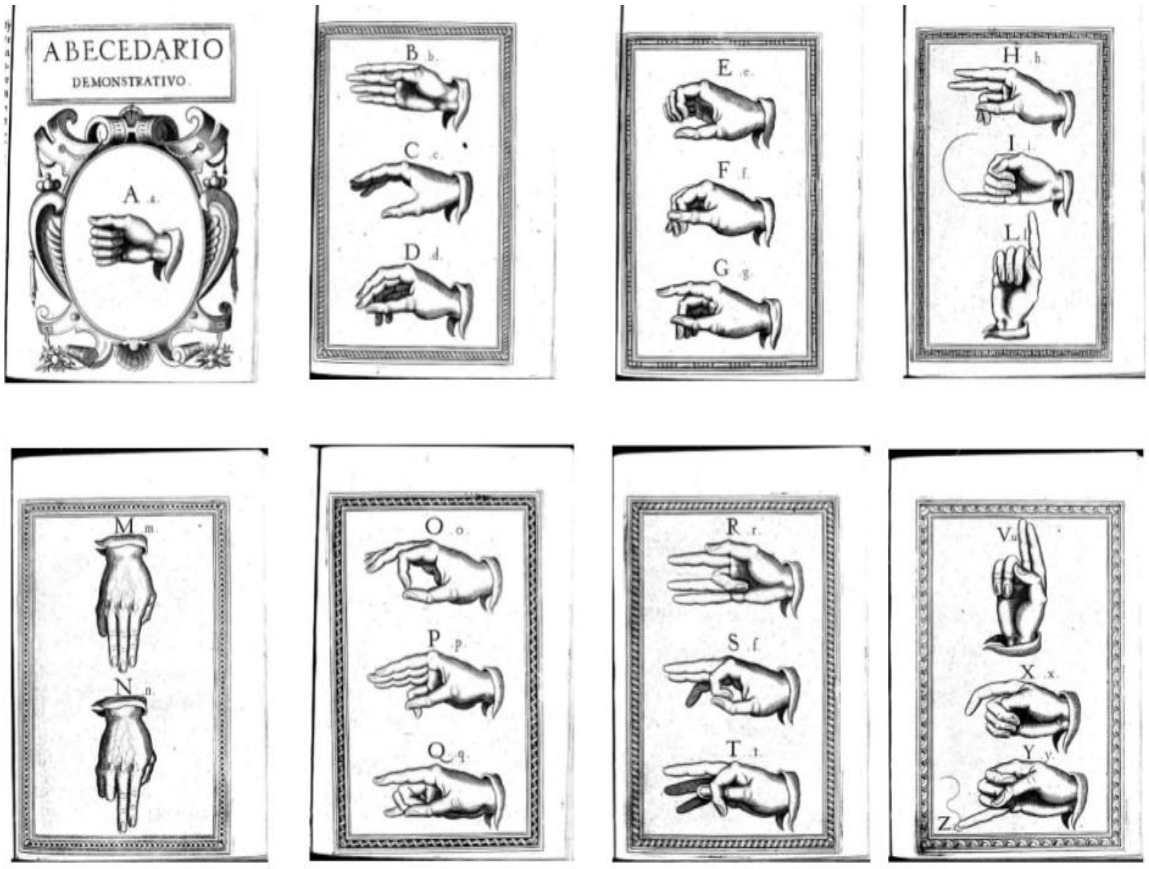
Sabe-se que tanto Leon como Bonet usavam recursos sinalizados no momento do ensino, mas nem um, nem outro, registra os sinais usados. Isso é o que dificulta um mapeamento de sinais existentes no período, bem como em períodos que antecederam as investidas na educação de surdos.

Os registros catalogados por Bonet nesse mesmo livro é o alfabeto unimanual, uma forma de levar para ao espaço-visual as letras do alfabeto. Contudo não é parte constituinte das línguas de sinais, é apenas um recurso.

> A datilologia (soletração manual) é linear. Segue a estrutura oral-auditiva. É um recurso do qual se servem os usuários da língua de sinais para casos de empréstimos linguísticos vindos de línguas orais, constituindo-se de um alfabeto manual criado a partir de algumas configurações de mão(s) constituintes dos verdadeiros sinais. (FERREIRA, 2010, p. 29).

Leon, Bonet e, posteriormente, L'Épée, usaram essa estratégia. Se o alfabeto manual não é língua de sinais e as línguas de sinais eram marginalizadas, consequentemente os registros oficiais não consideravam necessário registrá-las. Temos as mãos (datilologia) estilisticamente desenhadas e publicadas na obra de Bonet.

Figura 55



(BONET, 1619, p. 130)

A tendência da educação oralizadora segue o pensamento vigente na época e se concretizou legalmente no famoso Congresso de Milão de 1888, em que foram discutidos assuntos relacionados à educação de surdos.

Embora o surdo tenha tido sua língua podada, pelo menos naquele momento, ganha visibilidade, pois, estava-se discutindo qual seria a melhor forma de educar um surdo em um congresso tão expressivo.

> Considerando a incontestável superioridade da linguagem oral sobre a de sinais na reintegração do surdo-mundo à sociedade, permitindo a mais perfeita aquisição de conhecimento, declara: Que se deve dar preferência ao Método Oral ao invés do método de sinais para a educação e ensino do surdo- mudo. (ATAS – CONGRESSO DE MILÃO – 1888, p. 4).

Reflitamos: Se foi necessário que o Congresso de Milão discutisse e decretasse a falência da língua sinalizada, então era porque ela existia em prática e já vinha sendo usada há muito tempo.

Toda língua natural nasce, renasce, se desenvolve e se fortalece dentro de sua comunidade de fala. Nesse sentido, as línguas sinalizadas só não vinham se fortalecendo por questões de marginalização em relação aos seus falantes, mas, elas de fato existiam, tanto que foi necessário um decreto do Congresso para contê-las e nem essa medita foi bem sucedida como veremos no desenrolar da história.

> Com base na história traçada acima, não temos dúvida de que o alfabeto manual tenha sido produto das necessidades dos religiosos dos mosteiros, apropriado por Bonet de alguma maneira, durante o curto período (1615 a 1619) em que se envolveu com Luis de Velasco. (PEILY, p. 11).

Para concluir, o que teríamos como referência possível na História para marcar um ponto de nascimento das línguas sinalizadas seria o encontro dos sinais criados pelos monges beneditinos dentro dos mosteiros para comunicarem-se enquanto mantinham o voto do silêncio com os sinais naturalmente usados e criados pelos surdos da família nobre (os irmãos Velasco) levados aos mosteiros para serem educados. Os beneditinos definitivamente não criam uma língua de sinais, são os surdos que a criam. Contudo, a fusão do código dos beneditinos e a habilidade de reflexo, o esforço, paciência na leitura dos sinais naturais dos surdos possivelmente tenha feito desses educadores grandes disseminadores da língua de sinais autêntica, ou seja, os monges deram força para que as línguas de sinais saíssem das muralhas dos mosteiros, até pela condição de pessoas não deficientes (ouvintes) que eram e maior aceitação e credibilidade social.

Outro fato histórico, que fortalece a hipótese de que as línguas de sinais são preexistentes à educação de surdos, é o fato de L'Épée ter se envolvido com mendigos surdos de Paris com o intuito de evangelizá-los, nessa relação acabou se aprimorando nos sinais, o que tornou mais eficiente seu método de ensino. Uma pergunta surge, se mendigos, nesse período, não vão à escola, onde aprenderam língua de sinais, se não no diálogo entre eles?

Ao que parece, L'Épée obteve melhoraior performance no ensino de surdos, apropriou-se da língua naturalmente usada nas ruas pelos próprios surdos e instrumentalizou-se com a datilologia já utilizada no século XV por Ponce de Leon. Aproveitou o contato que teve com as bibliografias *Reducción de lãs letras y arte de enseñar a hablar a lós mudos, L'Arte d'enseigner a parler aux sourds-muets de naissance, Dissertatio de loquelâ surdorum Et mutorum* e aprimorou suas técnicas e teoria.

> Diferentemente de outros profissionais de outras partes da Europa que escondiam o segredo de seu sucesso de ensino de surdos, o Abade de L'Épée fez questão de creditar aqueles que vieram antes de si, e com quem aprendeu por meio de publicações. Convidava os interessados a visitarem sua instituição, para que conhecessem sua metodologia e semeassem suas ideias em outros centros, numa obra verdadeiramente missionária. Este é o motivo porque os Estados Unidos, e posteriormente o Brasil, herdou o sistema de sinais francês, ao invés da metodologia oralista inglesa ou alemã. (REILY, 2002, p. 30).

L'Épée somou a seu conhecimento as técnicas já aplicadas e utilizadas pelos seus predecessores e os conhecimentos aprendidos com os próprios surdos que mendigavam nas ruas de Paris, ao considerar a importância dos sinais para comunicação efetiva com os surdos. Convicto da eficiência comunicativa pelos sinais, l'Épée funda escolas próprias para surdos. E por esses e outros feitos importantes relacionados à educação de surdos é que L'Épée é respeitado e conhecido historicamente como o pai das línguas de sinais.

O presente resgate histórico da educação de surdos propõe uma aliança com a linha teórica de Labov sobre a impossibilidade de separar os estudos linguísticos da história e cultura. Assim, podemos concluir que para estudar os fenômenos metaplásticos nas línguas de sinais é imprescindível que consideremos os estudos históricos e culturais dos povos surdos. Os metaplasmos não constituem um estudo somente diacrônico e isolado, há que considerar toda miscelânea que envolve sua estrutura externa.

Diante do levantamento histórico, podemos sugerir uma tipologia linguística para as línguas de sinais que seria a LSF a partir das afirmações educacionais do abade L'Épeé no século XVIII. A partir desse período, outros países europeus como a Alemanha enveredaram-se nos estudos das línguas de sinais se espelhado nos moldes franceses. E daí,

uma cadeia de inserção de surdos no mundo social foi testemunhado contribuindo para o fortalecimento da estruturação e disseminação das línguas de sinais.

O Brasil também sofreu a onda de influência da educação de surdos francesa a ponto de, em 1857, Don Pedro II ter convidado o francês Eduard Huet para vir ao Brasil com a missão de fundar a Escola para meninos surdos, primeiramente nomeada de Imperial Instituto de Surdos Mudos, atual Instituto de Educação e Integração de Surdos – INES. Do contato da LSF, usada por Huet com o vernáculo usado pelos alunos surdos do Rio de Janeiro, no período Imperial do Brasil, nasceu estruturadamente a Libras que conhecemos hoje.

Importante destacar que nem sempre houve a aceitação do uso da Libras e que houve várias discussões sobre os métodos educacionais apropriados para surdos, fazendo a História da Educação de Surdos ser dividida em três períodos distintos: Oralismo, Comunicação Total e Bilinguísmo.

O Oralismo foi um método baseado na desmutização, com técnicas sempre voltadas para estimulação da fala. Alguns dos adeptos dessa linha usavam além de um arsenal de instrumentos para ativar o aparelho fonador, o recurso do alfabeto manual criado pelo espanhol Bonet. É um período voltado para o esforço de fazer o surdo falar, então, todas as técnicas científicas e educacionais foram pensadas para ver o surdo completo (falando pelas vias orais), ou seja, falando. O falar com as mãos era amplamente negado, assim Sklier critica o olhar sobre o surdo como sendo:

> Um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se e narrar-se que acontecem as percepções do ser “deficiente”, do “não ser ouvinte”; percepções que legitimam as práticas terapeutas habituais (SKLIAR, 2013, p.15)

A pessoa surda, na época, não era vista na perspectiva cultural, antropológica como uma pessoa diferente possuidora de uma cultura, uma língua. Todas as medidas partiam da visão cultural de um ouvinte, ou seja, da lente cultural de um ouvinte. Portanto, quem não falava pelas vias orais, como a maioria, algo lhe faltava.

Embora alguns surdos conseguissem, com muito esforço, falar, a grande maioria não conseguia a mesma proeza. Em sala de aula, gastava-se muito tempo na investida de técnicas vocais e os surdos não emergiram significativamente em níveis de escolaridade e nem socialmente. Mas, um passo já fora dado em direção ao reconhecimento do potencial das pessoas surdas, pelo menos, os surdos ganharam atenção como cidadãos, nesse período.

Com o insucesso do método educacional, baseado no Oralismo puro, admitiu-se a Comunicação Total como melhor opção para que os educadores de surdos alcançassem seu objetivo: alavancar a educação de surdos. Esse método servia-se de todos os recursos comunicacionais para efetivação da educação de surdos. Então, além de sinalizar o surdo e professor, no processo de ensino-aprendizagem, poderia oralizar, fazer leitura labial e usar o alfabeto manual.

Com o avanço dos estudos das línguas sinalizadas percebeu-se que a utilização de duas línguas com estruturas gramaticais e modalidades diferentes só prejudicaria o desenvolvimento cognitivo do surdo. Foi então que se propôs o modelo de educação chamado Bilinguísmo.

O Bilinguísmo é um método voltado para educação de surdos que consiste na utilização de duas línguas em modalidades diferentes, a LP na escrita e a Libras na fala. Esse modelo de educação chega ao Brasil ao final da década de 1980 e ainda é amplamente aplicado. Com o Bilinguísmo, os surdos tiveram maior acesso aos conceitos das palavras, porém, ainda devem muito à estrutura sintática formal do português, pois, eles produzem a escrita da LP com a influência da estrutura gramatical da Libras. De todo modo, houve avanços verificados nas conquistas acadêmicas por surdos.

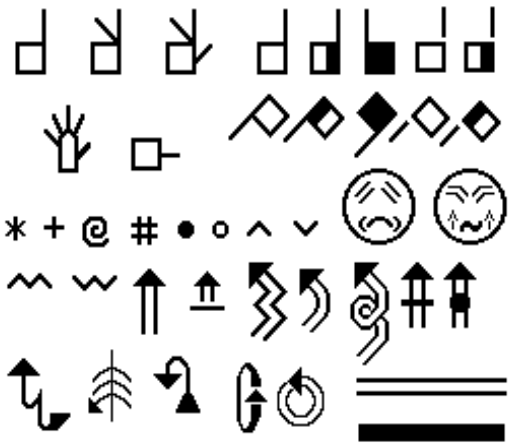
8. BILINGUÍSMO E REGISTRO VIA *SING WRINTING*

Um texto nunca está só, fixo, pronto. Para analisarmos um texto precisamos considerar a questão cultural envolta em sua tessitura: tanto quem produz, quanto quem lê/interlocutor fazem diferença. Sendo a língua um dos artefatos culturais mais importantes das mais diversas culturas em qualquer tempo e espaço, podemos considerar de tamanha importância o seu registro/texto/léxico, meio pelo qual, tantas gerações puderam passar para posteridade seus saberes, sua cultura, sua existência.

A professora pioneira nos estudos surdos no Brasil, Ronice Muller Quadros, da Universidade Federal de Santa Catarina, aborda em seu livro *Ideias para Ensinar Português para Surdos* formas de incluir os surdos e garantir o seu desenvolvimento cognitivo e social e indica o Bilinguísmo como modelo de educação ideal para surdos. Para ela, essa prática se dá com a LP na forma escrita e a fala pela Libras. Nessa perspectiva, os surdos seriam usuários de duas línguas: Libras e Português, sendo essa última somente na forma escrita, pois a teoria do Bilinguismo prima pelo surdo como indivíduo inserido em um contexto cultural próprio e vislumbra uma possibilidade apenas de registros escritos para fins escolares e acadêmicos.

A Libras não tem uma forma padrão popularizada e como registro lexical existe o *Sign Writng*, ainda desconhecido pela maioria. Urge então uma pergunta: Como seriam os registros da comunidade surda?

Figura 56



Fonte: www.singwhriting.com.br, (acesso em 16/02/2015)

A trajetória da educação dos surdos no Brasil, como muitos fenômenos históricos, acontece na forma de influências como num terremoto - Ocorre primeiro na Europa ou nos Estados Unidos para que, tempo depois, sinta-se os pequenos tremores aqui no Brasil. O *Sing Writing* é um exemplo claro desse fenômeno. Enquanto nos Estados Unidos e boa parte da Europa o SW já é utilizado em grande escala, aqui no Brasil o conhecimento e domínio desse sistema ainda é tímido e há muita resistência à forma escrita da Libras devido ao pouco tempo de existência.

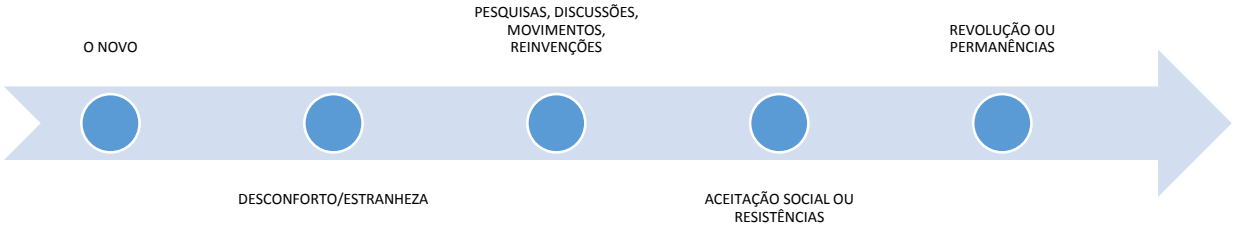
Contudo, acredita-se que viveremos uma revolução provocada pelos movimentos surdos em direção à aceitação do SW considerando que essa forma de registro contempla e respeita as experiências visuais próprias da cultura surda, a forma como fazem leitura de mundo e abstraem seus conhecimentos. Antes do SW não havia outra forma de registros das línguas de sinais, e mesmo que essa modalidade escrita da Libras seja inovadora e expresse características detalhadamente peculiares das Línguas de Sinais: CM, L, M, Or e ENM em consonância com a modalidade própria da Libras, ainda existem grupos resistentes à disseminação desse sistema de escrita, afirmando que as línguas de sinais só têm uma forma de registro que é por meio de vídeos, registro que continua sendo uma forma valiosa para a comunidade surda.

O SW foi criado nos Estados Unidos no ano de 1974, por Valerie Sutton e chega ao Brasil em meados da década de 1990. Apesar de já estar sendo usado em larga escala em mais de 27 países europeus e latinos, somente nessa década inicia-se pesquisas importantes na área, chegando a ser inserido nos currículos de cursos de graduação em Letras Libras e Pedagogia Bilíngue. Hoje, já existem algumas literaturas surdas adaptadas para esse sistema de escrita.

As discussões são novas e as pesquisas também. Como tudo que é novo, precisa em geral, de um espaço de tempo para que haja aceitação, adaptação e apropriação. O tempo histórico parece ser a liga entre o inovador e a prática social e o que fica entre esses dois pontos são as resistências, movimentos sociais, discussões, enfim, tudo o que é próprio da mentalidade social em todos os tempos: anseios, aflições, angústias, esperanças. E até que o imaginário social aceite o “novo” de forma confortável, por vezes, são necessários décadas

de repressão como foi o caso da implementação efetiva do Comunismo na Rússia que iniciou com o Domingo Sangrento até a implantação da URSS, perfazendo um esquema possível:

Fluxograma 3



Elaborado pela autora

Embora o SW projete em sua estruturação sistêmica artefato visual próprio da cultura surda, o seu tempo de existência e a falta de conhecimento, causam estranheza e resistência em sua difusão no Brasil, assim, a grafia do Português é o mais comum dentro da comunidade surda, embora o SW esteja ganhando espaço e adeptos.

9. ANÁLISE

Evidentemente a soletração manual não é o único processo de formação dos vocábulos (sinais) em Libras. Aliás, é responsável por uma parte pequena do léxico dessa língua. A soletração manual das letras de uma palavra em português é a mera transposição espacial dos grafemas de uma palavra da língua oral por meio das mãos, apenas um meio de fazer empréstimos, como nos exemplos: S-O-L, N-U-N-C-A já citados. Os exemplos ilustram o fenômeno do empréstimo intersemiótico entre línguas de modalidades diferentes, pois, na maioria dos casos, existe o sinal correspondente ao referente ou à ideia e não é necessário usar a soletração manual. O alfabeto manual pode ser classificado como uma colagem. Foi uma alternativa, possivelmente, criada pelos monges beneditinos para vencer a impossibilidade de se comunicar oralmente devido ao voto de silêncio. A datilologia criada nos mosteiros medievais atendia a duas demandas: primeiro a necessidade de se manter calados e a necessidade de se comunicar (via gestos). Esse subterfúgio surgiu para possibilitar a comunicação entre os monges que cumpriam a promessa do silêncio e que precisavam se comunicar durante algumas atividades: marcenaria, culinária ou lavoura. Como não consideravam que a sinalização era uma comunicação original, cumpriam o voto se comunicando sem peso na consciência de burlando a proibição.

A partir da necessária prática dos sinais por monges, associada aos interesses em alfabetizar surdos de famílias nobres, começa um crescente processo de valorização desse tipo de comunicação.

Essa pesquisa partiu da análise dos sinais registrados em três dicionários de períodos diferentes, descrevendo os metaplasmos constatados. Não nos propomos a elaborar pesquisa sobre variação diacrônica, mas discorremos sobre esse tema com o intuito de esclarecer que variação e metaplasmos estão, sim, no âmbito dos movimentos lexicais, mas, em perspectivas diferentes. O primeiro processo é a substituição de signos ao longo do tempo numa dinâmica de neologismo e obsolescência, a segunda, é a mutação de seu próprio corpo, como se fosse o aparecimento de uma nova versão do mesmo referente, mas não a substituição

9.1 Metaplasmos na Libras

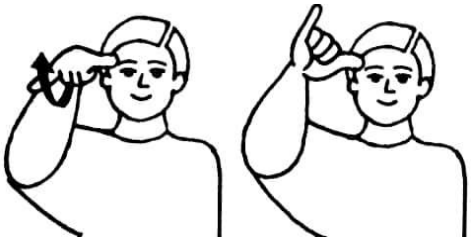
Ao empreender pesquisa sobre fenômenos metaplásticos nas línguas de sinais, não encontramos bibliografias que consubstanciassem teoricamente a ocorrência desses processos no léxico da Libras, encontramos outros fenômenos de variação em Pimenta (1998), Quadros (2003), Gripp (2002). Todavia, ao compararmos os três dicionários: de Gama, de Oates e de Capovilla, encontramos a ocorrência de metaplasmos.

Chegamos a questionar a ocorrência de mudanças plásticas em línguas de sinais. Porém, ao alicerçar o presente estudo em linguística (diacronista e foneticista) das línguas orais, percebemos que, encetar estudo focalizando as línguas orais não tomam como exclui as línguas de sinais, pois todas as línguas naturais sofrem metaplasmos.

Os metaplasmos na Libras deveriam ser estudados a partir da Língua de Sinais Espanhola como já explicado, pois foi desta língua, a partir dos registros de Bonet, que se fortaleceu a comunicação via sinais. Contudo, não há registros dos sinais praticados nesse período inicial da LSE na Europa. Então partimos da LSF que apresenta alguns registros, embora exíguos.

Elaboramos um quadro com sinais para realçar melhor as mudanças plásticas apresentadas nas amostras.

Figuras 57

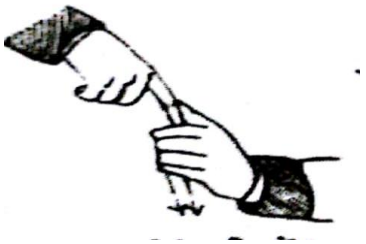
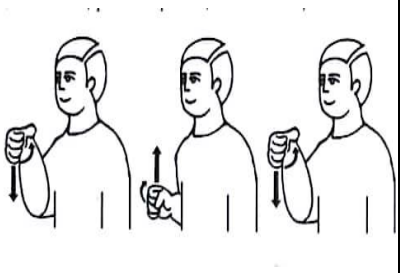
Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos -1875.	**Linguagem das Mãos – 1969.**	**Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue 2011**
Boi		
Gama, p 24	Não há registro em Oates, 1969	 Capovilla, p 545

De Gama a Capovilla percebe-se a subtração total de uma das mãos. A mão que permanece, continua com todos os parâmetros: CM 4, L: fonte da cabeça, M: semicircular.

Quadro comparativo- amostra 1			
	Gama	**Oates**	**Capovilla**
CM	4	-	4
L	Fronte	-	fronte
M	SC	-	SC

Dentro da análise de nossa pesquisa, entendemos que a amostra se apresenta como um processo metaplástico devido ao grau de ligação verificada pelos parâmetros primários.

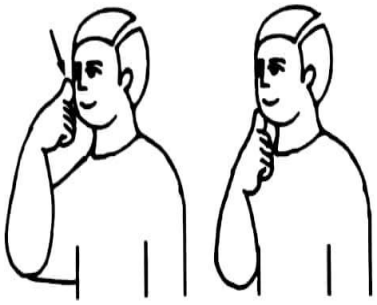
Figuras 58

Leite		
 Gama, p. 16	Oates, p. 189	 Capovilla, p. 1556

Subtração da mão passiva, e com ela, os seus parâmetros. De Gama para Oates originando um metaplasmo de subtração. De Oates para Capovilla o sinal permanece igual.

Quadro comparativo- amostra 2			
	Gama	**Oates**	**Capovilla**
CM	7 e 15	7	7
L	EN	EN	EN
M	R	R	R

Figuras 59

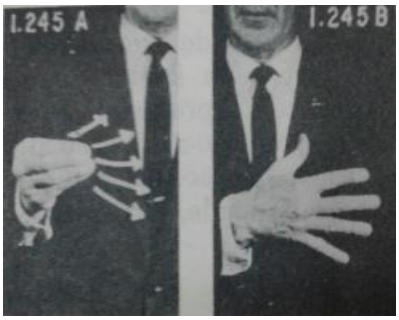
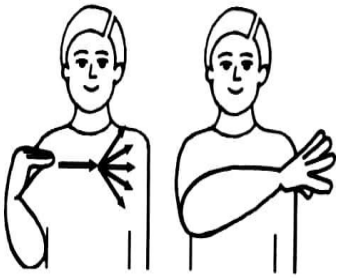
Mulher		
Gama, p. 22	Oates, p. 171	 Capovilla, p. 1756

De Gama para Oates há alteração na CM 13 para a CM 2. De Oates para Capovilla a CM 2, L, M permanecem, porém, o movimento é reduzido de duas vezes para uma.

Quadro comparativo- amostra 3			
	Gama	**Oates**	**Capovilla**
CM	13	2	2
L	Bochecha	bochecha	bochecha
M	R	R	R

Diante da análise do quadro resumo, verificamos grande semelhança segmental entre os sinais apresentados pelos três dicionaristas.

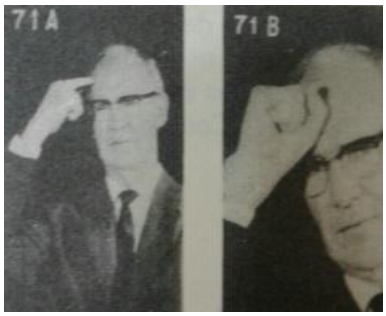
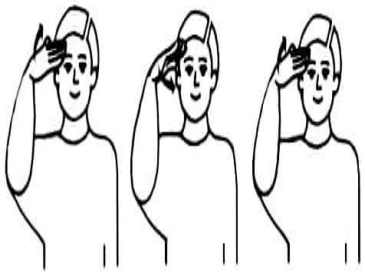
Figuras 60

Novo		
Gama, p 30	 Oates, p 304	 Capovilla, p 1802

De Gama para Oates há subtração da mão passiva e a OM da mão ativa, que era para cima, volta-se para a esquerda. M e L permanecem iguais, ENM não há. De Oates para Capovilla não há alteração;

Quadro comparativo- amostra 4			
	Gama	**Oates**	**Capovilla**
CM	26/60	26/60	26/60
L	EN	EN	EN
M	R	R	R

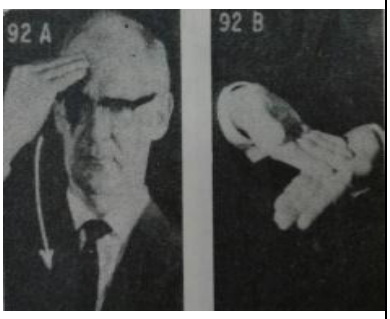
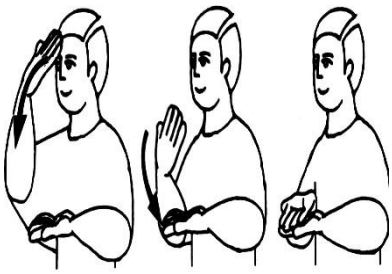
Figuras 61

Compreender		
Gama, p. 38	 Oates, p. 31	 Capovilla, p. 781

Oates adiciona um M e CM em relação a Gama. De Oates para Capovilla contrai-se um dos M adicionados anteriormente e modifica o que ficou. Nas três amostras não há alteração da L;

Quadro comparativo- amostra 5			
	Gama	**Oates**	**Capovilla**
CM	15	15/7	57
L	fronte	fronte/testa	fronte
M	R	R	SC

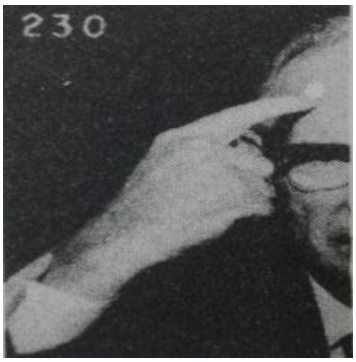
Figuras 62

Acreditar		
Gama, p. 40	 Oates, p. 36	 Capovilla, p. 278

Oates inclui a mão passiva em relação a Gama e Mantém o M. Muda a CM e a OM assume duas faces: para baixo no início do movimento e para cima ao final. Mantém a L, ENM não há. De Oates a Capovilla não há alterações. Ponto comum da amostra é a L e Or inicial da mão ativa;

Quadro comparativo- amostra 6			
	Gama	**Oates**	**Capovilla**
CM	14	57	57
L	Testa	Testa/ palma da mão passiva	Testa/ palma da mão passiva
M	R	R	R

Figuras 63

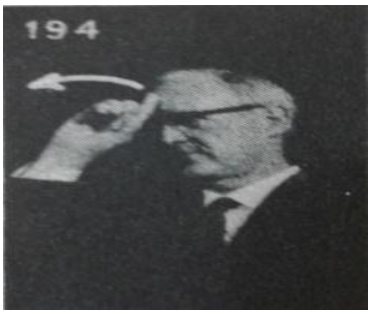
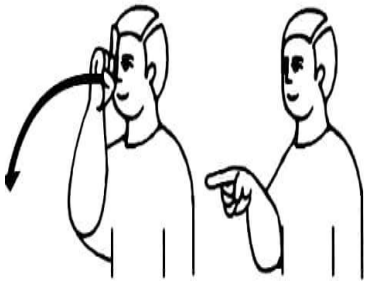
Pensar		
Gama, p 40	 Oates, p 63	Capovilla, p 1934

Em Oates há a contração do M circular apresentado em Gama. A CM permanece e altera a L da testa para a fronte direita. ENM Inexistente em ambos. De Oates a Capovilla não há alteração. Ponto comum da amostra é a CM;

Quadro comparativo- amostra 7			
	Gama	**Oates**	**Capovilla**
CM	14	14	14
L	fronte	fronte	fronte
M	C	-	-

Nessa amostra houve a subtração do movimento circular executado na testa, apresentado por Gama.

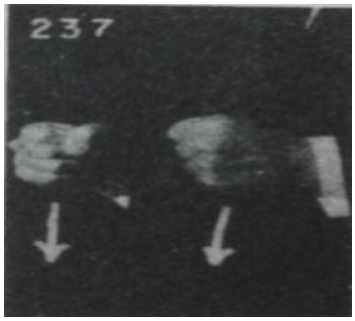
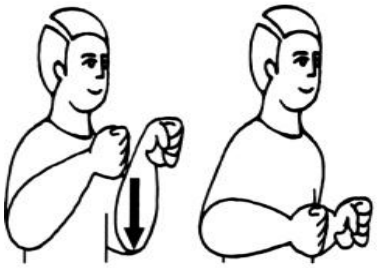
Figuras 64

Mandar		
		
Gama, p 40	Oates, p 56	Capovilla, p 1638

Gama apresenta um M longo e sinuoso partindo da L boca. Em Oates é mantido a CM mas, altera-se a L para a fronte e o M para semicircular. Não há ENM. De Oates a Capovilla o sinal permanece idêntico;

Quadro comparativo- amostra 8			
	Gama	**Oates**	**Capovilla**
CM	14	14	14
L	boca	testa	testa
M	SC	SC	SC

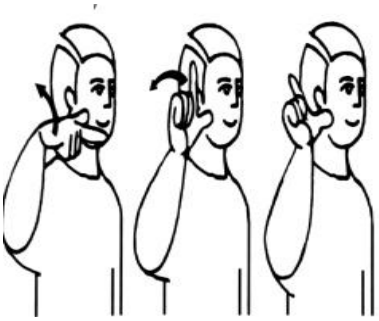
Figuras 65

Poder		
Gama, p 42	 Oates, p 65	 Capovilla, p 1989

Entre os três dicionários todos os parâmetros se mantêm com exceção da OM das mãos que em Gama é voltada para baixo e nos dois outros, a mão direita para a esquerda e a mão esquerda para a direita;

Quadro comparativo- amostra 9			
	Gama	**Oates**	**Capovilla**
CM	1	1	1
L	EN	EN	EN
M	R	R	R

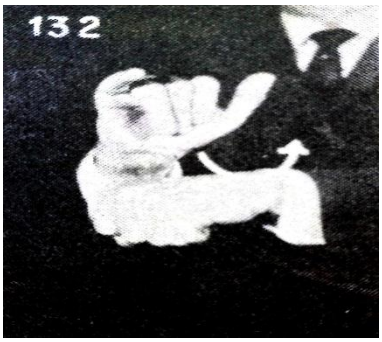
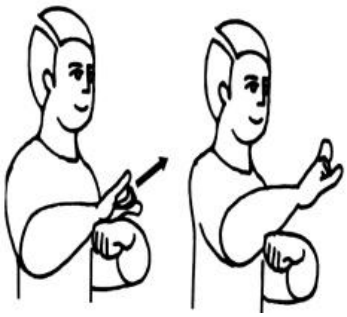
Figuras 66

Ontem		
Gama, p 44	Oates, p 243	 Capovilla, p 1839

De Gama para Oates há alteração da CM: A L: espaço neutro (lateral da face) em Gama muda para o queixo em Oates. Em ambos mantém o M: semicírculo. Entre Oates e Capovilla altera-se o L para a fronte. Parâmetro comum aos três: M;

Quadro comparativo- amostra 10			
	Gama	**Oates**	**Capovilla**
CM	2	28	28
L	EN	queixo	queixo
M	SC	SC	SC

Figuras 67

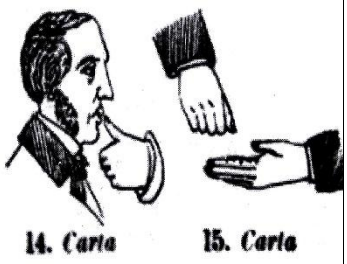
Enganar		
Gama, p 42	 Oates, p 44	 Capovilla, p 1069

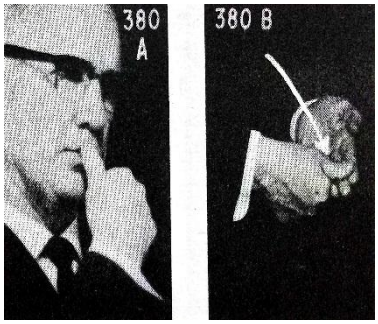
Nas três amostras mantêm-se a CM da mão passiva, de Gama para Oates há a mudança na CM da mão ativa, porém, o M se mantém. De Oates para Capovilla, se mantêm a CM e muda o M de semicircular para retilíneo.

Quadro comparativo- amostra 11			
	Gama	**Oates**	**Capovilla**
CM	40	4	4
L	Dorso da mão passiva	Dorso da mão passiva	Dorso da mão passiva
M	R	R	R

Alguns sinais em Capovilla apresentam variação regional, então, o metaplasmo se apresenta desdobrado em dois sinais ou mais. Para esses casos elaboramos um quadro específico, pois o metaplasmo apresenta a mudança na plástica e variação é outro processo. Para que fique clara essa diferença sensível entre os dois fenômenos, analisamos cada variação apresentada em Capovilla em relação ao mesmo referido. Assim:

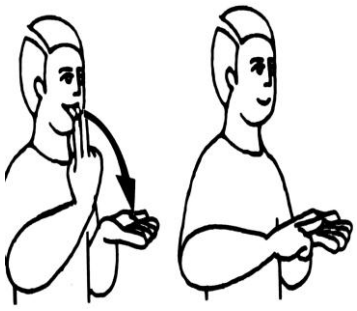
Figuras 68

<table>
<tr><td colspan="3">Carta</td></tr>
<tr>
<td> 

Gama, p. 18</td>
<td> 

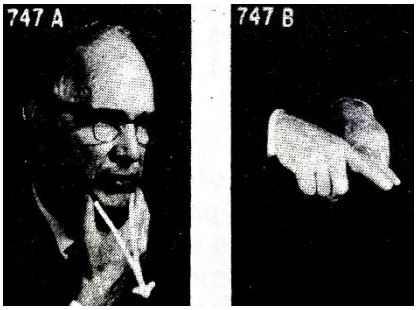
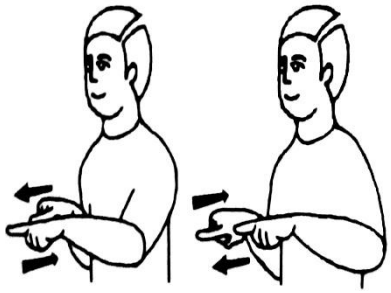
Oates, p. 96</td>
<td>
1.Capovilla, p. 663</td>
</tr>
</table>

Capovilla apresenta duas variações para o sinal de CARTA, enquanto Gama e Oates, só apresentam um. Nesse caso, na linha da primeira variação registrada por Capovilla, temos um caso de permanência.

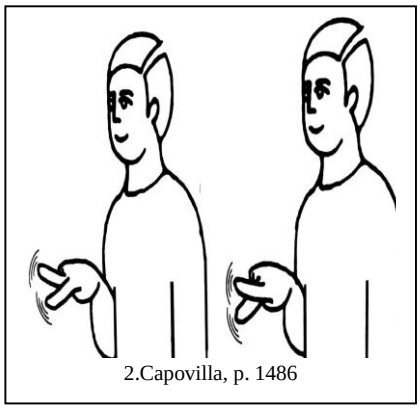

2. Capovilla, p. 663

Em relação à segunda variação mostrada por Capovilla, temos uma variação diacrônica.

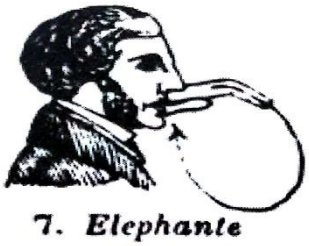
Figuras 69

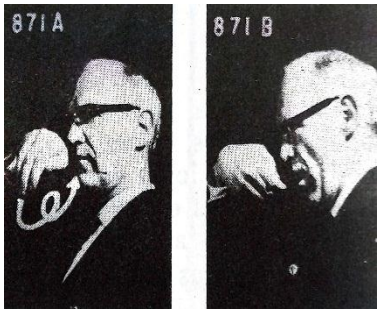
Variação diacrônica com variação sincrônica		
Irmã (o)		
Gama, p. 22	 Oates, p. 173	 1.Capovilla, p. 1486

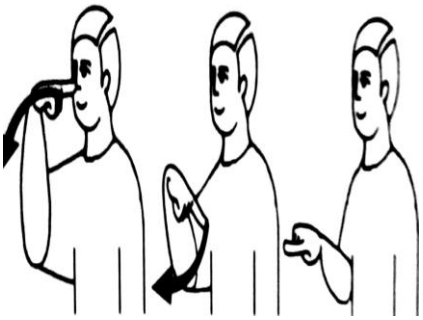
A mesma análise vale para essa amostra. Porém, Oates inclui o indicativo de gênero masculino.


2.Capovilla, p. 1486

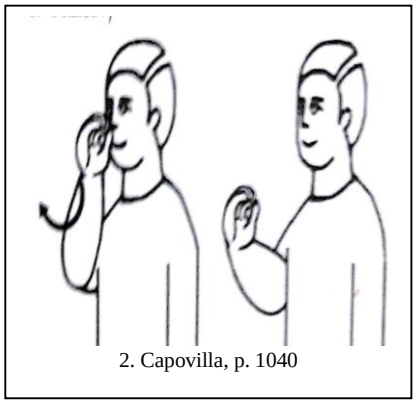
Figuras 70

<table>
<tr><td colspan="3">Elefante</td></tr>
<tr>
<td> 

Gama, p. 24</td>
<td> 

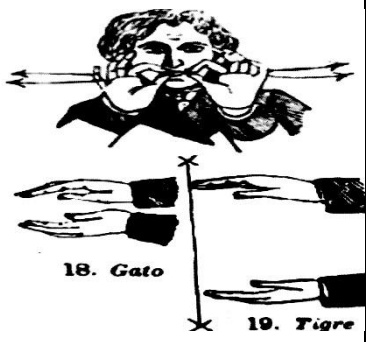
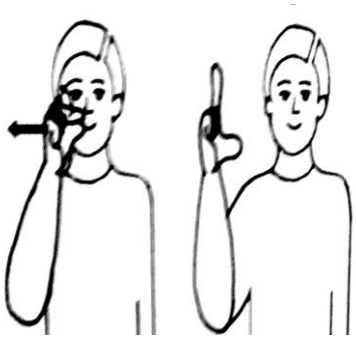
Gama, p. 202</td>
<td> 
Capovilla, p. 1040</td>
</tr>
</table>

Nessa amostra, temos a ocorrência de variação tanto para a primeira variação quanto para a segunda.

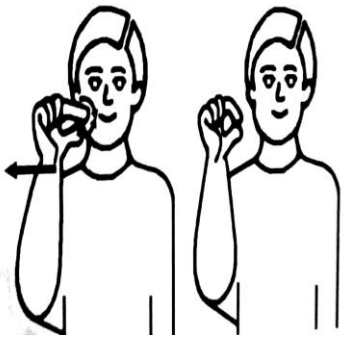

2. Capovilla, p. 1040

Nota-se que os parâmetros primários não coincidem em nenhum dos sinais.

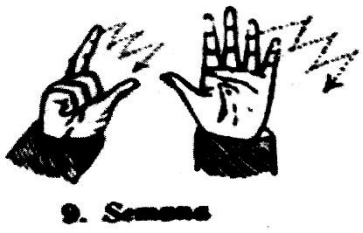
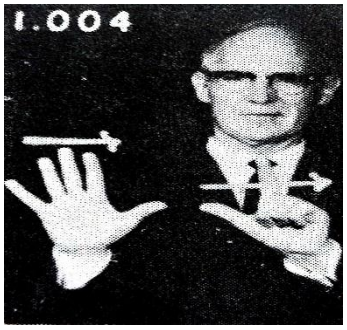
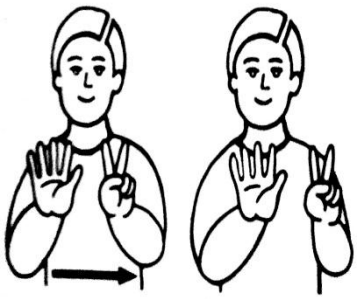
Figuras 71

Gato		
 Gama, p. 24	Oates, p. 203	 Capovilla, p. 1331

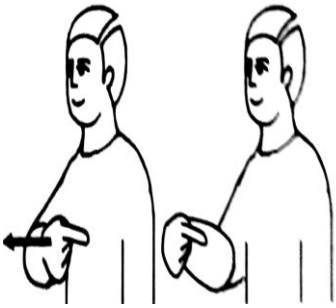
Entre Gama e Oates há um processo metaplástico de redução de parâmetro, já de Oates para Capovilla em relação à primeira variação, temos uma variação sincrônica e para a segunda variação há uma permanência.


2. Capovilla, p. 1331

Figuras 72

Semana		
 Gama, p. 44	 Oates, p. 239	 Capovilla, p. 2248

De Gama para Oates houve alteração do M angular para retilíneo. Mas, a CM permanece: mão direita: 57 e mão esquerda: 38. Capovilla apresenta dois sinais correntes, o primeiro mantém o mesmo M que Oates. Porém, muda a CM da mão esquerda de 38 para 49, a CM 57 da mão esquerda permanece.


2.Capovilla, p. 2248

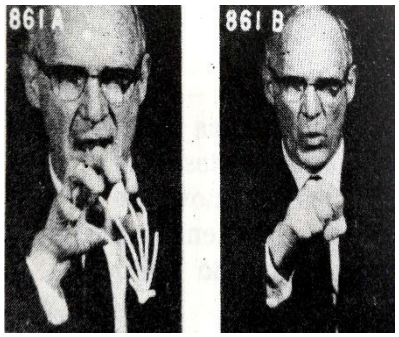
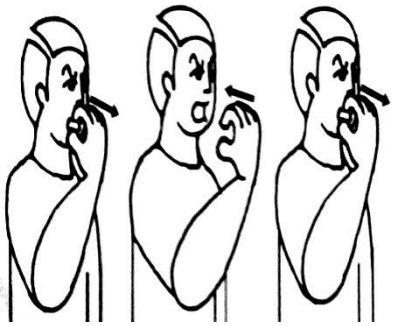
Falando agora do segundo sinal apresentado por Capovilla. Esse sinal é configurado num formato mais econômico, e, segundo nossos estudos, essa versão para o sinal de SEMANA, possivelmente se sobreporá ao primeiro, justamente, pela insidência da lei linguística do menor esforço. Então, há um processo metaplástico entre os sinais apresentado pelos três dicionários. Porém, entre os dois sinais apresentados por Capovvila, há uma

variação concorrente, pois ainda verificamos o uso dos dois formatos em regiões e faixas etárias diferentes. Vejamos o quadro:

Quadro comparativo- amostra 5				
	Gama	**Oates**	**Capovilla 1**	**Capovilla 2**
CM	61/28	61/28	61/40	61/40
L	EN	EM	EN	EN
M	A	R	R	R

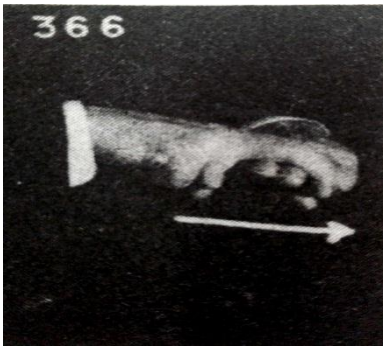
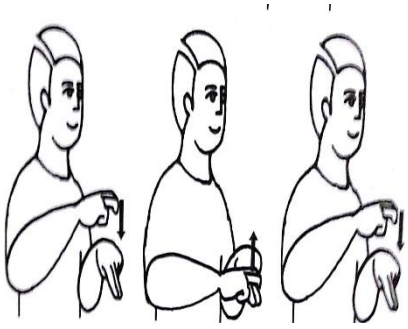
O terceiro quadro mostra o quão rudimentar e reduzido era o vocabulário do final do século XVIII registrado por Pélissier em 1856 e depois por Gama em 1875. O sinal de CACHORRO, por exemplo, era feito com um gesto, o sinal de CADEIRA feito com uma espécie de mímica.

Figuras 73

Cão		
Gama, p. 24	 Oates, p. 200	 Capovilla, p. 642

O sinal que Gama apresenta parece mais um gesto de bater nas pernas para chamar o cão. Oates faz a mímica da mordida do animal e Capovilla apresenta duas variações a primeira idêntica a de Oates e a segunda uma contração da primeira.

Figuras 74

Cadeira		
Gama, p. 20	 Oates, p. 93	 Capovilla, p. 602

Sinal de CADEIRA em Gama é apresentado pelo própria simulação do ato de sentar, portanto, gesto.

A análise dessa amostra merece destaque porque envolve conceitos importantes na linguística de qualquer língua. O conceito de semiótica, linguagem, língua, mímica pantomímica e gestos. Embora os dois primeiros ícones de Gama e Oates não tenham ligação

quirológica, fizemos constar propositalmente a fim de substanciar comentário a respeito dos parâmetros na Libras, entidade fundamental na formação dos signos.

Os signos que se manifestam sobre as formas, inclusive, sobre língua, representam as linguagens que estabelecem comunicação, estando soltas e ao mesmo tempo dependentes do interpretante que necessitará acionar experiências pessoais para estabelecer uma interpretação estritamente captada por seus sentidos e intercruzá-las com suas próprias leituras de mundo. Assim funciona, basicamente, o processo de significação teorizada por Pierce (2005). Nesse sentido, entendemos que a linguagem dentro dos estudos da semiótica é uma manifestação comunicacional de fato, mas, não um sistema como as línguas.

As Pantomímicas, muito utilizadas na Grécia Antiga, passavam informações críticas sobre contextos sociopolíticos vividos somente por aquele povo e naquela época. Embora as línguas não sejam engessadas ou universalizadas, não são flutuantes, mas são dependentes de pistas para se alcançar um sentido, assim como quem vê uma fogueira em cinzas e logo conclui que houve fogo no local. As pantomimas e as mímicas comunicam, mas não são línguas.

É verdade que as línguas são signos convencionados e parametrizados gramaticalmente, e a gramática não representa uma camisa de forças para as línguas justamente porque elas são organismos vivos e mudam conforme as tendências de seus falantes.

Nem tudo que comunica é língua, mas todas as línguas têm função comunicativa. Os estudos dos metaplasmos são transformações ocorridas em um componente do léxico de uma língua. Por isso descartamos a datilologia da nossa análise. Ela não é língua, as mímicas e gestos não são línguas, portanto, não podemos considerar os registros de Gama em CADEIRA e CÃO para nossa análise.

Os gestos também comunicam, por exemplo: uma moça que arruma os cabelos ao avistar um rapaz. O interpretante dessa cena, que pode ser o próprio rapaz ou uma terceira pessoa, pode estabelecer a seguinte leitura: a moça pode ter se interessado pelo rapaz. Mas, a moça fez movimentos naturais e inconscientes usando o corpo. Por outro lado, o desenho

apresentado por Gama para significar cachorro é uma mímica proposital, contudo, não podemos classificá-lo como sinal da Libras por vários motivos, principalmente pelo fato de utilizar o parâmetro Locação (L) fora do perímetro estabelecido pela gramática da Libras. Poderíamos considerá-lo como um classificador[6] da Libras, mas, a mímica não incorpora visualmente a imagem ou os trejeitos de um cachorro e sim uma batida na perna, como quem chama um cão.

Devemos considerar que os estudos linguísticos da Libras só repercutem no Brasil ao final do século XX, sendo reconhecida um século e meio depois. Diante dos dados, supomos que o léxico da Língua de Sinais usada de seu reconhecimento legal, era de um vocabulário limitado sendo composto de mistura de gestos e sinais, nota-se a carência percebida nos registros de Gama que, com habilidade para desenhos, preferiu copiar o dicionário francês. Outro fator preponderante da comunicação paradoxal via gestos e sinais foi a forte influência de uma corrente teórica e metodológica de educadores oralistas que pregavam a desmutização do surdo em detrimento da fala pelos sinais. Treze anos depois, esse movimento oralista culminou no famoso Congresso Internacional de Educação de Surdos ocorrido em Milão mais conhecido como “Congresso de Milão” de 1888. Nesse evento, foram discutidas questões relacionadas a métodos educacionais para surdos, em que decidiram que seria melhor os surdos usarem as línguas para aprender que a instrução dos surdos fosse em língua oral e que assim deveriam aprender a oralizar.

Diante do cenário internacional do período e a carência de fontes históricas que nos limita a síntese, mas não a reflexão, esboçamos alguns questionamentos: O sinal utilizado por Gama para significar CÃO, é um sinal ou uma mímica? O sinal registrado por Oates que pretende o mesmo significado CACHORRO é mímica ou um sinal?

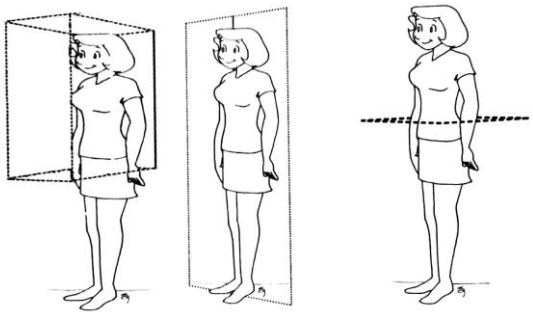
A complexidade da análise da amostra aumenta ao buscar aporte teórico em Capovilla sobre o espaço de sinalização.

[6] Um recurso comunicacional utilizado na Libras para desenhar no espaço, a forma simétrica e assimétrica de um referente.

> O espaço de sinalização é a área em frente ao seu corpo, o espaço que você usa para sinalizar. Ele é convencionado nas Línguas de Sinais como sendo um tanto mais restrito que o espaço fisiológico. Correspondente aproximadamente à distância que seus braços flexionados podem alcançar em frente, acima e abaixo, sendo limitado, à esquerda, pelo alcance de seu braço direito: e, à direita, pelo alcance de seu braço esquerdo. (Capovilla, 2012, p. 189).

Figura 75

Espaço de sinalização

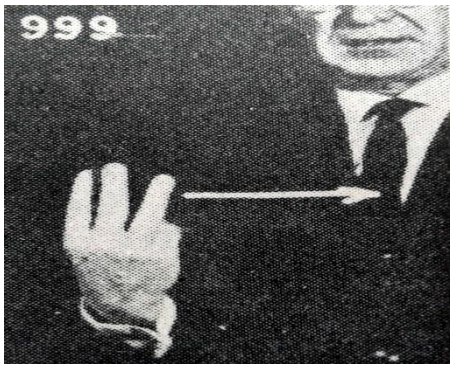
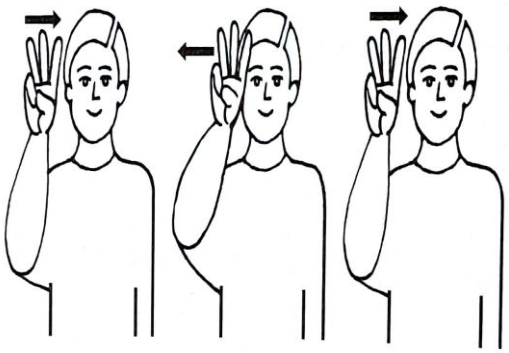


Capovilla, p. 190

As proposições de Capovilla ratificam que os sinais não são executados aleatoriamente e são convencionalmente parametrizados. Mas, analisar o *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* produzido em 1875, com regras convencionadas século depois, não seria uma anacronia?

O quadro a seguir mostra que embora a maior incidência de metaplasmos esteja concentrada no período compreendido entre os dicionários de Gama (1875) e Oates (1969) não significa que no segundo período, entre Oates e Capovilla (2.012), não haja ocorrido movimentação dos segmentos da Libras, até porque o dicionário de Gama apresenta poucos sinais registrados em relação ao de Oates e Capovilla, limitando quantitativamente a presente amostragem. Ainda assim, para ampliar e aprofundar nossa pesquisa, elaboramos um quadro de amostra colhidas nos dicionários de Oates e Capovilla, ou seja, sinais sem registros no dicionário de Gama com o objetivo se enriquecer quantitativa e qualitativamente os dados. Segue:

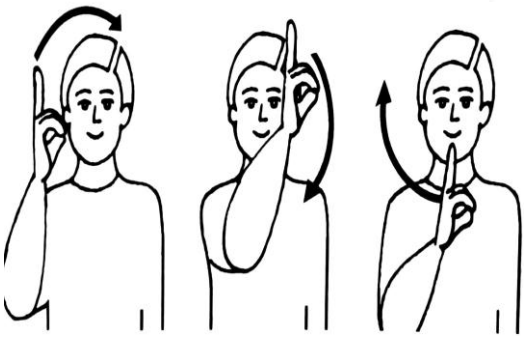
Figuras 76

Metaplasmos a partir de Oates	
Terça-feira	
	
Oates, p. 238	Capovilla, p. 2356

Em Oates a orientação da mão é apresentada para dentro enquanto em Capovilla, para fora. A locação é mudada do espaço neutro em Oates para a fronte em Capovilla com dois toques;

	Oates	**Capovilla**
CM	52	52
L	EM	fronte
M	R	R (2X)

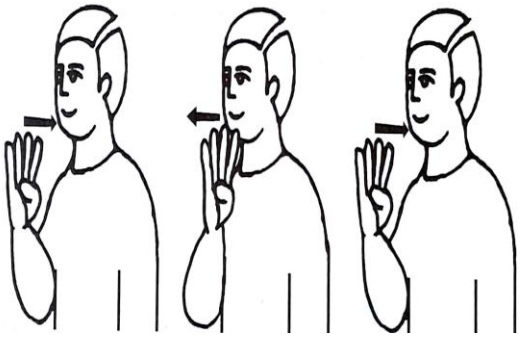
Figuras 77

Domingo	
Oates, p 238	 Capovilla, p 1017

Em Oates, CM 16, no espaço neutro em movimento circular mais curto à frente do tronco. Em Capovilla, o movimento circular no espaço neutro, mais à frente do rosto com a mesma CM 16. Há uma sensível mudança no tamanho do percurso do movimento. Mas como descrever, em termos de metaplasmos, essa sensível mudança? Esse é nosso desafio para aprofundamento dos estudos metaplásticos na Libras.

	Oates	**Capovilla**
CM	16	16
L	EM	EM
M	C	C

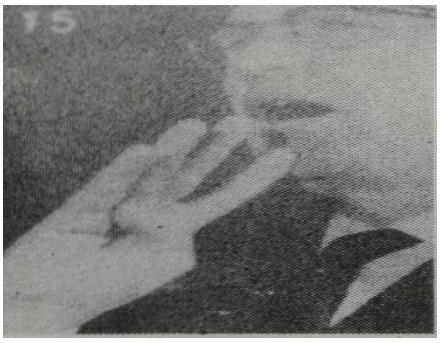
Figuras 78

Conhecer	
Oates, p. 32	 Capovilla, p. 803

O mesmo movimento e configuração de mão, a mudança é que o toque sai da lateral da boca para o queixo;

	Oates	**Capovilla**
CM	55	55
L	bochecha	queixo
M	-	R

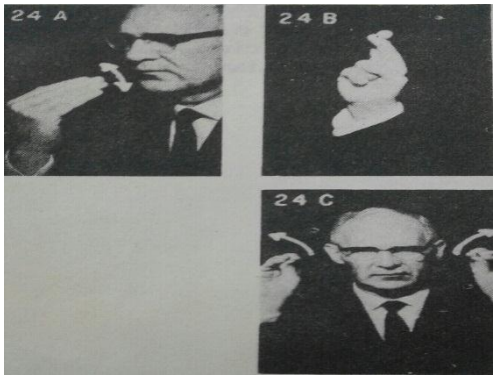
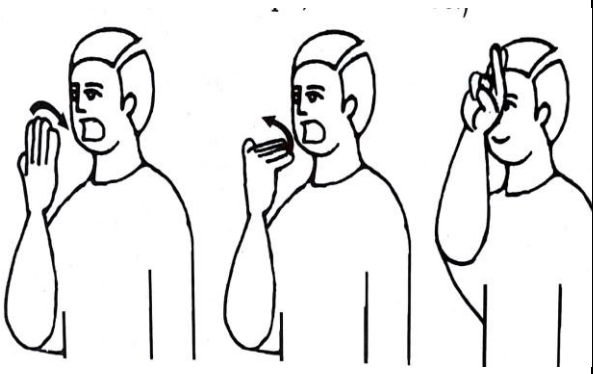
Figuras 79

Admirar	
 Oates, p. 20	Capovilla, p. 286

Neste caso muda-se a orientação da mão que em Oates é voltada para a esquerda e a locação que é no queixo e passa a ser no nariz em Capovilla;

	Oates	**Capovilla**
CM	55	55
L	queixo	nariz
M	-	-

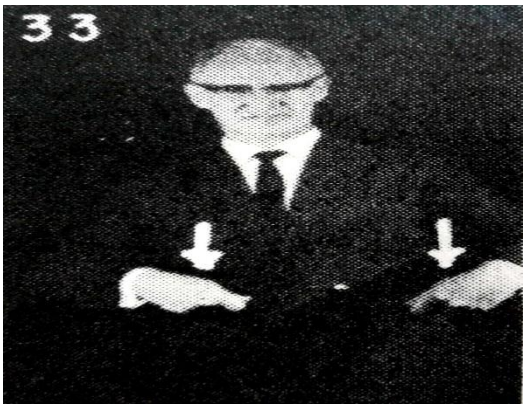
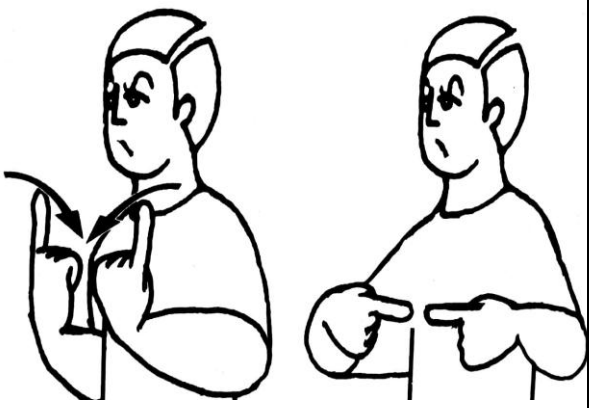
Figuras 80

Almoçar	
 Oates, p. 22	 Capovilla, p. 330

Nessa amostra é visível a subtração de segmento. Em Oates temos os sinais: COMER+MEIO DIA+DESPERTADOR. Em Capovilla, o DESPERTADOR é subtraído;

	Oates	**Capovilla**
CM	57/34/27	57/34
L	EN	EN/testa
M	SC	SC

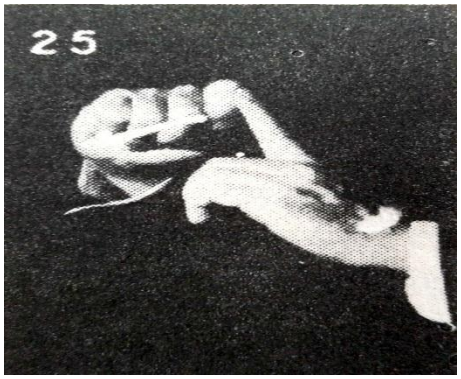
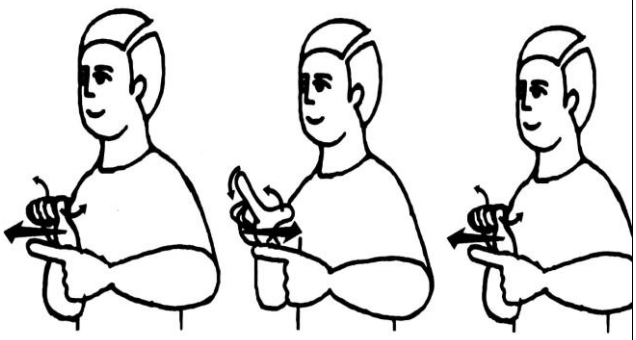
Figuras 81

Apostar	
	
Oates, p. 24	Capovilla, p. 392

M e L continuam iguais, o que muda é a CM de 1 para14.

	Oates	**Capovilla**
CM	1	14
L	EN	EN
M	SC	SC

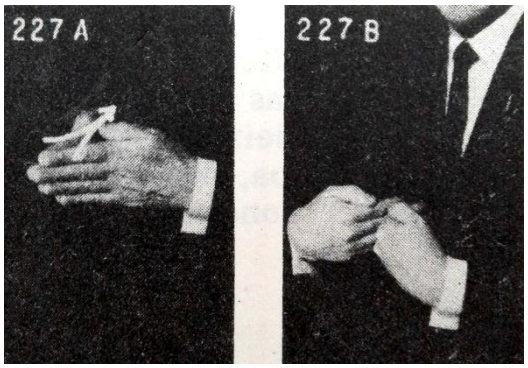
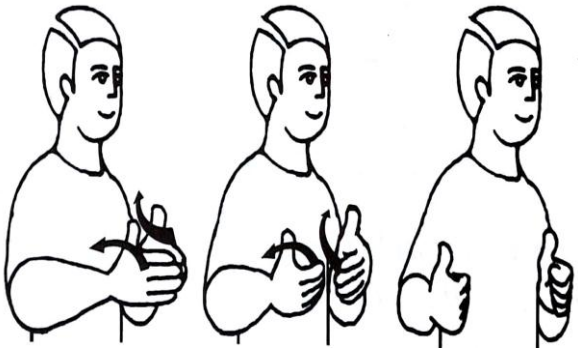
Figura 82

Aluguel	
 Oates, p. 22	 Capovilla, p. 336

Nesse caso, há uma pequena mudança da direção do movimento da mão ativa, de dentro para fora. Os demais parâmetros permanecem.

	Oates	**Capovilla**
CM	1/16	1/16
L	Dedo indicador da mão passiva	Dedo indicador da mão passiva
M	R	R

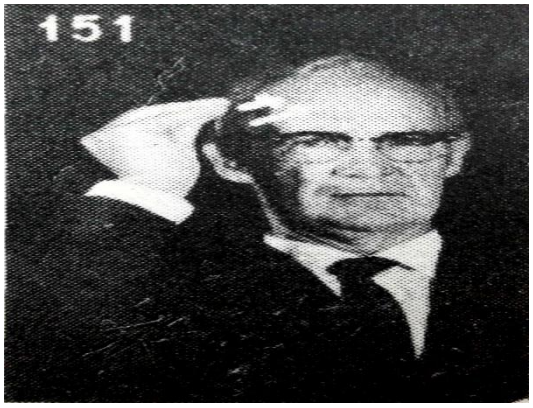
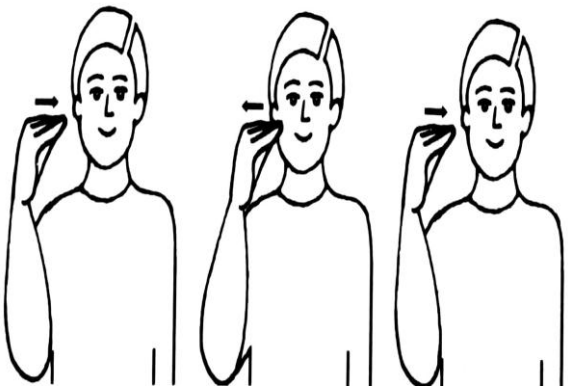
Figuras 83

Pedir	
 Oates, p. 63	 Capovilla, p. 1921

Neste sinal verifica-se uma leve mudança: as mãos continuam unidas até o final do movimento enquanto em Capovilla as mãos se separam;

	Oates	**Capovilla**
CM	56	57
L	Pontas dos dedos	Pontas dos dedos
M	SC	SC

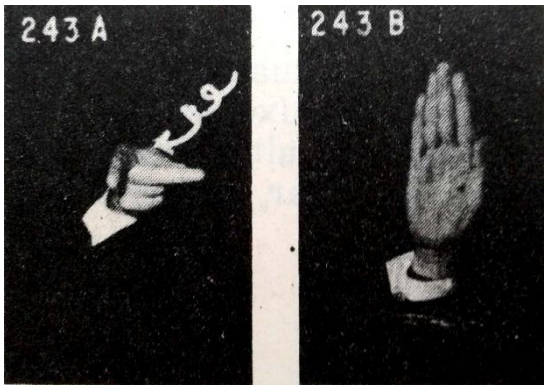
Figuras 84

Experimentar	
	
Oates, p. 48	Capovilla, p. 1.197

A única mudança verificada nessa amostra é a locação. Em Oates, o toque é na fronte, já em Capovilla o toque é na bochecha. Os outros segmentos permanecem;

	Oates	**Capovilla**
CM	27	27
L	fronte	Bochecha
M	R(2x)	R(2X)

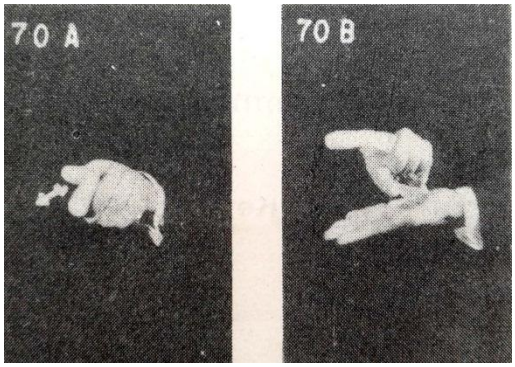
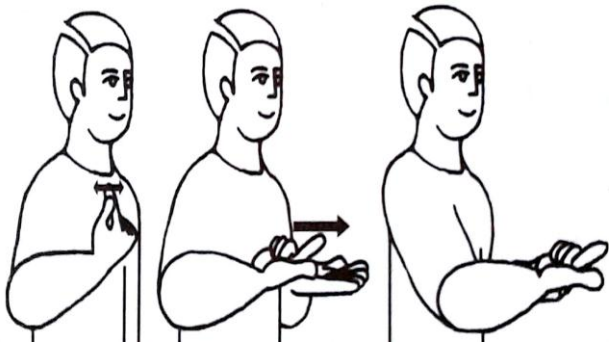
Figuras 85

Prometer	
 Oates, p. 66	Capovilla, p. 2056

Nessa amostra também há a subtração de parâmetros. Em Oates, temos um sinal composto: FALAR+ PROMETER. Em Capovilla é reduzido para PROMETER.

	Oates	**Capovilla**
CM	50/56	56
L	EN	EN
M	H	-

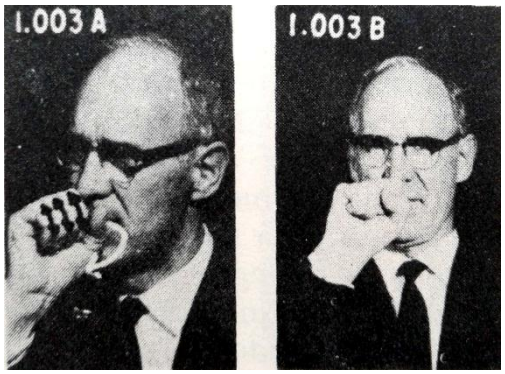
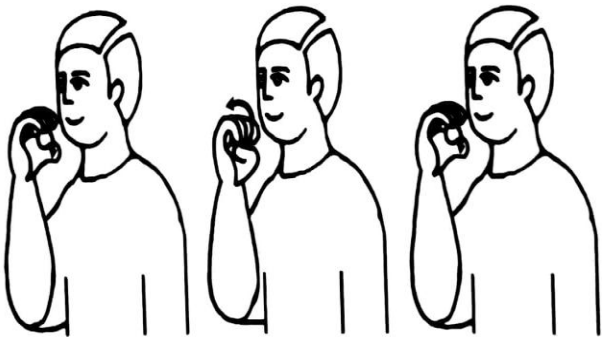
Figuras 86

Comprar	
 Oates, p. 31	 Capovilla, p. 779

O mesmo caso de redução de segmentos: DINHEIRO+COMPRAR em Oates, para COMPRAR em Capovilla. Há a redução total do sinal de DINHEIRO.

	Oates	**Capovilla**
CM	1/57	1/57
L	Palma da mão passiva	Palma da mão passiva
M	R	R

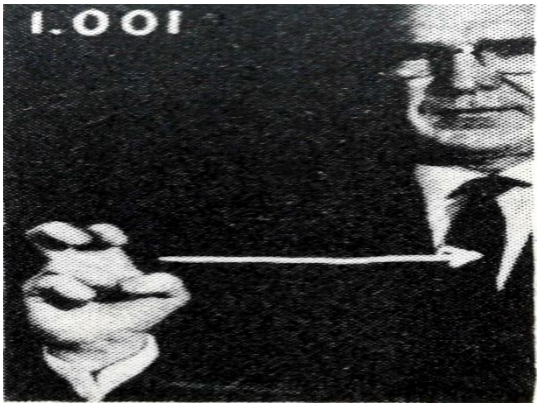
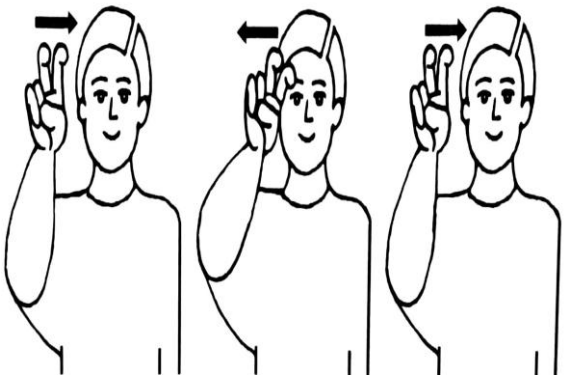
Figuras 87

Sábado	
 Oates, p. 239	 Capovilla, p. 2.201

Caso de subtração de parâmetro: de SÁBADO+ “S” para, somente, SÁBADO em Capovilla;

	Oates	**Capovilla**
CM	7	7
L	EN	EM
M	SC	SC

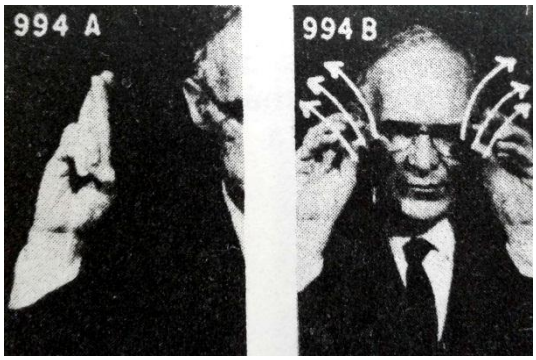
Figuras 88

Quinta-feira	
 Oates, p. 239	 Capovilla, p. 2.099

Nesta amostra, há mudança do espaço neutro para dois toques na fronte;

	Oates	**Capovilla**
CM	31	31
L	EN	fronte
M	R	R(2x)

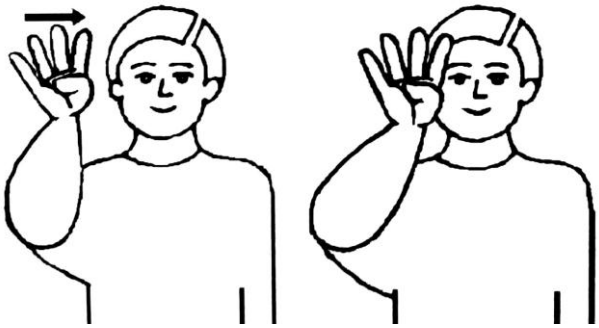
Figuras 89

Meio-dia	
 Oates, p. 237	Capovilla, p. 1685

Nesse caso, também há a subtração de elemento: sinal icônico de despertador. Há também a mudança do espaço neutro para a testa;

	Oates	**Capovilla**
CM	34/27	34
L	EN	testa
M	SC	-

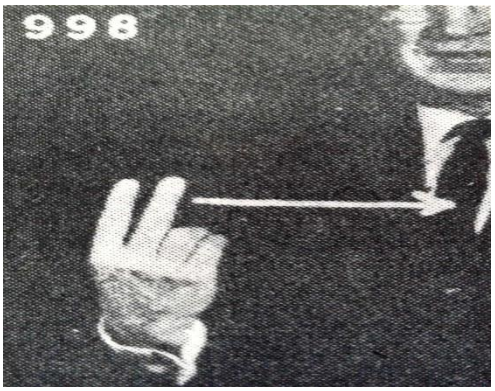
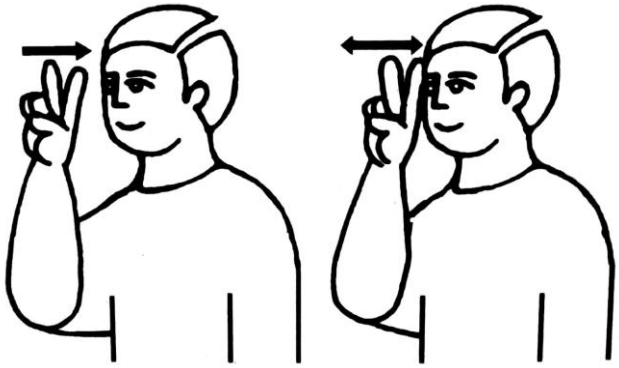
Figuras 90

Quarta-feira	
Oates, p. 238	 Capovilla, p. 2084

Muda-se a orientação de mão que em Oates é voltada para dentro e em Capovilla, para fora. Há alteração da locação do espaço neutro para dois toques na fronte;

	Oates	**Capovilla**
CM	55	55
L	EM	Fronte
M	R	R

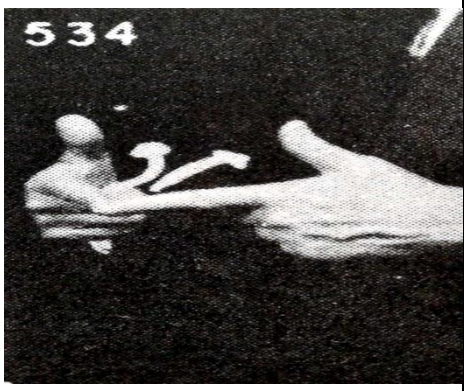
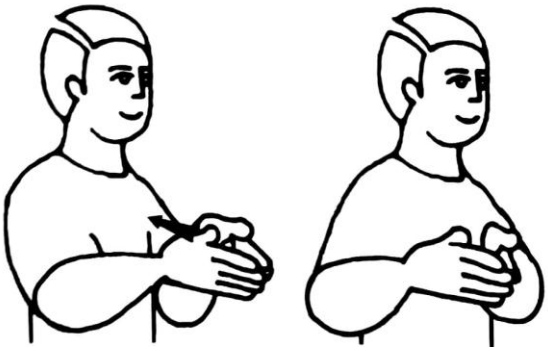
Figura 91

Segunda-feira	
 Oates, p. 238	 Capovilla, p. 2242

Muda-se a orientação de mão que em Oates é voltada para dentro e em Capovilla, para fora. Há alteração da locação do espaço neutro para dois toques na fronte mantendo-se a configuração da mão;

	Oates	**Capovilla**
CM	49	49
L	EN	Fronte
M	R	R

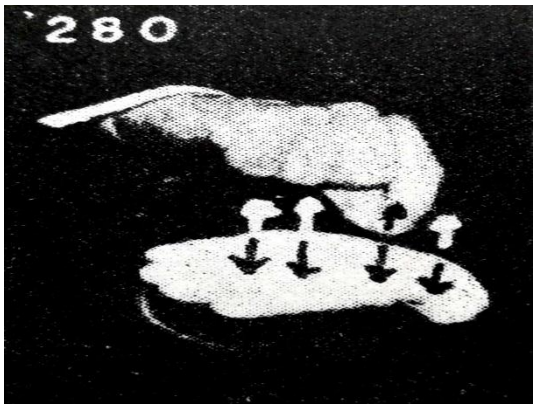
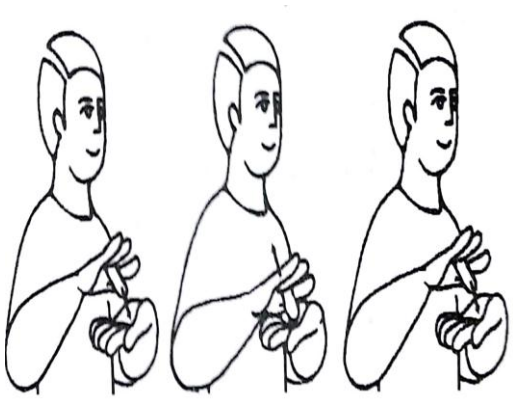
Figuras 92

Pedir	
 Oates, p. 126	 Capovilla, p. 1.571

Nessa amostra verifica-se somente a mudança de configuração de mão;

	Oates	**Capovilla**
CM	38	56
L	Ponta dos dedos	Ponta dos dedos
M	R	R

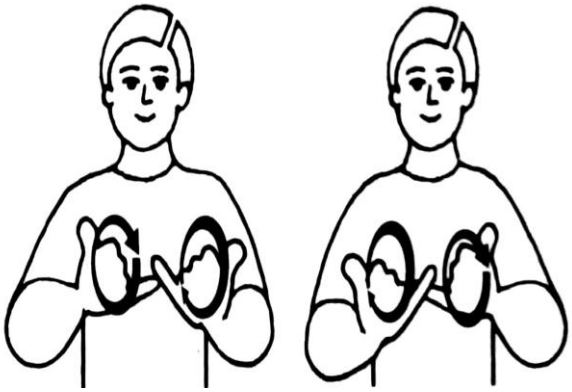
Figuras 93

Telegrafar	
	
Oates, p. 73	Capovilla, p. 2.344

Somente a mudança da configuração da mão ativa;

	Oates	**Capovilla**
CM	23	44
L	Palma da mão passiva	Palma da mão passiva
M	R	R

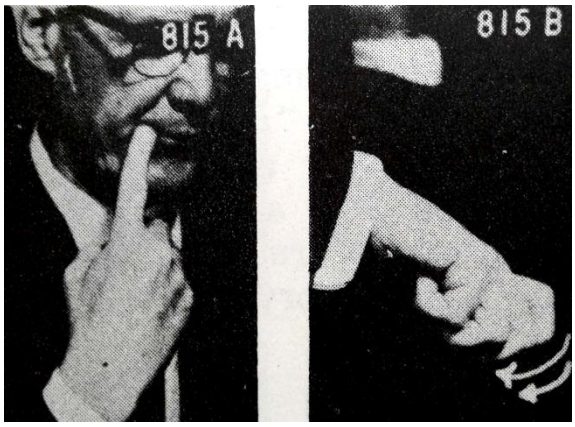
Figuras 94

Brincar	
Oates, p. 27	 Capovilla, p. 573

Uma pequena mudança na configuração de mãos. Os dedos polegares recolhidos em Oates, os demais segmentos permanecem;

	Oates	**Capovilla**
CM	3	4
L	EN	EN
M	C	C

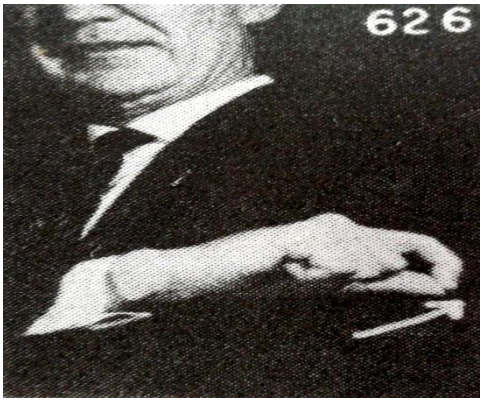
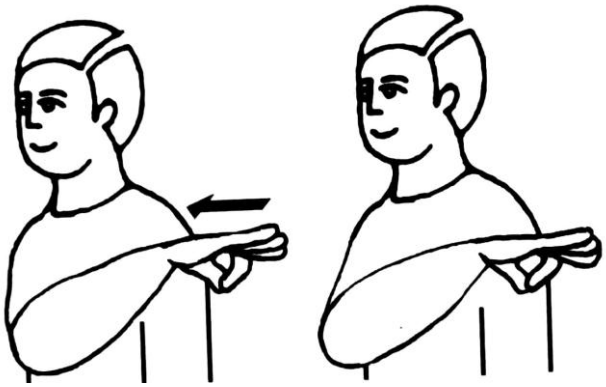
Figuras 95

Limão	
 Oates, p 189	Capovilla,p 1.575

O mesmo caso de subtração. O segmento formado pelo sinal icônico: “espremer limão” é reduzido permanecendo sinal de azedo;

	Oates	**Capovilla**
CM	14/1	44
L	boca	boca
M	-	-

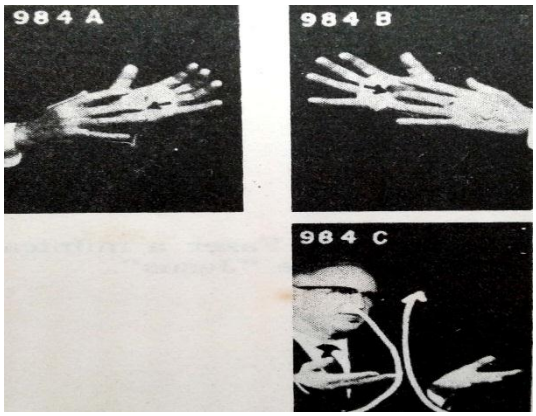
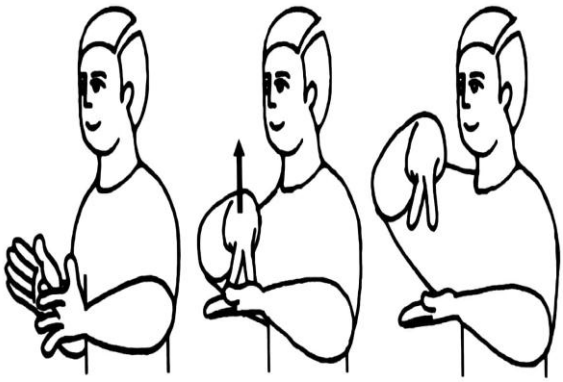
Figuras 96

Prefeitura	
	
Oates, p 144	Capovilla, p 2.032

L e o M continuam os mesmos entre o registro dos dois dicionaristas, porém, a (CM) sofre uma pequena alteração. Importante salientar que há mais uma variação regional da palavra “prefeitura” em Capovilla, mas, não tem ligação nenhuma com o sinal expresso por Oates;

	Oates	**Capovilla**
CM	20	44
L	braço	braço
M	R	R

Figuras 97

Natal	
	
Oates, p. 232	Capovilla, p. 1.905

Nesse caso, uma das exceções dos metaplasmos na Libras, apresenta uma mutação do segundo componentes do sinal.

	Oates	**Capovilla**
CM	41/61	41/49
L	Palma da mão	Palma da mão
M	R	R

No quadro de número 5, destacamos uma observação importante entre variação diastrática no que diz respeito a grupos de faixa etária diferente e variação diatópica (diferentes regiões). No primeiro caso, os sinais envolvidos ainda estão em uso, porém, em grupos de idades diferentes, já no segundo exemplo, um dos sinais entra em obsolencência para que se caracterize caso de variação diacrônica (no tempo). Fizemos esse realce para mostrar que variação diastrática (no caso de grupos etários), variação diacrônica e metaplasmos estão no campo dos estudos variacionistas, mas são fenômenos que se separam por viés. O primeiro necessita da existência dos sinais em uso, o segundo precisa que uma das formas entre em desuso, no terceiro não há existência de outra forma mas, a transformação na própria estrutura de um sinal.

Suponho que com a publicação do livro *Aspectos Linguísticos da Libras de* Strobel e Fernandes, que afirma que o exemplo abaixo seja a ocorrência de uma variação histórica, as pessoas tendam também a tratar os três fenômenos na mesma perspectiva de variação histórica. A seguir:

Figura: 98

(STROBEL, FERNANDES, 1996, p 3)

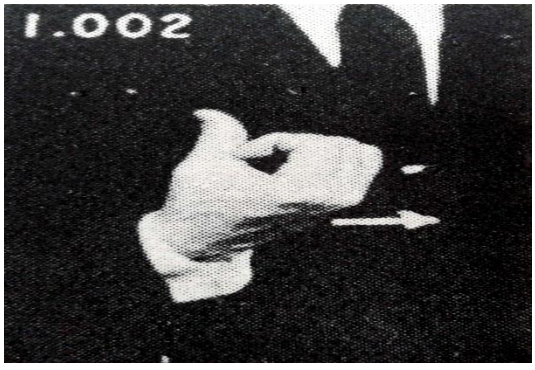
Porém, se analisarmos com mais cuidado veremos que se trata de um empréstimo linguístico, pois tomou emprestado a palavra AZUL da LP, seguido de um fenômeno metaplástico, pois não houve a permuta e sim a transformação estrutural do mesmo sinal.

Figuras 99

(STROBEL, FERNANDES, 1996, p 3)

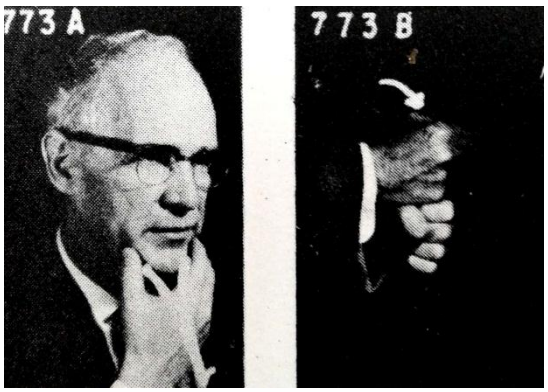
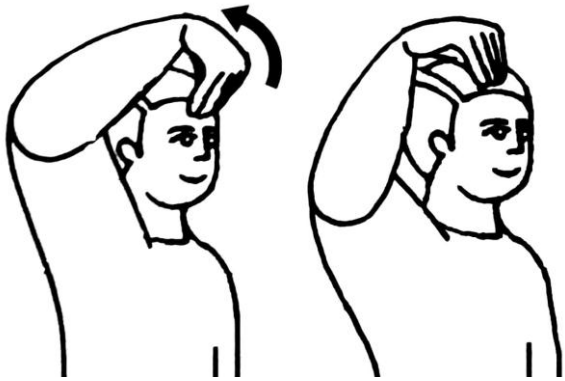
No próximo quadro, apresentaremos algumas variações diacrônicas entre os dicionários de Oates e Capovilla

Figuras 100

Variação Diacrônica	
Sexta-feira	
 Oates, p. 239	Capovilla, p. 2268

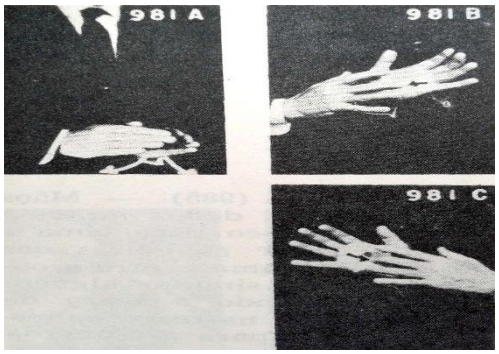
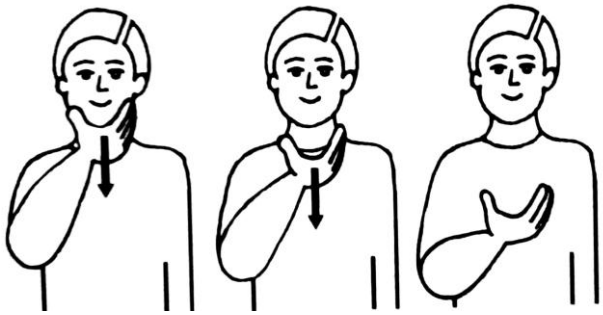
Houve uma alteração estrutural. O numeral “6” configurado na mão com movimento retilíneo no espaço neutro (em Oates), foi substituído por outro conjunto de segmentos, como mostrado em Capovilla.

Figura 101

Padrinho	
 Oates, p. 177	 Capovilla, p. 1.864

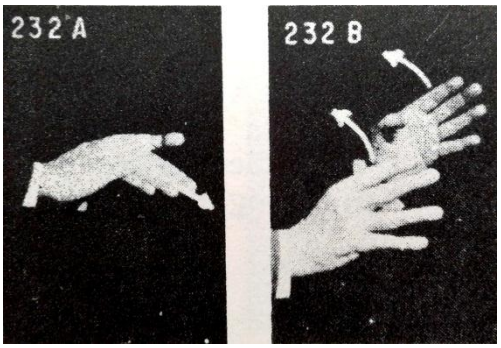
Esses sinais perceptivelmente não têm parentesco algum. Oates apresenta um sinal composto de HOMEM+ANO. Em Capovilla um sinal na testa representando iconicamente o ritual católico de um batismo.

Figura 102

Natal	
 Oates, p. 231	 Capovilla, p. 1.779

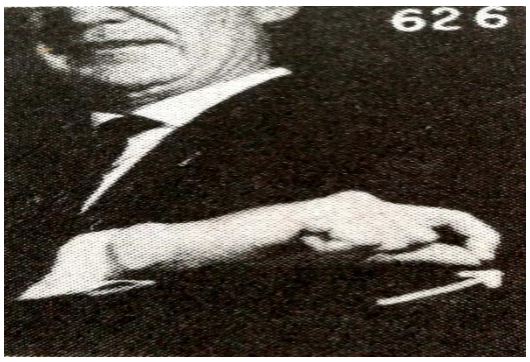
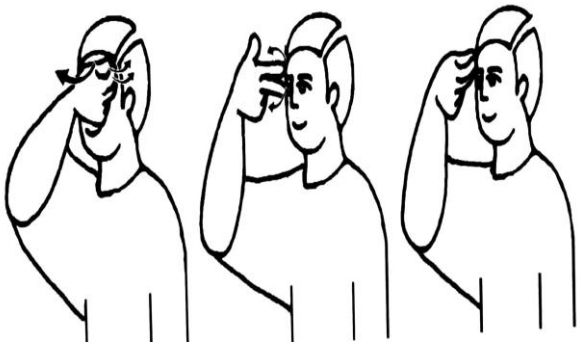
O primeiro sinal, de Oates se mostra na forma composta fazendo menção ao nascimento de Jesus e não faz conexão nenhuma com o segundo sinal, de Capovilla, que faz menção à barba do Papai Noel. Portanto, é fácil concluir a ocorrência de uma variação diacrônica, em relação ao mesmo referente, até porque o primeiro sinal entrou em obsolescência.

Figura 103

Perdoar	
 Oates, p. 64	Capovilla, p. 141

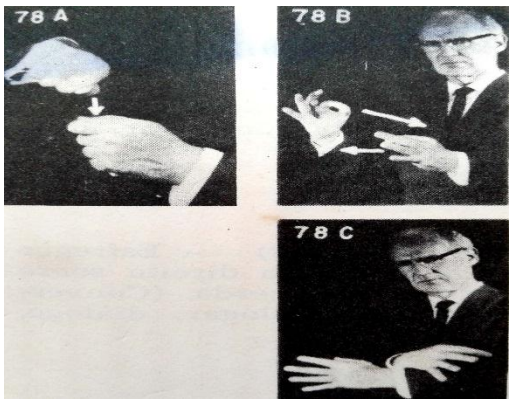
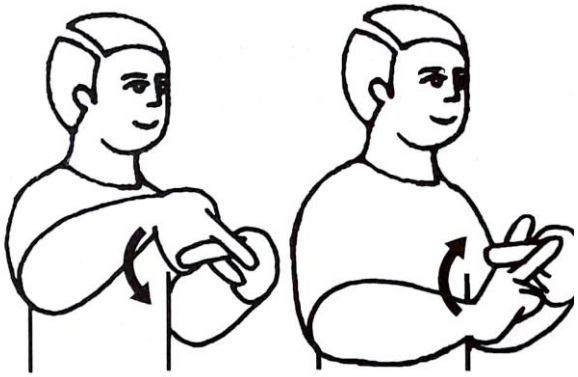
O primeiro sinal, de Oates se mostra na forma composta e não faz conexão nenhuma com o segundo sinal, de Capovilla, portanto, é fácil concluir a ocorrência de uma variação diacrônica porque o primeiro sinal entrou em obsolescência.

Figuras 104

Prefeitura	
 Oates, p 144	 Capovilla, p 2.032

A análise do sinal de PREFEITURA já foi feita no item 23, quadro 4 em relação à variação que corresponde metaplasmo. Agora, nesse caso, ocorre uma variação diacrônica, pois, os sinais não se ligam pelos parâmetros primários. Observem que a CM, L, M e OM são diferentes entre eles.

Figuras 105

Consertar	
 Oates, p 33	 Capovilla, p 807

Em Oates temos: FAZER+ARRUMAR+PRONTO. Em Capovilla o sinal icônico de apertar parafuso universalizou-se para todos os tipos de consertos. Algumas comunidades surdas a utilizam até para corrigir texto.

Nessa amostra foi verificado que os sinais, ao variarem diacronicamente, resultam em uma nova forma, quase sempre representa um sinal não composto. Em Oates os sinais compostos são comprimidos via fenômeno metaplásticos conforme mostraremos no quadro 6 a seguir. A incidência de metaplasmo na Libras que ocorre por supressão, presumimos, aconteça que seja justamente para facilitar, agilizar e dinamizar a execução na fala, ou seja, é a lei linguística do menor esforço agindo nos sinais.

Os processos de variação e de transmutação dos sinais são dependentes do dialogismo, estão condicionados à História, caminham no sentido a adaptarem-se um ao outro: língua e realidade social, por isso Labov nomeia essa perspectiva de encaixamento social. Entretanto,

não significa que as mudanças sejam regras, o léxico de uma língua está cercado por um invólucro altamente flexível, e, a todo momento, recebe informações externas que também as motivam. Funciona mais ou menos como uma célula humana. Contudo, como já dito, não é regra, assim escolhemos quinze sinais registrados nos dois últimos dicionários que permaneceram intactos em sua estrutura.

Figuras 106

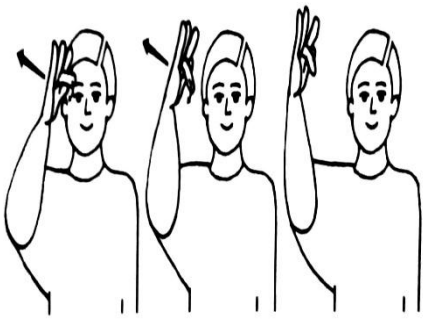
Permanências	
Amanhã	
Oates, p. 237	 Capovilla, p. 341

Figura 107

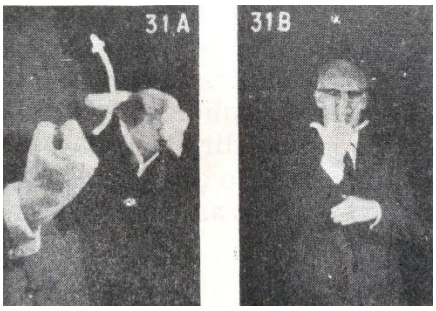
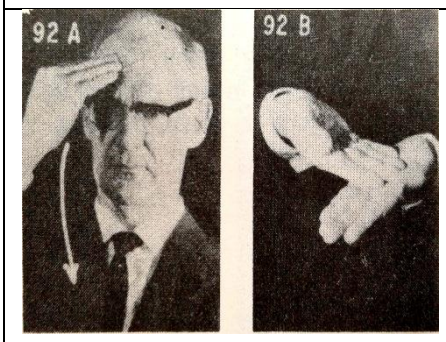
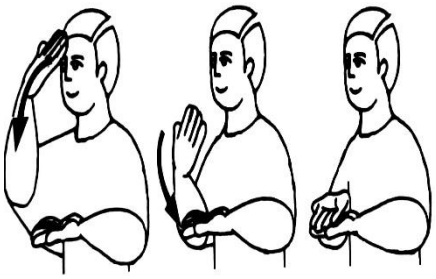
Aparecer	
 Oates, p. 84	Capovilla, p. 381

Figura 108

Acreditar



Oates, p. 36

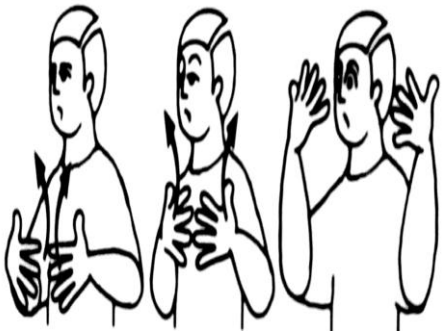


Capovilla, p. 278

Figura 109

Assustar

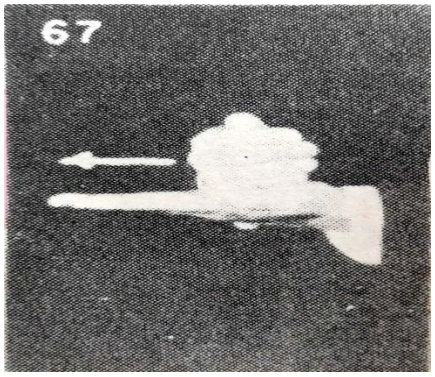
Oates, p. 25



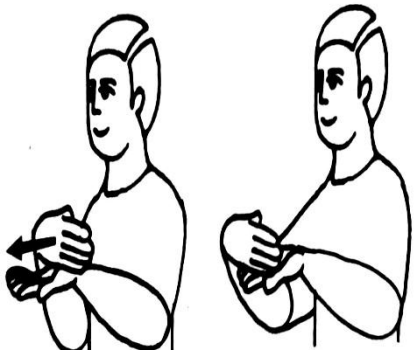
Capovilla, p. 438

Figura 110

Começar



Oates, p. 30



Capovilla, p. 768

Figuras 111

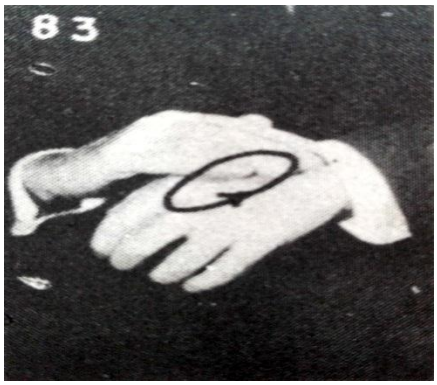
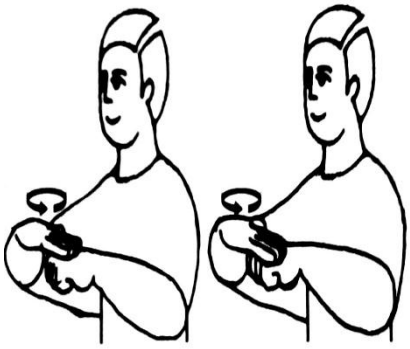
Conversar	
	
Oates, p. 34	Capovilla, p. 824

Figura 112

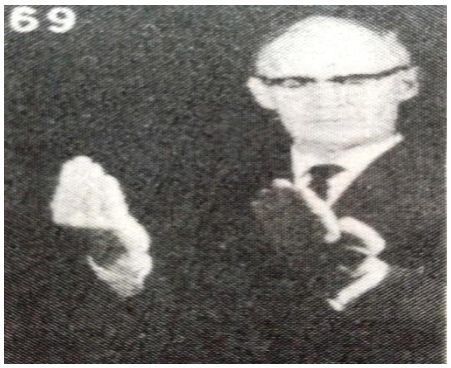
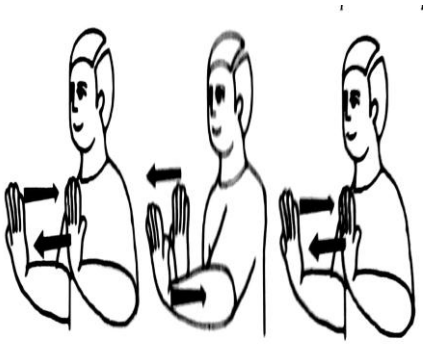
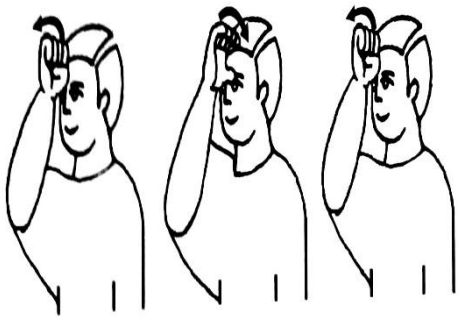
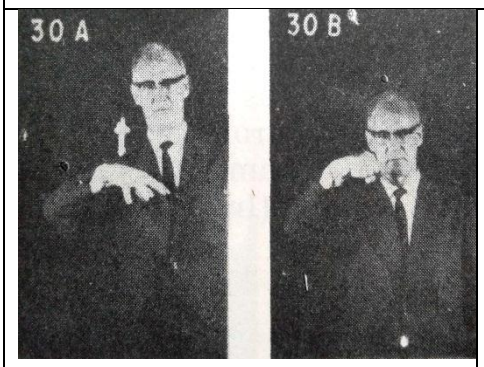
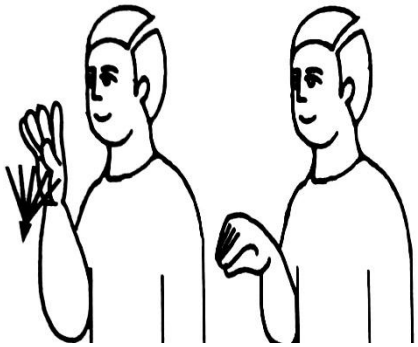
Comparar	
	
Oates, p. 31	Capovilla, p. 776

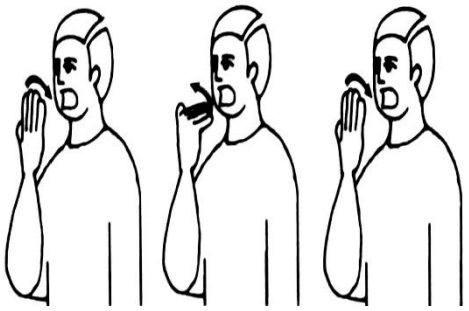
Figura 113

Aprender	
	
Oates, p. 24	Capovilla, p. 395

Figuras 114

Apagar (luz)	
 Oates, p. 23	 Capovilla, p. 378

Figuras 115

Comer	
Oates, p. 31	 Capovilla, p. 770

Figuras 116

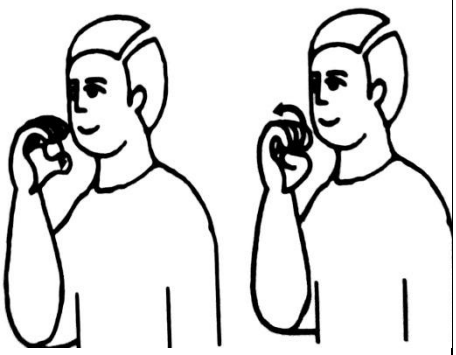
Laranja	
Oates, p. 189	 Capovilla, p. 1.543

Figura 117

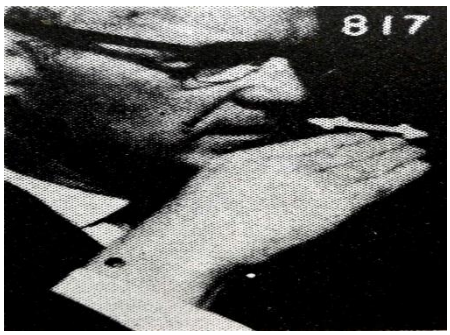
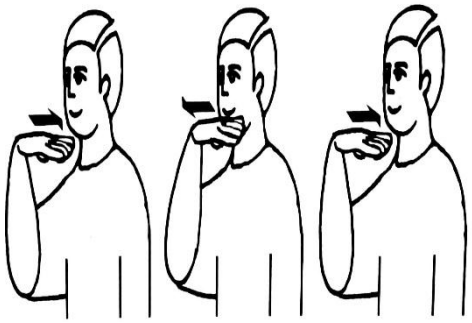
Manga	
 Oates, p. 189	 Capovilla, p. 1.639

Figura 118

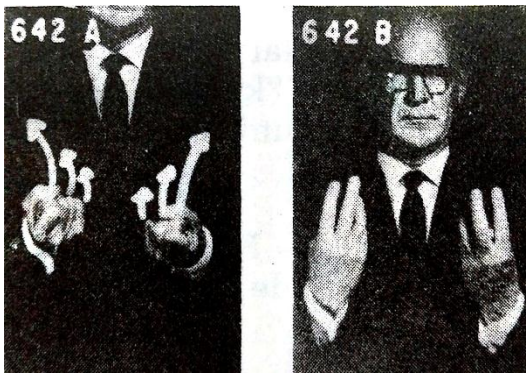
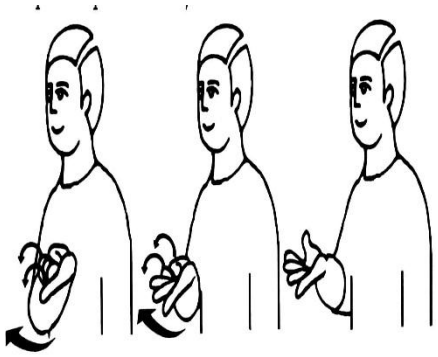
Quantidade	
 Oates, p. 147	 Capovilla, p. 2083

Figura 119

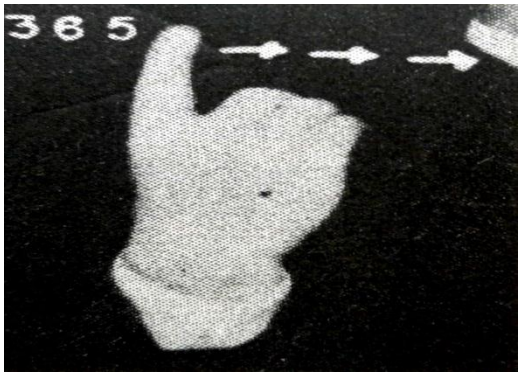
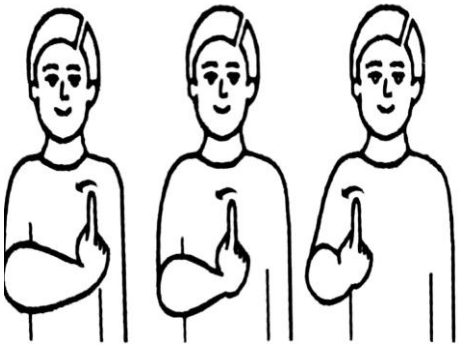
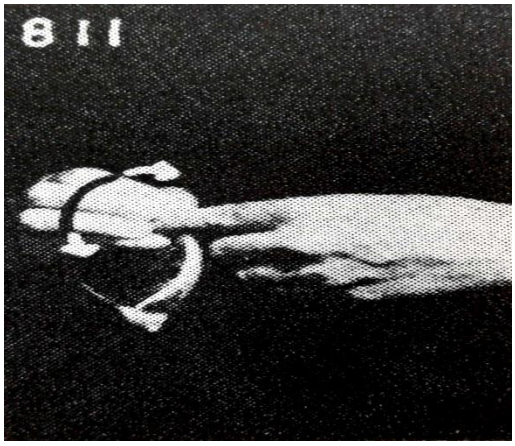
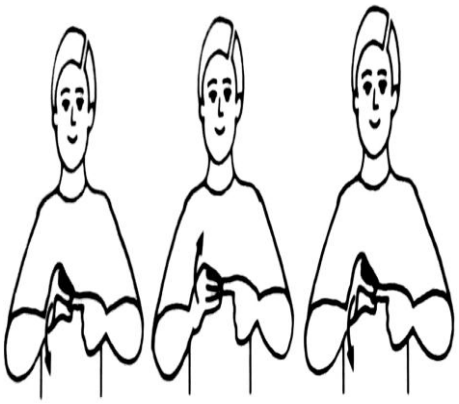
Cada	
 Oates, p. 93	 Capovilla, p. 411

Figura 120

Feijão	
 Oates, p. 188	 Capovilla,p. 1.232

Os estudos histórico-comparativos das línguas de sinais nos levam a importantes descobertas a respeito do movimento dos sinais, sobretudo, para identificar o que não é classificado como tal, contudo, a relevância dos estudos variacionistas vai além dos estudos quirológicos para identificação de parentescos dos sinais, nos fazem quebrar alguns paradigmas, desmistificar informações do senso comum.

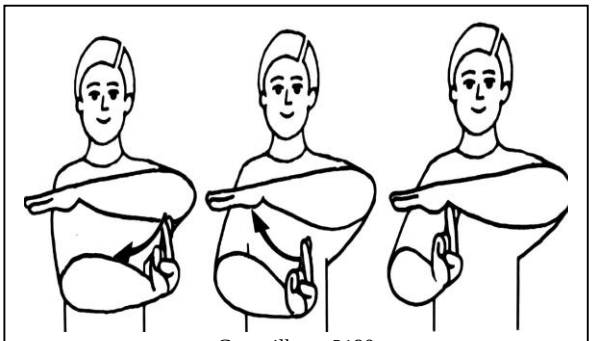
Ao dedicar estudo sobre metaplasmos, constatamos o sinal do "Estado de Rondônia" registrado no dicionário do padre Oates da mesma forma que se usa hoje, sem nenhuma alteração na sua estrutura. Cruzando informação com os dois sinais constantes no dicionário de Capovilla, percebi que há uma variação diatópica e não uma obsolescência em relação à segunda variação como difundido no senso comum. O sinal (2) apresentado por Capovilla está em uso no Estado de São Paulo e em algumas regiões do sul do Brasil e é o sinal mais recente em relação à sua variante (1). Outra análise é a respeito da inexistência de parentesco entre os sinais, embora a CM de mão em 'R' comum entre os dois não apresenta ligação histórica porque o primeiro sinal faz menção aos contornos da BR 364 segundo informações de alguns surdos da comunidade, já o sinal (2) se refere à ponte no município de Ji-Paraná, que pela qual, todos, que vinham por terra, teriam que passar para chegar à Capital. Essa hipótese está de acordo com as postulações de Calvet (2002, p. 23) sobre a necessidade de

estudos na exterioridade da estrutura da língua para explicar as mudanças internas. O uso da CM em “R” nos dois sinais é apenas coincidência de um período muito influenciado pelos teóricos oralistas que recorriam à datilologia para criação de novos sinais.

Figuras 121

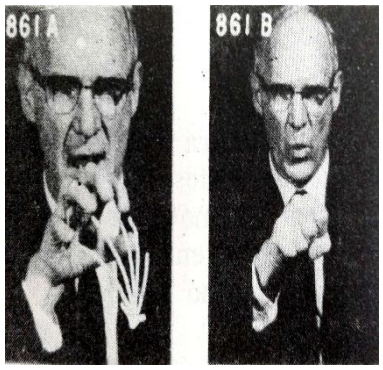
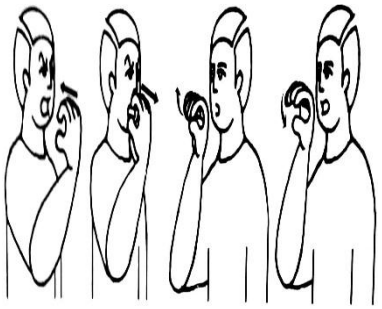
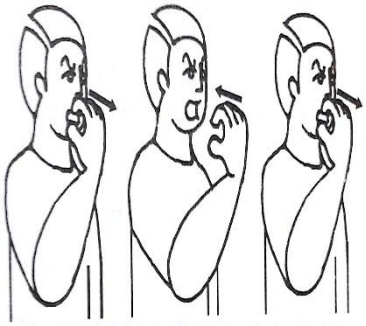
Rondônia	
Oates, p. 269	Capovilla, p. 2191

Oates apresenta o sinal de Rondônia com as mesmas configurações de Capovilla, CM de mão em ‘R’ tocando duas vezes na bochecha (L) em (M) semicircular.


Capovilla, p. 2190

Capovilla apresenta uma segunda variação mantendo a CM de mão em ‘R’, mas muda a (L) que sai da bochecha para a parte inferior do braço, continua com dois toques em (M) semicircular. A (OM) de mão entre os dois também é alterada, no primeiro para a esquerda e no segundo para fora.

Figuras 122

Cachorro		
 Oates, p 200	 Capovilla, p	 Capovilla, p (recortado)

Foi percebido que a maioria das alterações ocorrem entre os dicionários de Gama e Oates. O período compreendido entre o dicionário de Gama e Oates é o dobro do intervalo entre Oates e Capovilla. Logo, houve uma trajetória temporal maior para ocorrência de metaplasmos. A segunda hipótese seria a influencia da língua ASL sobre os registros de Oates, pois nos Estados Unidos desse período a educação de surdos já era bastante difundida e a ASL possuía vocabulário fortalecido o que poderia ter impactado as escolhas de Oates ao catalogar os sinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a evolução dos estudos sociolinguísticos, a partir da *Conferência da University of California* – UCLA, em Los Angeles, no de 1964, os linguistas vêm reforçando, cada vez mais, a ideia da influência social no movimento das línguas. Assim, a teoria de Saussure de língua como um sistema em si, não conforta a inquietude dos variacionistas que inauguram a fase inicial da sociolinguística, reforçando que a língua é um sistema autônomo, mas, na medida dos fatos sociais.

Stokoe em 1970, acompanha o avanço dos estudos linguísticos da década de 1960 e dá sua contribuição para o avanço dos estudos variacionistas das línguas de sinais a partir da publicação da teoria dos quiremas que são partes menores dos sinais como configuração de mãos (CM), Localização (L) e movimento (M). Logo após, são acrescidos, a esses parâmetros mais duas partículas: orientação de mão (OM) e expressões não manuais (EFC). A teoria de Stokoe foi complementada, mas, nunca refutada e sustentou várias pesquisas variacionistas no âmbito das línguas de sinais que inspira pesquisadores brasileiros até hoje.

Os estudos sincrônicos apontam para ocorrência de variações nas línguas de sinais; variação diatópica, variação diastrática, variação diafásica e variação diacrônica. Porém, para explicar as transformações na plástica dos sinais e, em especial, na Libras ao longo do tempo, se fez necessário um olhar mais focalizado para os estudos dos metaplasmos. Navegar por esse viés não descarta a teoria dos diacronistas de uma variação histórica, mas, não sustenta sozinha a explicação dos fenômenos metaplásticos na Libras ou de qualquer outra língua de sinais, por um simples indicativo; as variações são termos/palavras/sinais que existem simultaneamente: são coocorrentes ou concorrentes, assevera Labov (1973, p. 47). Porém, nos metaplasmos os termos não subsistem mutuamente, o que ocorre é uma metamorfose na plástica do sinal, uma alteração em um de seus parâmetros, impulsionada por fatores sociais diversos como a agilidade e conforto em sua execução.

Metaplasmo não é o estudo de sinais que se exauriram, nem o estudo dos sinais que se tornaram obsoletos, mas, o estudo dos sinais que subsistem com outra configuração. Os estudos diacrônicos, assim como as pesquisas variacionistas só serão possíveis e viáveis a partir de estudos sincrônicos e, portanto, sociais como afirma Calvet *apud* Meillet (2002, p

41) em *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Assim, estudar a língua de um povo é estudar a história desse povo.

Conectar as pesquisas sociolinguísticas aos estudos Pós-Coloniais seria um forma razoável de aprofundamento na história de um povo. O conhecimento histórico compreende o primeiro passo para a libertação de um indivíduo dentro da sua sociedade, pois a História é tudo: é o estudo do passado, do presente, das "verdades" e também tem a função desmistificadora. A História subjetiva a memória coletiva, a história é, portanto, um passo fundamental para o fortalecimento ou emancipação de um povo. O estudo dos metaplasmos, desencadeado na história, serve para desvendar um fragmento dentre vários, da língua do povo surdo.

A professora Nídia Limeira de Sá (2006, p 38) corrobora Bhabha sobre a subjetividade como produto social por meio da língua e materializado na História. Bhabha ainda chama atenção para o discurso colonial que inferioriza o "outro" e aconselha que o processo de descolonização seja não pelo uso de armas, nem voltando ao afeiçoamento aos costumes de seus ancestrais para guardar e fazer lembrar sua cultura, mas num posicionamento em um "entre-lugar". Isso significa um resgate à História de seu povo somente no sentido de tomar consciência de seu lugar no presente valorizando sua própria cultura. O processo de conscientização se dará pelo conhecimento e valorização de sua história e cultura, construindo o melhor combate contra os processos de subjetivação do discurso ambivalente do colonizador. Os estudos metaplásticos possuem mecanismos igualmente libertadores na medida em que trazem intrínseco nos estudos historiográficos e culturais um viés histórico de pertencimento.

No desenrolar desta pesquisa, apresentamos dimensionalmente, as variações ocorridas na Libras, constatamos e registramos alguns exemplos de processos metaplásticos que são como uma submodalidade das variações diacrônicas com exemplos extraídos dos três dicionários estudados em tempos diferentes. Toda essa abordagem nos possibilitou atingir os objetivos propostos nessa jornada.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail: *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1979. BERNARDINO, E. L. *Absurdo ou lógica? Os surdos e sua produção linguística.* Belo

BHABHA, Homi. *O local da cultura.* Editora UFMG: Belo Horizonte, 2005.

BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre:

BRANDÃO, S. F. *Geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1989. Horizonte: Profetizando Vida, 2000.CRYSTAL, D. Dicionário de Linguística e Fonética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,1988.

BRITO. Lucinda Ferreira. *Educação Especial: Língua Brasileira de Sinais*. 1997.

BONET, Juan Pablo. *Reduction de las letras y arte para enseñar a hablar los mudos.*Madrid.1619

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica. Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

_____, Luiz Carlos. *Análise fonológica*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002. SILVA, Thaïs C. Fonética e fonologia do português. São Paulo: Contexto, 2001.

_____, Luiz Carlos. *Análise fonológica*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002. CALLOU, D.; LEITE, Y. Iniciação à fonética e à fonologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

CALVET, Lois-Jean, *Sociolinguística: uma introdução crítica*/Louis-Jean Calvet; tradução Marcos Marcionilio. São Paulo:Parábola Editorial, 2002.

CÂMARA JR, J. Mattoso. 1970. Problemas de linguística descritiva. 3ª Ed. Petrópolis, Vozes

COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática histórica. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1974.

CAPOVILLA, Fernando César; Walkiria Duarte Raphael e Aline Cristina L. Maurício. *Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras)*: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

EDIPUCRS, 1999. LAMPRECHT, Regina (Org.). Aquisição *Fonológica do Português.* Porto Alegre: ARTMED, 2004.

FROMKIN, V. & RODMAN, R. An Introduction to Language. Forth Worth: 5ª ed., Harcourt Brace Jovanovich College, 1993.

_____, V. & RODMAN, R. *An Introduction to Language*. Forth Worth: 5ª ed., Harcourt Brace Jovanovich College, 1993.

FRISHBERG, N. *Some aspects of the historical change in American Sign Language*. Doctoral Dissertation, University of California, San Diego, 1976.

FARACO, Carlos Alberto, Linguística Histórica: Uma introdução ao estudo da história das línguas, São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GAMA, Flausino José da, *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos,* Rio de Janeiro; INES, 2011. (Série Histórica do instituto Nacional de Educação de Surdos; 1)

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de pesquisa social*: São Paulo. Editora Atlas S A, 2008.

KINDELL, G. E. *Guia de análise fonológica.* Brasília: SIL, 1981.Cadernos de Letras, Goiânia, Série Linguística, n. 7, UFG, 1996.

LYONS, J. *Introdução à Linguística Teórica.* São Paulo: Ed. Nacional/Ed. da USP,1979.

HOEMANN, H. *The Transparency of Meaning of Sign Language Gestures. Sign Language Studies* 7, 1975. p. 151-161.

JORDAN, J. K. & BATTISON, R. *A Referential Communication Experiment with Foreign Sign Languages*. Sign Language Studies 10, 1976. p. 69-80.

KARNOPP, L. B. *Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos*. Porto Alegre, PUC: Dissertação de Mestrado, 1994.

KARNOPP, Lodenir. *Diálogos Traduzidos.* Canoas, ULBRA, março de 2004. Tradução realizada por Lodenir Karnopp do diálogo entre surdos universitários. Fita 1, 50 min, col, 8mm, VHS. Fita de vídeo.

KLIMA, E. & BELLUGI, U. *Wit and poetry in American Sign Language*. Sign Language Studies 8, p.203-24, 1975.

LIDDELL, S. *American sign language syntax*. The Hague: Mouton, 1980.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*/ William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MUSSALIM, Ana Christina Bentes, organizadoras. *Introdução à linguística, domínios e fronteiras*, 9º Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

OATES, Eugênio C. SS.R, *Linguagem das Mãos*, Rio de Janeiro, Gráfica Editora Libro S A, 1969.

PIMENTA, N. e QUADROS, R. M. *Curso de Libras II*. Rio de Janeiro: LSBVideo, 2009. Disponível em: <www.lsbvideo.com.br>. Acesso em 18 out.2012.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, R. M. e STUMPF, M. R. (orgs). *Estudos Surdos IV. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008*. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/pesquisas-em-estudos-surdos/>. Acesso em 20 ago.2012.

SCHLEICHER, A. *Compendium der Vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen: kurzer Abriss einer Laut- und Formenlehre der indogermanischen Ursprache*. 4º Ed. Weimar. 1876.

STRNADOVÁ, Vera. *Como é ser surdo*. São Paulo, Saraiva, 2002

SKLIAR, C. (org.). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

SÁ, Nídia Regina Limeira, Educação de Surdos a caminho do Bilinguísmo. Editora da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 20ªed. São Paulo: Cultrix, [1916], 1995.

STOKOE, W. (1960) *Sign and Culture*: A Reader for Students of American Sign Language. Listok Press, Silver Spring, MD.

SILVA, Thaïs C. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 2001 SILVA, Thaïs C. *Exercícios de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2003.

VOLÓSHIVOV. Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem, problemas fundamentais do método sociológico da linguagem.* Editora 34: São Paulo, 2017

WEISS, H. E. *Fonética articulatória. Guia e exercícios*. 3A ed. Brasília: SIL, 1988.

WOODWARD, J. C. Jr. *Signs of change: historical variation in American Sign Language*. Sign Language Studies, 10: 81-94, 1976.

ZILLES,Ana M. *Estudos de Variação Lingüística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2005. BATTISON, R. *Lexical borrowing in American Sign Language*. Silver Spring, MD: Linstok, 1978.